



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE ARTES, TURISMO E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO MUSICAL
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

MARCELO MARINHEIRO DA SILVA

BANDA MASCULINA ACORDES CELESTES: Sua influência na
identidade musical e na formação profissional dos músicos

João Pessoa
2021

MARCELO MARINHEIRO DA SILVA

BANDA MASCULINA ACORDES CELESTES: Sua influência na
identidade musical e na formação profissional dos músicos

Monografia apresentada no Curso de
Licenciatura em Música da Universidade
Federal da Paraíba como requisito parcial para
obtenção do título de licenciado em Música,
área de concentração em Práticas
Interpretativas.

Professor orientador: Francisco de Assis
Santana Mestrinel

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586b Silva, Marcelo Marinheiro da.

Banda Masculina Acordes Celestes: sua influência na identidade musical e na formação profissional dos músicos / Marcelo Marinheiro da Silva. - João Pessoa, 2021.

106 f. : il.

Orientação: Francisco de Assis Santana Mestrinel.
TCC (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Música - TCC. 2. Banda Evangélica - Formação. 3. Escola de Música. 4. Música - Ensino. 5. Músicos - Formação profissional. I. Mestrinel, Francisco de Assis Santana. II. Título.

UFPB/CCTA

CDU 78(043.2)

MARCELO MARINHEIRO DA SILVA

**BANDA MASCULINA ACORDES CELESTES: Sua influência na
identidade musical e na formação profissional dos músicos**

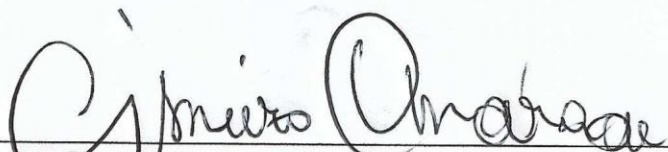
Monografia apresentada no Curso de
Licenciatura em Música da Universidade
Federal da Paraíba como requisito parcial para
obtenção do título de licenciado em Música,
área de concentração em Práticas
Interpretativas.

Aprovado em: 15/12/2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Francisco de Assis Santana Mestrinel (Orientador)
Departamento de Música - UFPB


Prof. Me. Císnio Soares de Andrade
Departamento de Música - UFPB

Prof. Me. Sandoval Moreno de Oliveira
Departamento de Música - UFPB

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, que é digno de toda honra e louvor, por proporcionar a mim mais uma conquista na minha vida, sem Ele nada seria possível.

A minha esposa Jessonia Pereira da Silva, aos meus filhos Marcelo Marinheiro da Silva Junior e Gleysiane Pereira da Silva pelo incentivo e cuidado sobre minha pessoa, especialmente a minha filha que foi como uma monitora durante os anos de estudo.

Aos meus pais José Marinheiro da Silva (*in memoria*) e Josefina Lúcio Cabral pelo seu esforço e dedicação pra dar o melhor pra mim e meus irmãos.

Ao pastor presidente Roberto José dos Santos Lucena, da Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Abreu e Lima em Pernambuco (IEADALPE) e ao Conselho de Regentes dos Órgãos Musical da Assembleia de Deus de Abreu e Lima em Pernambuco (CROMADALPE) pelo apoio e incentivo e por dar continuidade ao trabalho com a música.

A Banda Masculina Acordes Celestes por me receber como componente e, atualmente, maestro e contribuir para minha formação musical e educacional.

Agradeço aos meus primeiros professores da Escola de Música Assembleia de Deus (EMAD), Abertos da Cruz Lira e Waldemar Félix Pereira (*in memoria*) por sua paciência e dedicação aos seus alunos.

Agradeço aos maestros Policarpo Lira Filho (Maninho) e Paulo José de Lira (*in memoria*), que me conduziram para minha formação profissional. Como também, ao maestro Ademir Souza Araújo (Formiga) que me indicou para trabalhar na Banda Sinfônica da Cidade do Recife.

A Banda Sinfônica da Cidade do Recife, na pessoa do maestro Nenê Liberalquino e da Chefe de Divisão de Produção Artística Ivaneide Pereira do Nascimento, por me apoiarem durante todo o curso.

Ao professor Císneiro Andrade, com quem tive a oportunidade de ter aula de trompa durante toda a graduação, contribuindo para o aperfeiçoamento no instrumento. Minha gratidão a todos os professores que fizeram parte do processo de formação durante todo curso.

Aos colegas e amigos que tive o privilégio, ao longo desses anos de estudos, de estudar juntos Admário Vieira da Silva e Ivaneide Pereira do Nascimento.

Ao meu orientador Francisco Santana pela paciência e dedicação.

Um agradecimento especial a todos os músicos e maestros que com suas histórias de vida musical, colaboram para que este trabalho fosse realizado.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para essa construção.

RESUMO

O presente trabalho discorre acerca da trajetória da Banda Masculina Acordes Celestes da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Abreu e Lima Pernambuco, desde a sua fundação, passando pela influência das bandas militares na formação e disciplina, a fundação da Escola de Música da Assembleia de Deus e sua metodologia de ensino, ressaltando sua importância na formação profissional dos músicos. A metodologia de pesquisa se apoiou em cinco entrevistas, sendo três maestros que passaram pela banda e dois componentes. Buscou-se analisar e compreender a influência da Banda Masculina Acordes Celestes e do seu curso preparatório na formação da identidade musical e profissional dos seus integrantes dentro e fora dela, a fim de entendermos a relevância que a banda evangélica tem, tanto no meio religioso como também na vida pessoal e profissional daqueles que passaram por ela.

Palavras-chaves: banda evangélica, banda masculina, formação profissional, escola de música, metodologia de ensino.

ABSTRACT

This paper discusses the trajectory of the Male Band Acordes Celestes of the Evangelical Church Assembly of God in Abreu e Lima Pernambuco, from its foundation, through the influence of military bands in training and discipline, to the foundation of the Assembly of God Music School and its teaching methodology, highlighting its importance in the professional training of musicians. The research methodology was based on five interviews, three conductors who worked for the band and two members. We sought to analyze and understand the influence of the Banda Masculina Acordes Celestes and its preparatory course in the formation of the musical and professional identity of its members inside and outside it, in order to understand the relevance that the gospel band has, both in the religious and also in the personal and professional lives of those who have gone through it.

Keywords: evangelical band, male band, professional training, music school, teaching methodology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Banda Masculina Acordes Celestes com o fardamento característico militar sob a regência de Gideão Rosa.....	16
Figura 2 - Banda Masculina Acordes Celestes em desfile junto com os membros da igreja....	17
Figura 3 - Banda Masculina Acordes Celestes participando de concurso de bandas no canal 2, sob a regência de Gideão Rosa e com a execução do dobrado Liberdade do Senhor de maestro Vicente de Andrade, ganharam a troféu.....	18
Figura 4 - Banda Masculina Acordes Celestes participando da Cruzada evangelística do missionário Bernhard Johnson na cidade do Paulista em Pernambuco, no dia 10 de janeiro de 1991.....	18
Figura 5 - Banda Masculina Acordes Celestes sob a regência de José Pereira.....	19
Figura 6 - Banda Masculina Acordes Celestes sob a regência de Gideão Rosa.....	19
Figura 7 - Banda Masculina Acordes Celestes sob a regência do maestro Policarpo Lira.....	19
Figura 8 - Banda Masculina Acordes Celestes sob a regência de Luiz Pereira.....	20
Figura 9 - Banda Masculina Acordes Celestes sob a regência do maestro Paulo José de Lira.....	20
Figura 10 - Banda Masculina Acordes Celestes sob a regência do maestro Marcelo Marinheiro.....	20
Figura 11 - Figura 11 - Banda Feminina Maranata sob a regência do maestro Paulo Lira, em 1976.....	21
Figura 12 - Banda Feminina Maranata desfilando pelas ruas da cidade.....	22
Figura 13 - Registro do início da Escola de Música da Assembleia de Deus, em 1976.....	25
Figura 14 – Registro de caderno de aluna de música em 1983.....	26
Figura 15 – Aula de teoria musical da Escola de Música da Assembleia de Deus.....	26
Figura 16 – Aula de instrumento da Escola de Música da Assembleia de Deus.....	27
Figura 17 – Coral da Escola de Música da Assembleia de Deus.....	27

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	8
1. INTRODUÇÃO.....	9
2. METODOLOGIA.....	10
3. BANDAS DE MÚSICA.....	11
4. A MÚSICA NA IGREJA EVANGÉLICA.....	13
4.1 Comunidade Cristã e música secular.....	14
5. BANDA MASCULINA ACORDES CELESTES.....	15
5.1 Questões do gênero explícito na nomenclatura.....	21
5.2 Processos de ensino e aprendizagem.....	22
5.3 Repertório.....	28
5.4 Músicos formados pela banda.....	28
5.5 A importância da banda na vida das pessoas.....	36
5.6 Participação na banda e relações com a fé.....	38
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	41
APÊNDICE A – ENTREVISTA COM O MAESTRO PEDRO CARLOS DE LIMA	42
APÊNDICE B – ENTREVISTA COM O MAESTRO POLICARPO JOSÉ DE LIRA	49
APÊNDICE C – ENTREVISTA COM O MÚSICO ELIÚDO PEREIRA DE SOUZA	64
APÊNDICE D – ENTREVISTA COM O MAESTRO LUIZ PEREIRA DE SOUZA	71
APÊNDICE E – ENTREVISTA COM O MÚSICO DEIVID SANTOS DA SILVA	88

PREFÁCIO

Falar deste trabalho realizado pelo formando Marcelo Marinheiro da Silva é uma alegria. Afinal, após períodos de dedicado estudo, encerra seu Curso de Música na Universidade Federal da Paraíba de forma brilhante.

O Trabalho de Conclusão de Curso - BANDA MASCULINA ACORDES CELESTES: Sua influência na identidade musical e na formação profissional dos músicos, tem uma relação direta com a própria formação musical do autor, já que também foi forjado como músico nessa banda.

A Banda Masculina Acordes Celestes da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Abreu e Lima Pernambuco, desde a sua fundação, tem sido uma fonte inspiradora para muitas pessoas, inclusive levando-as a se profissionalizarem. Não é por acaso que há músicos espalhados em diversas bandas e orquestras no Brasil, saídos desta Banda Masculina.

Como Pastor da IEADALPE (Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Abreu e Lima Pernambuco), sinto-me honrado em prefaciар o TCC de Marcelo Marinheiro da Silva. Um grande homem, uma excelente ovelha e um brilhante músico a serviço da Igreja e da sociedade.

Parabéns!

Roberto José dos Santos Lucena
Pastor, Advogado, Educador
Presidente da IEADALPE

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho se propõe a apresentar o contexto histórico e cultural que influenciaram a identidade da música litúrgica utilizada nas igrejas evangélicas no Brasil, assim como as mais relevantes dentro do estado de Pernambuco que, por sua vez, tenham sido a maior base para formação da identidade musical das bandas evangélicas utilizadas durante a liturgia dos cultos no estado.

Partindo daí, serão apresentadas as possíveis influências musicais absorvidas pela Banda Masculina Acordes Celestes, fundada em 1942, com o objetivo de atender às atividades musicais desenvolvidas durante a liturgia dos cultos da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Abreu e Lima, Pernambuco. Estas influências estão presentes em seu repertório, ensaios e apresentações, seja dentro dos templos ou em praças públicas, desde sua fundação até os dias atuais.

Diante deste contexto histórico, será apresentado o surgimento da Escola de Música Assembleia de Deus (EMAD), responsável pela inicialização de novos músicos e, posteriormente, o principal curso preparatório para o ingresso na Banda Masculina Acordes Celestes. Atualmente, se destaca por preparar grandes músicos, os norteando até sua vida profissional dentro e fora das paredes do Templo da Assembleia de Deus na cidade de Abreu e Lima.

Buscaremos como objetivo principal deste trabalho analisar e compreender a influência da Banda Masculina Acordes Celestes e do seu curso preparatório na formação da identidade musical e profissional dos seus integrantes dentro e fora da banda, a fim de entendermos a relevância que a banda tem, tanto no meio religioso, como também na vida pessoal e profissional daqueles que passaram por ela. Buscamos compreender desde a metodologia, até a didática aplicada pelos professores do curso.

Foi despertado o interesse sobre a Banda Masculina Acordes Celestes porque através dela e dos cursos da E.M.A.D me tornei um profissional da música. O meu primeiro contato com música foi a partir desta Banda e seu curso preparatório foi a base para minha formação musical, assim como aconteceu com grandes nomes da música, que se destacam dentro e fora de Pernambuco.

2. METODOLOGIA

A metodologia aplicada para a coleta de dados históricos se baseou em uma revisão bibliográfica, visando encontrar os aspectos sociais que possam ter exercido influência sobre a identidade musical da banda; principalmente, que remetam ao período pertinente à sua fundação e estabelecimento de suas atividades.

Foram realizadas cinco entrevistas com ex-componentes, ex-maestros, componentes e alunos que foram iniciados na música e guiados ao mercado de trabalho através do serviço desenvolvido pela banda: (i) maestro Pedro Carlos de Lima que estudou música com o maestro, da época, Silvano para ingressar na banda, tocando trombone e depois chegou a ser maestro da mesma como também de outras bandas; (ii) maestro Policarpo José de Lira, estudou música com o maestro, da época, Gideão Rosa e entrou na banda como auxiliar do irmão que tocava bombo e, posteriormente, chegou a ser maestro da mesma como também de outras bandas; (iii) saxofonista Eliúdo Pereira de Souza que iniciou seus estudos na música com o maestro Policarpo Lira, na Escola Polivalente de Abreu e Lima para ingressar na banda da igreja e, atualmente, é músico da Banda Sinfônica da Cidade do Recife e permanece na Acordes Celestes; (iv) maestro Luiz Pereira de Souza iniciou na música com a ajuda dos músicos da própria banda, trombonista Moisés Oliveira e trompista Josué Oliveira, tocando sopranino e depois migrando para o clarinete, passou um tempo como maestro e, atualmente, o músico mais antigo na banda; (v) trompetista Deivid Santos da Silva que buscou aulas iniciais sobre música com o maestro da banda da Escola General Abreu e Lima, em seguida ingressou na Acordes Celestes, onde foi aprimorando o seu conhecimento na música com o maestro Marcelo Marinheiro e, atualmente, formado em trompete pelo Conservatório Pernambucano de Música e sargento músico do Exército Brasileiro.

Os dados demonstraram a influência que a banda e seu curso tiveram sobre a formação de seus alunos e membros, bem como a introdução de muitos no mercado de trabalho. As entrevistas foram transcritas na íntegra, além destes dados, o trabalho analisou documentos, fotos e vídeos da banda.

A entrevista com as pessoas buscou esclarecer aspectos como: trajetória musical de cada entrevistado, bem como suas motivações e preparações para ingressar na banda, qual a contribuição de estar na banda para a sua carreira na música e quais os pontos que se destacaram em seu processo de ensino e aprendizagem musical. A análise dos dados obtidos também contou com minha própria experiência pessoal como maestro da Banda, bem como o diálogo com a fundamentação teórica obtida a partir de uma revisão bibliográfica.

Após a análise das entrevistas, foi possível caracterizar a Banda Masculina Acordes Celestes, do ponto de vista cultural, dentro de seu contexto religioso e como formadora de músicos na região, bem como suas atuações e funções; identificar as motivações dos integrantes e ex-integrantes para ingressar na Banda; entender como a participação na Banda possibilita aos músicos seguir uma carreira musical profissional; refletir e analisar alguns aspectos dos processos de ensino e aprendizagem musical na Banda e como contribuíram para a formação dos músicos.

3. BANDAS DE MÚSICA

É difícil afirmar com precisão sobre a origem das chamadas bandas musicais, porém é algo muito antigo, que remonta a um tempo anterior a Cristo. Vemos os vestígios de grupos musicais à frente das legiões romanas, com tambores e instrumentos de sopro (HOLANDA FILHO, 2010).

Conjuntos musicais ambulantes marcaram a história egípcia ainda na época dos faraós, mas nada que se compare com o reinado de Davi diante do povo Judeu, onde a classe dos músicos alcançou um de seus apogeus. Contavam com pelo menos quatro mil músicos, entre instrumentistas, cantores e maestros, devido à finalidade religiosa da música presente, principalmente, na liturgia do culto. Aos músicos foram adicionados, pelo menos, vinte levitas, componentes de uma guarda destinados à Arca Santa no Tabernáculo (idem).

Muitos instrumentos de cordas, sopro e percussão formavam a musicalidade do povo judeu e acompanhavam o seu dia-a-dia, junto com cantos e danças, nas comemorações, festas religiosas ou despedidas, porém uma característica da música judaica é a ligação também com o seu militarismo. Servindo de incentivo para as suas tropas, faziam uso, principalmente, das trombetas, instrumentos produzidos inicialmente de chifres, e depois aperfeiçoados para madeira e metal (idem).

Até então, a formação desses grupos musicais não tinha características que os assemelhassem a formação de bandas que hoje nós conhecemos. Ainda segundo Holanda Filho (2010), esse nome foi adotado na Itália, à frente dos grupos militares, onde músicos munidos de instrumentos de sopro e percussão conduziam as tropas para os locais determinados, com uma formação um pouco semelhante a que conhecemos hoje. Porém, ainda há quem diga que o termo banda é o feminino da palavra bando, e que poderia ter surgido após a queda da Bastilha, em 1789, onde havia se popularizado as primeiras bandas de música (idem).

No Brasil, as influências de grupos musicais foram introduzidas a partir da chegada dos jesuítas, período que remonta ao século XVI e adquiriram características próprias com influência africana e indígena. Porém, continuavam com a sua essência musical sacra, atingindo o século XVII, onde deixou marcas históricas nas fazendas dos engenhos, até chegar às Vilas de Minas Gerais no século XVIII. Holanda Filho (2010, p. 32), narrando o relato de um francês que visitou a Bahia em 1610, conta que um homem muito rico possuía uma banda de música de trinta figuras, todos escravos negros, regidos por um francês provençal.

O início da influência musical com a formação de algo que se assemelhasse a uma banda, como hoje nós conhecemos, pode ter tido origem nacional com a chegada de Dom João VI, vindo de Portugal com a presença de um cortejo, tendo como seu séquito músicos que o acompanhavam nas viagens nas primeiras décadas do século XIX .

Essa banda de música composta por esses trinta escravos negros era chamada de charamelas.

Os conjunto de chameleiros ou de “choramelleyros”, aparece em crônicas do século XVIII em várias regiões brasileiras, com elogios à sua capacidade de interpretação, ao alto nível do repertório e pelos conhecimentos adequados de solfejo e teoria música. (AUXILIADORA DA SILVA *et al.*, 2015, p. 47).

Segundo Araújo (2000, p. 187 apud AUXILIADORA DA SILVA *et al.*, 2015, p. 47) os chameleiros apresentam-se sempre bem vestidos, o que era prova da riqueza de seus senhores. Ela antecedeu as bandas de música no século XIX, participando de festas como as novenas e procissões.

Então, diríamos que “a música africana é coeva da introdução dos escravos em Pernambuco”. Celebravam os africanos as suas festas com danças e cantorias, acompanhadas de instrumentos musicais fabricados e exclusivamente usados por eles, além das castanholas, bater de palmas côncavas, e de diferentes formas de assobios por eles inventados com muita variedade (AUXILIADORA DA SILVA *et al.*, 2015, p. 46).

Posteriormente, em 1814, as charamelas foram substituídas pelas bandas militares, mas continuaram desempenhando o papel das charamelas com maestria. Entretanto, foi a partir do final do século XIX que as bandas de música começaram a se proliferar por todos os estados do nosso país, criando nas principais cidades uma ou mais bandas de música. Podemos ver esse reflexo atualmente, pois temos várias bandas espalhadas por todo Brasil, seja ela civil, militar, marcial, sinfônica ou evangélica.

Holanda Filho define banda como:

Grupo artístico musical de interação social, composto por várias pessoas que se unificam formando uma só classe: músicos. Vê-se na banda pessoas de idade tocando ao lado de adolescentes, pretos ao lado de brancos, pai ao lado do filho, todos sem diferenças, executando seus instrumentos (HOLANDA FILHO, 2010, p. 47).

4. A MÚSICA NA IGREJA EVANGÉLICA

Historicamente, as bandas musicais, incluindo a Banda Evangélica em questão, têm forte influência das bandas militares.

Com a vinda de D. João VI para o Brasil, em 1808, chegam também as bandas militares, junto com a corte portuguesa. Portugal já era conhecida, desde o final do século XV, como centro de cultura musical da Europa, mostrando, assim, sua forte influência na formação de bandas do Brasil (MOREIRA, 2007, p. 31 apud PENNA *et al.* 2014, p. 46).

Analizando o perfil de alguns instrumentistas, como militares e maestros de bandas, pude perceber que, atualmente, uma grande parcela é oriunda de bandas evangélicas.

A música desempenha um papel importante na liturgia do culto, sendo desempenhada por cantores, corais, bandas e orquestras. Conforme afirma Lorenzetti:

A música não é um simples acessório, mas algo essencial. É um espaço que não é neutro, pois exige uma “roupa apropriada” para as ações litúrgicas (...). É um espaço que envolve os sentidos; o olfato, por meio de incensos; a audição, pela música e pela leitura; a visão, com imagens e cores; o tato, pelo aperto de mão. É um espaço feito de muitas pessoas, de muitos momentos, de muitas celebrações. Cada espaço, e a igreja inclui-se nisso, corresponde um tipo de identidade (LORENZETTI, 2012, p. 12 apud MÜLLER RECK *et al.*, 2014, p. 130).

No Brasil, segundo Souza (2002 apud SOUZA, P., 2009, p. 18), a música evangélica, durante o seu processo de formação, assimilou vários elementos oriundos da música popular, o que a converte num fenômeno complexo e dinâmico.

Segundo Martinoff (2010, p. 68), as igrejas protestantes, em função da valorização da música em seus cultos, enfatizam a educação musical, ainda que informalmente. Dessa maneira, o principal papel do curso preparatório para ingresso na Banda Masculina Acordes Celestes é manter a música sempre viva dentro dos cultos, contribuindo para o momento de adoração a Deus.

Segundo Blazina (2013, p. 11-12 apud SOTTI SOLLER *et al.* 2018, p. 5), muitos músicos que tiveram sua iniciação musical na igreja, restritos a estilos e formas musicais da música congregacional, buscam posterior aperfeiçoamento em conservatórios ou universidades. Na Banda Acordes Celestes não foi diferente, pois uma boa parte buscou aperfeiçoamento em cursos superiores e técnicos, como os de Institutos Federais, a Escola

Técnica Estadual de Criatividade Musical, o Conservatório Pernambucano de Música e o Centro de Educação Musical de Olinda. Sobre isso, o maestro Policarpo Lira (que atuou frente à Banda Acordes Celestes) afirma que foi se organizando, participando de pequenos cursos, conhecendo escolas de música e, com o passar do tempo “a gente estudava mesmo o instrumento e fomos estudar no conservatório” (entrevista concedida em 25/09/2021).

As igrejas, além de servirem como um ambiente de iniciação musical, em muitos casos, são elas que oferecem o estímulo que falta por parte da família ou da escola regular, permitindo que as pessoas possam imaginar seguir uma carreira musical (TRAVASSOS 1999, p.133 apud SANTOS, 2019, p.21).

Mesmo as igrejas oferecendo os cursos de música com o objetivo de manter a música presente dentro dos cultos, estes processos formativos influenciam a vida profissional dos participantes para além da questão religiosa.

4.1 Comunidade cristã e música secular

A visão da comunidade cristã em relação aos músicos que exerciam sua profissão fora do ambiente religioso, muitas vezes, era de pessoas condenadas e incompreendidas por outros irmãos e líderes, pois não se tinha o entendimento de que a música poderia ser uma profissão. Em sua fundação e primeiras gerações, os professores da banda Acordes Celestes, mesmo com seu conhecimento musical, tinham outras profissões não relacionadas com a música, como de jardineiros, trabalhadores industriais, relojoeiros. Ou seja, necessitavam de outro ofício além da música para ter uma renda.

Quando os músicos começaram a se entender como profissionais, estudando em escolas técnicas e universidades, perceberam que poderiam gerar renda com a música, não sendo necessário ter mais uma profissão além desta. Porém, sofreram represálias por parte das gerações anteriores que não viam com bons olhos aqueles que decidiam gerar renda com a música, por causa da presença em ambientes considerados inapropriados, como o caso dos músicos de baile, como eram chamados, especialmente, quando atuavam nas festas carnavalescas. Segundo o entrevistado Luiz Pereira, “a igreja não permitia... tinha uns músicos que tocavam carnaval [e] era um escândalo” (entrevista concedida em 25/09/2021).

Um músico para garantir sua renda, manter a si e a sua família financeiramente, necessitava fazer apresentações em diversos tipos de eventos e locais. Infelizmente, nas primeiras fases da banda os músicos que diversificavam sua atuação ainda não eram compreendidos e, por esta visão preconceituosa, eram vistos como indignos de tocar na banda

da igreja por sua atuação fora dela. Entendia-se que estes faziam parte de situações que iam de encontro às Escrituras Sagradas, fazendo com que as pessoas que os ouviam tocarem fossem levadas a transgredir a vontade de Deus em suas vidas, e que o músico tinha responsabilidade sobre estas atitudes.

Com o tempo houve uma melhora quanto a isso, pois os músicos estão sendo melhor compreendidos quanto a tocar em casamentos, recepções corporativas, formaturas, bandas de concerto, exceto, ao tocar na festa carnavalesca e de São João.

5. BANDA MASCULINA ACORDES CELESTES

Fundada no mês de novembro do ano de 1942, pelo então pastor Joaquim Gomes da Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Abreu e Lima em Pernambuco (IEADALPE), sob o comando do maestro José Rodrigues Marques (Canhoto), a banda musical contava com trinta e um músicos do sexo masculino. O conjunto tinha como finalidade desenvolver a parte musical utilizada durante a liturgia dos cultos. Consideramos que a Banda Masculina Acorde Celestes é uma das primeiras bandas evangélicas do Brasil, de acordo com o ano e sua estrutura composta por instrumentos de palhetas, metais e percussão. Conforme o maestro Pedro Carlos afirma: “a banda de música de Abreu e Lima é considerada a primeira banda de música no Brasil, pode até ter alguma mais antiga do que ela, mas não tem conteúdo. As bandas de música de São Paulo, Rio de Janeiro, só tinha de banda o nome” (entrevista concedida em 30/05/2021). O maestro Luiz Pereira também comenta sobre isso:

A banda de Abreu e Lima é a primeira banda evangélica do Brasil, porque até Recife queria ganhar isso, e disse que era mais velho que a gente. Mas acontece que, veja bem, Ricardo conhece isso, e Canhoto também confirmou, o que tinha no Recife não era banda, porque não tinha a percussão, era uma orquestra, eles tinham trombone, tinha saxofone, clarinete, tuba, tinha tudo mais eles não tinham percussão ainda não. Porque quando Abreu e Lima foi tocar em Casa Amarela, não, foi tocar no Recife, que foi com a bateria, tanto obreiro quanto os membros saíram dizendo “minha barriga está inchada, que esse bombo faz inchar a barriga da gente”, criticando por causa do bombo, tinha bateria, e tinha o bombo, e tinha tarol, tinha prato. Aí por isso que a nossa banda iniciou logo como banda, e a do Recife iniciou como orquestra, sem ter bateria. Depois que virou banda musical, porque banda musical que não tem percussão, ela é uma orquestra assim, mas não é considerada uma banda musical, ela só é banda musical, assim (entrevista concedida em 25/09/2021).

A apresentação inaugural da banda foi no dia 25 de dezembro de 1942 e teve a execução dos hinos 442 e 416 da Harpa Cristã¹, “Confiança”, “Guia-Me Supremo Deus

¹ A Harpa Cristã é o hinário oficial das Assembleias de Deus no Brasil. “Ela foi especialmente organizada com o objetivo de enlevar o cântico congregacional e proporcionar o louvor a Deus nas diversas liturgias da igreja: culto público, santa ceia, batismo, casamento, apresentação de crianças, funeral, etc. A sua primeira finalidade é

(Purpurino)”, “Rocha Eterna” e “Jesus Cristo Filho De Deus”. Sua primeira apresentação fora da igreja foi no Orfanato de Beberibe, na cidade de Olinda em Pernambuco.

Até a década de 1980, a Banda Masculina Acordes Celestes buscava referências nas bandas militares quanto ao fardamento, organização e por vezes até na execução de algumas músicas de seu repertório. Isso se deve ao fato de que alguns maestros que passaram pela banda, como Manoel Bernardino e Severino Bezerra, eram militares e incorporaram tais características ao grupo através das fardas e disciplina.



Figura 1 - Banda Masculina Acordes Celestes com o fardamento característico militar sob a regência de Gideão Rosa.

Fonte: arquivo pessoal do músico Carlos Ferreira

Segundo descreve Silva (1998, p. 41), “as bandas civis herdaram das militares a disciplina, no estudo e na maneira de primar pelo asseio e limpeza dos instrumentos, bem como na apresentação dos seus uniformes”. O maestro Luiz Pereira confirma:

E essa banda nossa, ela tocava mais no campo do Recife do que no nosso aqui, porque o campo do Recife era muito grande, e os pastores dos campos, é Ribeirão, é Palmares, Barreiros, e essa região da Zona da Mata todinha, aqui pro lado de Goiana também, a gente tocava muito, e quase toda semana a banda estava viajando, pra tocar pra o Recife, porque os pastores gostavam muito da nossa banda porque, não sei se por que a gente era mais crente do que os outros, ou era a rigorosidade dos maestros, então onde chegava não se bagunçava, a alimentação que tivesse a gente comia, não tinha problema (...) (entrevista concedida em 25/09/2021).

transformar nossas igrejas e congregações em comunidades de perfeita adoração ao Único e Verdadeiro Deus. A primeira edição foi lançada na cidade de Recife, em 1922. Contém 640 hinos que são entoados nos cultos congregacionais. A primeira versão conhecida com letra e música data de 1929 com originais manuscritos e copiada em processo mimeográfico. Em 1941, teve sua primeira edição impressa, tendo participado deste trabalho os irmãos Samuel Nyström, Paulo Macalão, Jahn Sorheim e Nils Katsberg. Em Janeiro de 1999, a CPAD - Casa Publicadora das Assembleias de Deus - publicou a Harpa Cristã Revisada e Ampliada com 640 hinos" (Manual da Harpa Cristã, edições Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1ª edição, 1999, p. 11-16).

A banda foi criada com a finalidade de não apenas tocar durante os cultos (embora tenha sido essa sua função primordial), mas também participar de desfiles, batismos, cultos em praças e cruzadas evangelísticas. A banda de música participava de comemorações diversas como a do “Dia da Bíblia”, anualmente, com desfile pelas ruas Abreu e Lima e em todo Pernambuco, fazendo-se presente também em grandes aglomerações evangélicas e públicas. Maestro Luiz Pereira afirma:

A gente fez muitas viagens, tocamos muito em desfiles, cansativos, mas a gente enfrentava tudo aquilo, nas inaugurações. Naquele tempo era com muita dificuldade que a gente ia fazer aquelas viagens, algumas que Marcelo não estava tocando, e a gente viajava em caminhões, e eu tinha um fardamento da marinha que tinha platinas e botões dourados e tal, era o fardamento (entrevista concedida em 25/09/2021).

Posteriormente, com o maestro Zeca Pereira, esse fardamento foi modificado conforme o maestro Luiz Pereira comenta:

Depois, o maestro mandou tirar, “não quero esse negócio de graduação aqui”, aí ficou a farda normal, mas sem fitas, só com as platinas azul, mas as divisas ele mandou tirar. E ele tinha razão, além disso, era militar nessa época, ele usava a farda dele também e era sem divisa (entrevista concedida em 25/09/2021).

A Acordes Celestes exerceu e exerce uma grande atividade visitando as congregações que estão espalhadas dentro de todo estado de Pernambuco, inclusive participando da inauguração de grande parte dos templos da IEADALPE.



Figura 2 - Banda Masculina Acordes Celestes em desfile junto com os membros da igreja.
Fonte: Acervo pessoal do músico Carlos Ferreira.



Figura 3 - Banda Masculina Acordes Celestes participando de concurso de bandas no canal 2, sob a regência de Gideão Rosa e com a execução do dobrado Liberdade do Senhor do maestro Vicente de Andrade, ganharam o troféu.

Fonte: acervo do músico Carlos Ferreira.



Figura 4 - Banda Masculina Acordes Celestes participando da Cruzada evangelística do missionário Bernhard Johnson na cidade do Paulista em Pernambuco, no dia 10 de janeiro de 1991.

Fonte: acervo pessoal do maestro Marcelo Marinheiro.

Durante os 79 anos de existência, a Banda Masculina Acordes Celeste esteve sob a batuta dos seguintes regentes: José Rodrigues Marques (Canhoto) de 1942 a 1945; Cristiano Silvano de 1945 a 1948; Manoel Bernardino de 1948 a 1952; Pedro Carlos de Lima só a metade do ano de 1952; Severino Bezerra (Guinga); Vicente de Andrade (Ferrolho); José Pereira de Albuquerque; Gideão Rosa dos Santos; Valdemar Félix Pereira; Policarpo Lira Filho de 1984 a 1996; Luiz Pereira de Souza de 1996 a 1997; Paulo José de Lira de 1997 a 2000 e desde 2000 até hoje a banda está sob a batuta dos maestros Marcelo Marinheiro da Silva e Haniel Ulisses da Silva.



Figura 5 - Banda Masculina Acordes Celestes sob a regência de José Pereira.
Fonte: acervo pessoal do maestro Marcelo Marinheiro.



Figura 6 - Banda Masculina Acordes Celestes sob a regência de Gideão Rosa.
Fonte: acervo pessoal do maestro Marcelo Marinheiro.

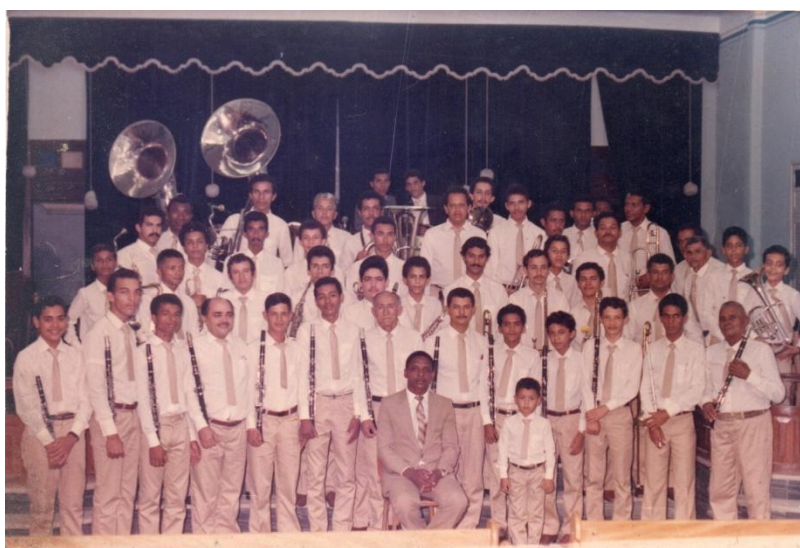


Figura 7 - Banda Masculina Acordes Celestes sob a regência do maestro Policarpo Lira.
Fonte: acervo pessoal do maestro Marcelo Marinheiro.



Figura 8 - Banda Masculina Acordes Celestes sob a regência de Luiz Pereira.
Fonte: acervo pessoal do maestro Marcelo Marinheiro.



Figura 9 - Banda Masculina Acordes Celestes sob a regência do maestro Paulo José de Lira.
Fonte: acervo pessoal do maestro Marcelo Marinheiro.

A banda conta, atualmente, com 50 componentes, assim distribuídos: 2 flautas, 14 clarinetes, 1 clarone, 6 sax alto, 1 sax tenor, 1 sax barítono, 3 trompas, 6 trompetes, 1 *euphonium*, 7 trombones, 1 trombone baixo, 2 tubas, 1 baixo elétrico e 4 percussionistas.

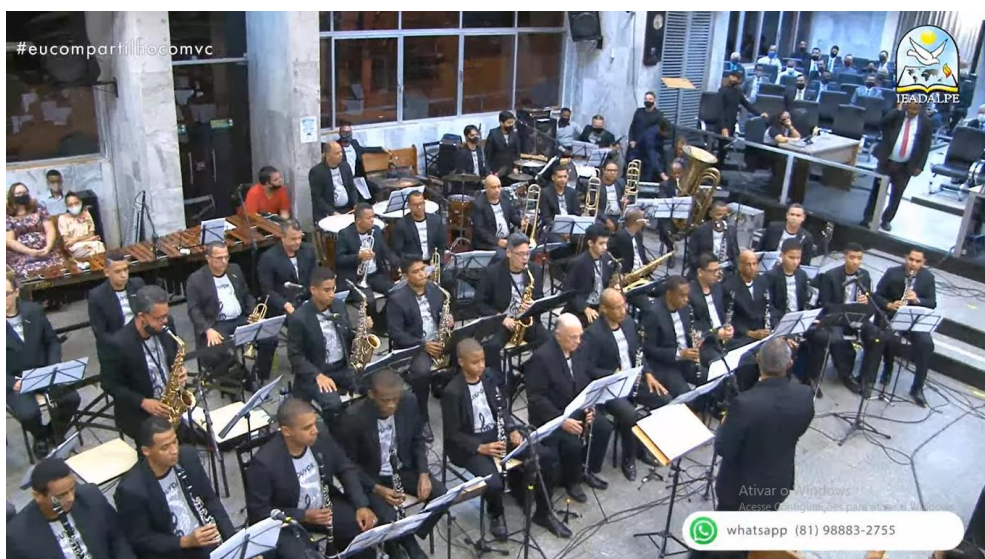


Figura 10 - Banda Masculina Acordes Celestes sob a regência do maestro Marcelo Marinheiro.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=ktvoCMPw6FY>.

5.1 Questões de gênero explícitas na nomenclatura

A nomenclatura *Banda Masculina*, na perspectiva atual, pode nos parecer um termo restritivo em relação à participação feminina na música, especialmente no contexto religioso. Hoje, com novos olhares em relação aos espaços ocupados por homens e mulheres, sabemos que não há impedimentos para que as mulheres estejam também inseridas nestes locais. Porém, quando a Banda foi fundada, há 79 anos, não havia esse olhar que hoje há. Culturalmente os homens eram separados das mulheres em ambientes, como, por exemplo, na igreja não era costume que as mulheres sentassem juntamente com os homens, até mesmo se tratando de casais - era necessário que cada um tomasse assento em local separado.

Tendo em vista o contexto, podemos evidenciar que o termo “masculina”, que pode nos parecer atualmente como algo sexista, era comum na época, não sendo necessário o olhar para este termo como uma problemática em si, mas sim como algo que acontecia em determinado tempo. Por não haver, na época do surgimento da banda, o olhar crítico dos dias atuais, o conjunto perpetuou-se com este nome: Banda Masculina.

Posteriormente, foi fundada a Banda Feminina Maranata, no dia 23 de novembro de 1975, composta apenas por mulheres. Nesta época ainda havia esse contexto “separatista” em relação às questões de gênero. Uma vez mais, friso que não com algo qualificatório, mas, sim, como reflexo dos costumes da época.



Figura 11 - Banda Feminina Maranata sob a regência do maestro Paulo Lira, em 1976.
Fonte: acervo pessoal do músico Francisco Luís.



Figura 12 - Banda Feminina Maranata desfilando pelas ruas da cidade.
Fonte: acervo pessoal do maestro Marcelo Marinheiro.

5.2 Processos de ensino e aprendizagem

Para aprender música e posteriormente tocar na banda, a criança era levada pelos pais até o maestro da Acordes Celestes, sendo os mesmos os próprios professores. O processo de ensino e aprendizagem era dinâmico e mais prático. Segundo Benedito:

As filarmônicas brasileiras possuem uma prática de ensino dinâmica, ministrada pelos mestres juntamente com outros elementos da banda. Esta prática tem as seguintes características: 1. O aprendizado do instrumento está diretamente associado a um objetivo muito bem definido que é tocar na banda e não receber um diploma; 2. O treinamento de leitura musical antecede a prática instrumental; 3. Não há seriação nem um programa unificado, ficando um espaço aberto para adequação à realidade do aluno, respeitando seu desenvolvimento, sem imposição de um modelo único de aluno-padrão; 4. O aprendizado é realizado através do relacionamento com os músicos mais antigos (cooperativa). Insiste na convivência diária com a rotina musical da entidade como fator de aprimoramento e renovação de seu contingente, de ampliação e continuidade (BENEDITO, 2009, p. 44).

Os maestros mais antigos da banda, enquanto professores, eram polivalentes, isto é, conheciam um pouco de cada instrumento para ensinar aos novos alunos. Segundo confirma o maestro Pedro Carlos: “Ensinava palhetas, clarinete, sax, tudo. Quando eu assumi a banda em 52, já estava pronto para ensinar todos os instrumentos, porque ensinei ao Zeca Pereira a tocar sax, Salina a tocar sax, Jaguaribe a tocar clarinete” (entrevista concedida em 30/05/2021).

Desta maneira, torna-se mais claro como professores sem formação acadêmica em música se utilizavam de seu grande conhecimento prático nos mais diversos instrumentos para

formar músicos de qualidade, dedicados, primorosos e instruídos para qualquer que fosse o desafio em sua carreira profissional.

O processo de aprendizagem ocorria, primordialmente, na sede da própria banda, como acontece na maioria das bandas de música. Holanda Filho (2010, p. 58) comenta que as bandas de músicas civis, principalmente as situadas em cidades do interior, utilizam suas sedes como escolas de música para a comunidade. Na Acordes Celestes, o aluno levava o caderno de música e conteúdos básicos eram escritos no quadro. Inicialmente eram abordados os conteúdos: pauta (pentagrama), nota musical, clave e valores rítmicos. Após as explicações, o professor chamava o aluno para, com o seu caderno, escrever as primeiras lições de solfejo. Sobre isso, o maestro Policarpo comenta:

Era à base da lição individual, a gente tinha um caderno e ia pra lá, o professor que era sempre o regente da banda ele passava a lição e conforme você fosse desenvolvendo o seu nível ia melhorando, até pegar o instrumento (entrevista concedida em 25/09/2021).

O aluno levava essas lições para estudar em casa. Ocorria também que, espontaneamente, as dúvidas eram tiradas com os amigos que estavam mais adiantados nas lições, dentro do dinamismo cotidiano à rotina da banda.

No decorrer das aulas, os alunos que conseguissem solfejar colcheia e semicolcheia, com suas respectivas pausas, poderiam pegar um instrumento. Sobre isso o maestro Policarpo explica:

Eu não tive opção de instrumento porque eu desejava, achava todo instrumento bonito só que eu não tive opção, porque quando eu fui estudar na banda da igreja, uma escassez tremenda, quando vinha ter uma vaguinha pra um instrumento, o que o maestro desse tinha que pegar senão quem sabe não podia ter outra oportunidade. O instrumento na época era o seguinte: você pegava duas escalas, a escala diatônica e a cromática, pegou bem, sabia a cromática, todas as posições, a entoação certa, afinação correta, já sabe ler? Vai pra banda (entrevista concedida em 25/09/2021).

O músico Eliúdo afirma que não houve escolha, mas ele persistiu até o maestro conseguir o instrumento que ele tanto almejava, que era o saxofone.

É tanto que na hora de entregar o instrumento, Maninho veio me dar uma flauta transversal e eu não aceitei de jeito nenhum. Ele achava que Eudes era mais desenvolvido que eu nas lições na época, aí ele disse “Vou botar seu irmão pro sax e você na transversal, porque Eudes tá mais desenrolado nas lições”. Aí eu fiz a maior resistência, ainda me lembro que ele acabou me entregando um sax lá, um sax francês que tinha dois registros, cheio de borracha, não tinha nem o *case* nem nada, mas mesmo assim eu fiquei feliz porque peguei esse instrumento. Mas foi através do meu irmão Eudes, que foi estudar no Polivalente e me chamou pra estudar junto, sabia que eu tava a fim de estudar música (entrevista concedida em 30/09/2021).

Quando o aluno recebia o instrumento, o professor copiava as músicas da banda para o estudo, a fim de desenvolver a leitura de partituras, o que viabilizaria, posteriormente, o ingresso na banda. Os músicos percussionistas da época não liam partituras; a eles eram ensinados “de ouvido” o ritmo de dobrados, marchas e hinos. Os instrumentos eram: bombo, caixa e prato, não tinha bateria. No início da banda havia uma discriminação em relação ao uso de instrumentos de percussão, por serem utilizados em músicas seculares como o forró. Sobre isso, o maestro Pedro afirma que os irmãos da igreja tinham preconceito (entrevista concedida em 30/05/2021).

Nesse período inicial, não havia professor específico para cada instrumento e o aluno não tinha escolha, era concedido de acordo com a necessidade da banda porque não havia instrumento suficiente. Segundo afirma o maestro Luiz Pereira: “a escala do instrumento quem me deu foi o maestro mesmo da banda. Passava a lição. A escala eu aprendi logo, peguei logo a escala natural, depois a escala cromática devagarinho. Foi pouco tempo para pegar e ir para estante como aprendiz” (entrevista concedida em 25/09/2021).

O professor tinha que ter o conhecimento da escala natural e cromática do instrumento para poder passar para o aluno. O desenvolvimento do aluno também passava pela troca de experiência com colegas que estavam há mais tempo na banda. Nesta fase, não se utilizavam métodos de instrumentos ou teoria, eram utilizadas apenas as lições e as partituras do repertório da banda.

Posteriormente, foi fundada a Escola de Música da Assembleia de Deus (EMAD), no dia 13 de março de 1976, com o pastor Isaac Martins Rodrigues e os professores Francisco Luiz da Silva e Paulo José de Lira. A escola surgiu com sessenta e quatro alunos, a fim de ensinar música aos jovens e adolescentes da IEADALPE para que eles ingressassem nas bandas atuantes da igreja. A partir daí, os alunos começaram a utilizar apostilas confeccionadas pelo próprio professor Francisco Luiz.

A partir da década de 1980, os alunos começaram a ouvir os professores comentarem sobre alguns materiais, como o livro de teoria Maria Luiza de Matos Priolli, o *Bona Método completo para divisão e para instrumento*, o método *Klose*, para paletas e o *Arban*, para trompete. Devido ao baixo poder aquisitivo dos alunos e por não existir livraria com material de música, tais materiais eram inacessíveis. Atualmente esses materiais são acessíveis devido aos avanços tecnológicos - estão disponíveis em páginas da *internet*.

Este caderno destina-se à chamada dos alunos da Escola de Música da Assembleia de Deus em Abreu e Lima.

AMADA

Iniciado no dia 13 de março de 1976.

Professores: Francisco Luís
Paulo Lira

Diretoria da Emade

Secretária: 1ª - Adenivalda Gomes da Silva
2ª - Eunete Francisca

Tesoureiro: 1ª - Rita de Mares Lisboa da caixa
2ª - Severino Arcanjo

Tesoureiro: 1ª - Francisco Racional da Biblioteca
2ª - Maria Louira

Auxiliar: 1ª - Naasson Gomes
2ª - Dilma Rodrigues

Comprador: 1ª - Adjacina Gomes
2ª - Eliane M. da Silva

Bibliotecário: 1ª - Inácio Pedrosa
2ª - Benjamin Vicente

Frequência do Mês de Abril

Nº	NOMES	01	06	07	08	14	15	19	21	22	26	29
1	Adjacina Gomes da Silva	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.
2	Adenivalda Gomes da Silva	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.
3	Betânia Lourenço da Costa	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.
4	Eliane Pereira de Souza	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
5	Eunete Francisca da Silva	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.
6	Francisca Pereira da Silva	.	X	X	.	.	.	X	.	X	.	.
7	Isabelcia M. dos Santos	.	.	X	.	X	X	.	.	.	.	X
8	Thaizete M. da Silva	X	.	.	.	X	X	X	X	.	.	X
9	Thaizete M. de Barros	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
10	Maria M. Montenegro	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
11	Marilide Alberto da Silva	X	.	.	.	.	.	.	X	X	X	.
12	Marilide Gomes da Silva	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.
13	Maria Cristina M. de Santana	X	.	.	.	X	X	.	.	.	.	.
14	Midiam de Almeida Santana	X	.	X	.	X	.	.	X	.	.	.
15	Marilide Ferreira da Silva	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.
16	Rita de Mares Lisboa	X	.	.	X	X	.	.	.	X	X	.
17	Suely Rodrigues de Albuquerque	.	X	X	.	.	.	.	.	.	.	.
18	Marilide Brito da Silva	X	.	.	X	X	X	X	X	.	.	.
19	Eliane M. da Silva	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.
20	Queneia Valentin de Farias	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.	.

Mês de Abril

DIA	MÁTIC.	PRESENTES	AUSENTES	LEITURAS	HORÁRIOS	
					Início	Fim
01	48	22	26	Salmo 91		
02	50	33	17	2ac. 1:12		
03	51	36	15	Salmo 138		
04	59	45	14	2ac. 15:16		
05	59	36	23	2ac. 2:40		
06	59	34	25	2ac. 15:16		
07	62	39	23	2ac. 3:13		
08	64	38	22	Rom. 5:13		
09	64	47	17	11 Tim. 2:8		
10	64	39	25	Salmo 46		
11	64	44	20	Salmo 20		

Figura 13 – Registro do início da Escola de Música da Assembleia de Deus, em 1976.

Fonte: acervo pessoal do músico Francisco Luís.

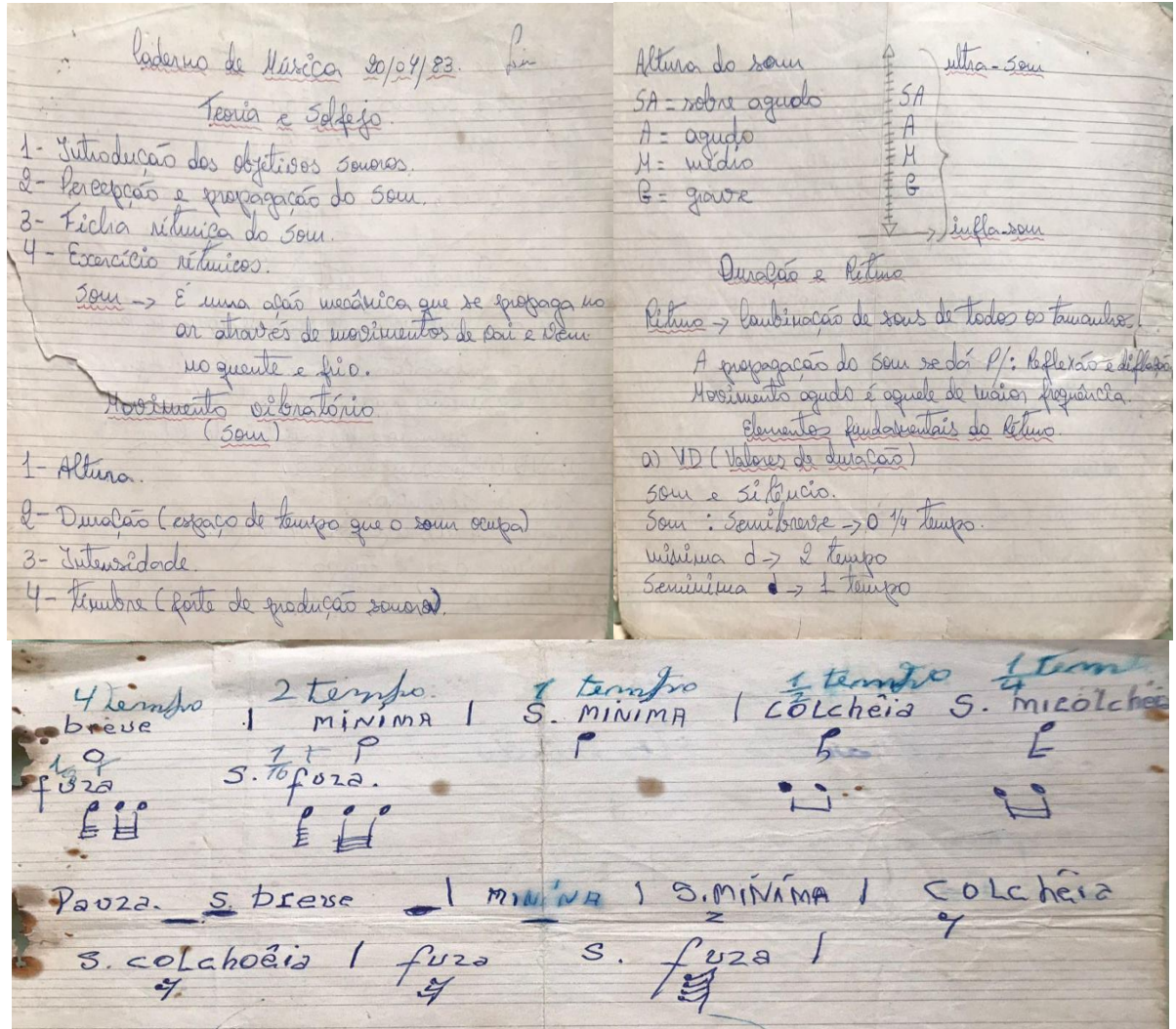


Figura 14 – Registro de caderno de aluna de música em 1983.
Fonte: Acervo pessoal do maestro Marcelo Marinho da Silva.



Figura 15 – Aula de teoria musical da Escola de Música da Assembleia de Deus.
Fonte: acervo pessoal do músico Francisco Luís.



Figura 16 – Aula de instrumento da Escola de Música da Assembleia de Deus.
Fonte: acervo pessoal do músico Francisco Luís.



Figura 17 – Coral da Escola de Música da Assembleia de Deus.
Fonte: acervo pessoal do músico Francisco Luís.

Posteriormente, a escola de música ganhou mais espaço. Com a fundação da Faculdade Teológica da Assembleia de Deus em Abreu e Lima Pernambuco (FATEADALPE), com o curso de Teologia, que oferecia conhecimento básico em música e instrumentos. Mesmo com o surgimento da Fateadalpe, os maestros não deixaram de ministrar as aulas individualmente, como antes na EMAD. O músico Deivid relata:

E eu comecei a fazer aula com o senhor dia de sábado, lá na banda lá, trabalhar os métodos, ainda lembro, Método Alivizute, Alivizute 1. Ainda lembro passando aquelas notas longas do Alivizute, aí depois passando aquelas escalas, eu fui vendo que uma é o trompete e a música (...) como um todo, é uma coisa que você não... quanto mais você estuda, mais tem coisa pra estudar né? Ou seja, é uma coisa que desafia você diariamente, todo dia se você abrir um método para estudar, abrir um livro de teoria, alguma coisa, você vai ter sempre alguma coisa que, poxa, isso aqui ó, até ontem eu não sabia e isso fez eu buscar essa coisa de querer entrar na vida profissional (entrevista concedida em 07/10/2021).

Atualmente, essa faculdade adquiriu a nomenclatura de Centro Educacional Teológico da Assembleia de Deus em Abreu e Lima Pernambuco (CETEDALPE), não só formando músicos para a IEADALPE como também para outras igrejas.

5.3 Repertório

O repertório da banda, desde a sua fundação, está baseado em dobrados, hinos avulsos e hinos da Harpa Cristã. O maestro Luiz Pereira afirma que, no início, a banda tocava mais dobrados e, posteriormente, o maestro Gideão Rosa comprou alguns fascículos de hinos: “tinha hinos para clarinete, para trombone, para tuba, metal.. aí a gente ficou tocando bastantes hinos, tocamos bastantes hinos desses fascículos” (entrevista concedida em 25/09/2021)

Segundo Holanda Filho (2010, p. 73) o dobrado é peça quase que obrigatória em todas as bandas de música e “muitos ostentam nomes de efemeridades ligadas à nação, ao estado, ao município, à própria banda, ou ainda a personalidades”. Os dobrados não só levam o nome de pessoas, como também de acontecimentos. Dentro da Acordes Celestes temos exemplos de músicos e maestros que compuseram dobrados, como: o Dobrado IR, composto pelo maestro Paulo Lira para homenagear o pastor Isaac Martins Rodrigues (*in memoria*); os dobrados Pr. Roberto José dos Santos Lucena e Maestro Pedro Carlos compostos pelo músico Eliab Soares de Oliveira Junior, em homenagem às respectivas pessoas.

Com o tempo, outros estilos de música foram agregados ao repertório. A partir da década 1980, o maestro Policarpo Lira, regente do período, fez alguns arranjos junto com outros músicos, dando uma roupagem nova aos hinos antigos. A partir da década de 1990, sob regência do maestro Paulo Lira, houve a inclusão de músicas de repertório de bandas sinfônicas, como por exemplo: *Memories of Stephen Foster by Lucien Cailliet* e *Finlandia de Jean Sibelius, Op.26, n 7, arranged for Symphonie Band by Lucien Cailliet*.

5.4 Músicos formados pela Banda

As bandas de música civis são berços de grandes músicos.

Das bandas de música brasileira, podemos destacar notáveis maestros e compositores, comprovando assim a importância de suas escolas como espaços pedagógicos, rico e diversificado. Citamos alguns dentre outros: Antônio Carlos Gomes (1839 -1896) campineiro teve sua formação em banda de música de seu pai, Maneco Gomes. Mestre da ópera romântica. Na tradição de Verdi. Escreveu a ópera

“II Guarany” e foi compositor que primeiro projetou o nome do Brasil no panorama musical internacional. Admirado pelas bandas de música de todo país tem suas obras presentes praticamente em todos os arquivos destas entidades musicais. Eleazar de Carvalho (1912-1997) regente e compositor brasileiro, tocou tuba na Banda de Fuzileiros Navais. Aperfeiçoou seus estudos Koussvitzky nos Estados Unidos e foi professor respeitado naquele país (BENEDITO, 2009, p. 44).

Quando ingressei na banda, havia poucos músicos atuando profissionalmente, com destaque para Severino Luiz, maestro Policarpo José de Lira (Maninho), maestro Paulo José de Lira e Josias Lopes. Falava-se também sobre ex-componentes, como Moisés Galego, José de Arimatéia, Izaac Zacarias e Ismael Zacarias, músicos que tocavam profissionalmente. A finalidade da escola de música era preparar para o ingresso na banda e não se cogitava a possibilidade de ser um músico profissional. Mas, como a igreja não tinha condições de manter os músicos financeiramente, eles foram em busca de uma fonte de renda fora da igreja. Sobre isso Policarpo comenta:

A igreja não tem condição de dizer “você vai ficar só aqui, daqui vai ser mantida sua família e as necessidades”, não tem, aí tem que correr atrás. São coisas que são muito difíceis de compreender, então você que vive no momento é que tem que saber se policiar, pra não deixar Jesus sair da sua vida (entrevista concedida em 25/09/2021).

Com a formação da Banda Municipal do Paulista Aristides Borges, houve um concurso público, no qual dois integrantes da banda foram aprovados: Policarpo José de Lira e Josias Lopes. Policarpo Lira comentou que atuou como profissional na Banda Sinfônica do Paulista por um tempo: “concurso feito, fomos aprovados e trabalhamos lá, com maestro Nelson Batista, capitão do exército” (entrevista concedida em 25/09/2021).

A ida de alguns músicos para Escola Técnica Estadual Criatividade Musical em Recife (antigo Centro de Criatividade Musical), onde participaram da banda da escola, sob a regência do maestro Paulo Lira, foi ampliando a visão dos músicos da Acordes Celestes, naquele momento sob a batuta dos maestros Policarpo Lira Filho (Maninho) e seu irmão Maestro Paulo Lira. Com o incentivo desses maestros, os alunos foram encaminhados para a vida profissional, modificando a visão dos pais, membros e liderança da igreja sobre a profissão. Deivid recebeu muito apoio por parte dos músicos e do maestro, como comenta:

Então, na época que eu estava estudando isso, meio que tipo assim, os meninos já falavam comigo na igreja né, o Manassés, o Ulisses, o Davi né, que a gente estava sempre mais juntos ali né com os meninos. O Tony né, o Tony foi um dos caras que me incentivou pra caramba, assim, de ir pra o conservatório, assim, de “poxa você tem que estudar Deivid e fazer aula com alguém né?”. E o senhor também né? Eu lembro que o senhor disse “vá lá estudar no conservatório que lá você vai aprender com professor lá, vai ser melhor”. Porque realmente é complicado, assim, fazer um trompista ensinar o trompete, eu sei que são instrumentos de metais, mas tem diferenças né? (entrevista concedida em 07/10/2021)

A banda foi e é um grande celeiro de músicos. Há músicos espalhados por todo Brasil, que participam ou participaram da Acordes Celestes, e/ou que atuam profissionalmente como regentes, professores e componentes de bandas e orquestras. Deivid afirma que se não fosse a prática dentro da Acordes Celestes, talvez não conseguiria ser profissional da música:

Muito grato de verdade mesmo assim à banda, porque eu acho que se eu não tivesse tido a experiência que eu tive (...) na banda, acho que dificilmente eu teria entrado na vida profissional, dificilmente... Porque esse contato com a vivência dentro da banda, de tocar, de tá vendo repertório, de estar vendo toda a vivência mesmo, diária, de você estar indo para as apresentações, eu acho que dificilmente eu teria vingado mesmo na música né? E a importância disso também é porque hoje eu olho assim e tem coisas que eu toco hoje no meu dia a dia, que eu toquei na banda quando eu era adolescente. Porque eu lembro que a banda da igreja, apesar de ser uma banda da igreja, a gente tinha a tradição né? E talvez essa tradição tenha até hoje, de tocar dobrado, tocava algumas transcrições de obras eruditas (...), eu lembro que na banda, eu acho que cheguei ler o 220 de Antônio Manoel do Espírito Santo, os Quatro Tenentes também, Batista de Melo, todas essas músicas eu toco no meu dia a dia hoje no meu trabalho (entrevista concedida em 07/10/2021).

Abaixo segue um quadro com alguns dos principais nomes de músicos que passaram pela Acordes Celestes, com a indicação de outros conjuntos musicais nos quais atuam ou atuaram.

BANDA MUSICAL MAESTRO FERROLHO	
NOME	INSTRUMENTO
Eliab Soares de Oliveira	Clarinete
Mozaniel Luiz da Silva	Clarinete
Alberis Dias de Araújo	Clarinete
Elionenai Patrício da Silva	Clarinete
Nilson de Melo Vieira	Clarinete
Nilton de Melo Vieira	Requinta
Eliúdo Pereira de Sousa	Sax-alto
Abdon Claudino da Silva Filho	Sax-tenor
Melquezedeqe José Montenegro	Trompete

Marcondes José Montenegro	Trompa
Zaqueu Ramos Alves	Tuba
Giovani dos Santos Matos	Percussão
Josué Pacheco da Silva	Percussão
Carlos Ferreira de Lima	Sax-tenor
EL-Cid Marques da Silva	Copista
Policarpo Lira Filho (Maninho)	Maestro

BANDA MUNICIPAL ARISTIDES BORGES	
NOME	INSTRUMENTO
Policarpo Lira Filho (Maninho)	Percussão
Josias Lopes	Tuba
Ubirajara Damásio da Silva	Percussão
Ismael Barbosa	Clarinete
Jadson Araújo de Oliveira	Trombone
Gideão Rosa Junior	Percussão
Geovane dos Santos Matos	Percussão
Joás Cipriano	Trompete
Isaias Flor da Silva Junior	Clarinete
Abdon Claudino da Silva Filho	Sax-tenor
Ademir Claudino da Silva	Clarinete
Moisés Felix	Clarone

BANDA SINFÔNICA DA CIDADE DO RECIFE	
NOME	INSTRUMENTO
Admário Vieira da Silva	Trompete
Eliudo Pereira de Souza	Sax-Alto
Ademir Claudino da Silva	Clarinete
Josué Pacheco	Percussão
Marcelo Marinheiro da Silva	Trompa
Paulo José de Lira (<i>in memoria</i>)	Tuba
Inaldo Cavalcante (Spok)	Sax-Alto

BANDA DA POLÍCIA MILITAR DE PERNAMBUCO	
NOME	INSTRUMENTO
Paulo José de Lira (<i>in memoria</i>)	Tuba
Severino Luiz da Silva (<i>in memoria</i>)	Tuba
Elizeu de Lima Botelho	Bombardino (Euphonio)
Ademir Simões de Oliveira	Tuba
João Batista Rocha da Luz	Clarinete
Diógenes Barbosa de Souza	Trompete
Sóstenes Barbosa de Souza	Percussão
Mozaniel Luiz da Silva	Clarinete
Bartolomeu Alves dos Santos Filho	Clarone
Jeremias Antônio da Silva	Sax-alto
Sérgio Borges da Costa Júnior	Clarinete

Samuel Antônio dos Santos	Sax-tenor
---------------------------	-----------

ORQUESTRA SINFÔNICA DA CIDADE DO RECIFE	
NOME	INSTRUMENTO
Enok Chagas	Trompete
Enoque Pereira de Souza	Percussão
Jônatas Zacarias	Clarinete

BANDA MARCIAL DA ESCOLA MUNICIPAL FIRMINO DA VEIGA	
NOME	INSTRUMENTO
Flávio Cassimiro	Trompete / maestro
Oseias Viana de Oliveira	Trompete / maestro
Otoniel Luiz da Silva (<i>in memoria</i>)	Maestro
Djair Crisóstomo Moraes	Trombone / maestro

BANDA DA POLÍCIA DE RORAIMA	
NOME	INSTRUMENTO
Danilo Lopes de Lima	Trompa

FORÇA ÁEREA BRASILEIRA	
NOME	INSTRUMENTO
Eli Vieira da Silva	Trompa
Efraim da Paz Ferreira	Clarinete

Elioenai Patrício da Silva	Clarone
Alberis Dias Araújo	Clarinete
Anderson Cleyton Freitas da Silva	Sax-Alto
Ulisses Luciano de Oliveira	Trompete

MARINHA DO BRASIL	
NOME	INSTRUMENTO
Eliab Soares de Oliveira	Clarinete
Edilson Sales da Silva	Clarinete
Leivyson de Mesquita Ferreira	Trompa
Jonatan Gonçalo dos Santos	Trombone
Djair Francisco dos Santos	Trompa

EXÉRCITO BRASILEIRO	
NOME	INSTRUMENTO
Edson Oliveira da Silva	Clarinete
Deivid Santos da Silva	Trompete
Elmodam Kalleb Silva de Arruda	Trompete
Natanael Santos	Clarinete
Jasiel Amaro	Clarinete
Manassés da Silva Guimarães	Trompete
Everton Bezerra de Farias	Sax-Alto
Davi Barbosa Campos	Clarinete

EDUCADOR MUSICAL	
NOME	INSTRUMENTO
Paulo José de Lira (<i>in memoria</i>)	Maestro
Policarpo Lira Filho	Maestro
Pedro Carlos	Maestro
Ismael Barbosa	Maestro
Flávio Cassimiro	Maestro
Eliab Marques dos Santos	Sax-alto / teclado
Tony Carlos Correia	Trombone
Haniel Ulisses da Silva	Clarinete / teclado
Jônatas Zacarias	Clarinete
Enok Chagas	Trompete
Enoque Pereira de Souza	Percussão
Marcelo Marinheiro da Silva Junior	Percussão
José de Arimetéia da Silva	Flauta
Layon dos Santos	Tuba
Elizeu Botelho	Euphone / bombardino
Josias Silva	Clarinete
Eudes Vieira da Silva	Sax-barítono
Abraão Davi de Mesquita Couto	Sax-alto
Djair Crisóstomo Moraes	Trombone
Jasiel Araújo de Oliveira (<i>in memoria</i>)	Violão

MAESTROS DE OUTROS GRUPOS MUSICAIS	
Paulo José de Lira (<i>in memoria</i>)	
Policarpo José de Lira Filho (Maninho)	
Ismael Barbosa	
Flávio Cassimiro	
Oséas Viana	
Haniel Ulisses da Silva	
Jadson Araújo de Oliveira	
Abrão Davi de Mesquita Couto	
Otoniel Luiz da Silva	

MÚSICOS AUTÔNOMOS	
NOME	INSTRUMENTO
Marcílio Barbalho de Lira	Sax
Romualdo Abreu	Sax / flauta
José Adriano Pessoa da Silva	Sax
Kleber Barreto da Silva	Sax

5.5 Importância da banda na vida das pessoas

Sobre a importância da participação em uma banda, Holanda Filho comenta:

Uma banda de música num colégio, ou numa cidade, desperta a sensibilidade do jovem para arte, tornando-o mais sociável e atento, dando a este uma ocupação importante na sua formação e desenvolvimento pessoal, evitando que venha consumir drogas, ou se deixar marchar pelos caminhos do crime da desonestidade (HOLANDA FILHO, 2010, p. 63).

O entrevistado Deivid afirma que a música

(...) tira o adolescente do ócio ali, né? Foi esse o meu caso, e dá uma oportunidade de você se aperfeiçoar, de você aprender uma profissão, e até mesmo para aqueles que não querem ter uma profissão, porque realmente nem todo mundo que passou pela banda se tornou profissional de música. É fato isso, assim né... mas eu tenho certeza que a música ela tem essa questão da responsabilidade e da disciplina para a vida pessoal da pessoa né? Você ser um bom pai de família, você ter responsabilidade com o seu emprego lá, por mais que seja outra área, você ter aquela disciplina que veio da música (entrevista concedida em 07/10/2021).

Segundo o maestro Policarpo,

A importância da banda ela é cultural, artística, educacional e formação de cidadãos. A banda tem uma influência tremenda, de gerar regentes, professores, novos grupos, foi isso que a banda gerou. Gerou maestro, no tempo era uma escassez terrível, gerou Genival, Zacarias, Jonas, gerou você que hoje está na frente da banda, me gerou, gerou Paulo, somos todos da banda! Quantos professores! (entrevista concedida em 25/09/2021).

Para Eliúdo (entrevista concedida em 30/09/2021), “a banda trouxe, primeiramente, exemplo de vida cristã e foi onde praticamente eu ingressei na música, foi na banda. A banda não só gerou músicos profissionais, mas também ministros do evangelho”. Sobre isso, Policarpo (entrevista concedida em 25/09/2021) comenta que “hoje a banda tem um nível não só cultural, musical, espiritualizado, como hoje nós temos presbítero na banda, diáconos, auxiliares, homens que não são da eclesiástica, mas tem capacidade”.

A banda não só formou músicos, formou cidadãos, não apenas músicos de apenas tocar um instrumento, mas contribuiu para formação de arranjadores, compositores, técnicos de estúdio. Conforme afirma Eliúdo:

Fora a música e dentro da própria música eu procurei investir em várias áreas, a parte de leitura, de banda, de orquestra, questão de arranjo também, gravação também é outro setor, estúdio de gravação eu também trabalho tanto gravando como técnico de gravação. Entendo um pouco de informática por conta disso, e agora o conserto de instrumentos porque desde que eu comecei a tocar também eu comecei a consertar instrumento, porque papai tinha oficina de relógios e muita coisa se assemelha, né? Os materiais usados aqui, 50% dos materiais também usa no conserto de relógios, então eu aprendi a soldar com papai, soldar prata que é uma das soldas que se usa no instrumento e a solda branca, todas duas que se usa no instrumento também se usa no relógio, eu aprendi a soldar esses dois tipos de solda com meu pai. Sapatilha mesmo, com meu tio Deda, eu já fazia de forma artesanal, com couro de carneiro, assim junto com o aprendizado de música eu também já aprendi um pouco de manutenção de instrumentos, sempre desmontei instrumentos e fazia sapatilha e tal (entrevista concedida em 30/09/2021).

Para além de apenas arte ou cultura, a banda fez bem a alma, segundo a reflexão do maestro Luiz Pereira:

(...) a música ela penetra no íntimo da alma, não é. É como o perfume, comparando o músico ao bom perfume, com um bom perfume todo mundo se sente satisfeito, que perfume bom, que perfume cheiroso, esse cheiro esta vindo de onde, e tal, agora

quando ele é ruim, que perfume ruim é esse, pelo amor de Deus (entrevista concedida em 25/09/2021).

O entrevistado fez uma comparação de um acontecimento para afirmar que a música “penetra até nos loucos”:

Lembro de quando eu trabalhava lá no Recife, eu trabalhava na Rua Nova, ali, eu no segundo andar, de vez em quando eu olhava e lá tinha uma discoteca em baixo, lugar de fazer música, e de vez em quando eu via um louco desse de rua, um louco mesmo, desses assim, dessas pessoas da Tamarineira mesmo, escutando a música ali e se remexendo, e dançando, e passava tempo escutando a música, aí eu dizia: mas veja mesmo, a música penetra até nos loucos (entrevista concedida em 25/09/2021).

A Acordes Celestes também contribuiu na preparação para o mercado de trabalho musical, onde os músicos puderam adquirir algumas experiências. Deivid comenta:

Já era uma prática para mim que hoje olho assim e digo, poxa, quebrou muito, como eu posso dizer, a forma prática de conjunto muito boa, e quebrou essa questão de você ter medo de tocar, sabe? Você tocar na frente das pessoas, que é um problema que eu vejo que algumas pessoas que não tiveram essa mesma formação tem, esse problema de você chegar à frente das pessoas, levantar, fazer solos, né? Essas coisas assim, e a prática na banda da igreja (...), de estar tocando repertório diferente, fazer solos, essas coisas assim, me fez ter uma bagagem, digamos (...), para vencer determinadas questões né? (entrevista concedida em 07/10/2021).

A prática dentro da banda trouxe uma construção de valores sociais que os músicos trazem em sua bagagem musical e profissional. Deivid complementa:

A música é muito exigente, muito criteriosa e essa disciplina que eu tive na banda me ajuda hoje no meu dia a dia (...). Não só pelo fato de ser músico, mas também para o militarismo, também tem muito essa coisa de você cumprir o compromisso, você estar na hora, você fazer o que é pra ser feito ali (...) e está tudo bem explicado, né? A importância da banda pra mim é essa assim, de disciplina, o auto aperfeiçoamento e a gratidão mesmo, né? De não ter pago nada pra aprender música e hoje em dia usufruir disso profissionalmente (...). Isso pra mim não tem nem o que falar (...) só agradecer (...) a oportunidade, né? (entrevista concedida em 07/10/2021)

5.6 Participação na banda e relação com a fé

Geralmente, a maioria dos músicos foram trazidos por familiares ou amigos para ingressar na Banda Masculina Acordes Celestes, conforme Policarpo afirma:

O que me motivou a tocar foi a família, porque meus irmãos todos tocavam, eu sou o menor, o mais novo da família, então via todo mundo tocar. Pandeiro, violão, cavaquinho, acordeom... minhas irmãs mais velhas tiveram aula de acordeom, então meu pai ele não era músico, mas influenciava muito a gente a chegar a ser músico. O maestro Guinga, que foi maestro daqui (de Abreu e Lima), ele vinha do Recife pra dar aula pra minhas irmãs e meus irmãos. Então quando eu nasci, dentro de casa já tinha um grupo musical que tocava na igreja, tocava nos conjuntos das igrejas meus irmãos, violão, cavaquinho, percussão, meu irmão Paulo tocava já na banda, então isso tudo motivou. (entrevista concedida em 25/09/2021)

Esta prática é comum neste tipo de conjunto musical.

A banda de música, como a grande maioria dos movimentos culturais, são adotados por famílias inteiras pelos mais diversos motivos e, graças a esse vínculo, essa cultura mantém-se viva. É comum encontrarmos pais, filhos, tios, avôs e, ainda que maneira tímida, mães e filhas convivendo no ambiente bandístico e se apropriando dele (AUXILIADORA DA SILVA *et al.*, 2015, p. 103).

Benedito complementa:

As Bandas de Música Cívica são consideradas, pela maioria de seus integrantes, como uma extensão familiar. Estes demonstram verdadeira paixão, dedicando-se arduamente à manutenção destas instituições, que são exemplos de luta e amor à música. A única razão que os faz estar presentes é o prazer de tocar e de repassar ao outro, com toda a generosidade o que se aprendeu (BENEDITO, 2009, p. 44).

A banda não toca apenas músicas, toca louvores e hinos a Deus. Então, para isso há uma preparação e dedicação maior ao executar cada música ou hino. Policarpo comenta:

Cada tocata era 10 minutos de oração, 15, 20, e Deus tratava com a gente, aí quando entrava pra tocar já ia cheio, a diferença, a gente via a igreja como ficava quando a banda tocava, o mais edificado era a gente, fazia a gente ver a glória d'Ele, não só arte, não só música, mas ver a glória d'Ele (entrevista concedida em 25/09/2021).

Segundo Policarpo, com a música “o nível espiritual foi aumentando, o prazer de servir a Deus aumentando e a gente foi também crescendo” (entrevista concedida em 25/09/2021).

Assim, nota-se como a música cumpre um papel central na igreja evangélica, incluindo no âmbito espiritual da fé.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Igrejas Evangélicas têm se tornado, ao longo do tempo, locais de ensino e formação musical que atuam diretamente na liturgia do culto, acompanhando os hinos e louvores nas igrejas. A música na liturgia do culto da IEADALPE ocupa aproximadamente 50% do tempo total do culto, que tem duas horas de duração.

Na Assembleia de Deus, especificamente, as formações de bandas musicais são constituídas na maioria por instrumentos de palhetas, metais e percussão e são responsáveis por grande proliferação de bandas por todo país. Constatamos isso durante a construção deste trabalho porque muitos músicos que hoje atuam em bandas militares e civis são evangélicos advindos do ensino musical que aprenderam nas suas igrejas.

Pudemos observar que os primeiros conhecimentos musicais são dados na própria igreja através do incentivo do ensino de música, ministrado pelos próprios maestros e músicos da banda. Professores estes que não tinham formação técnica ou superior comprovada, mas abarcavam um grande conhecimento sobre música.

Dentro da Banda Masculina Acordes Celestes há um grande incentivo, por parte dos professores e regentes, aos músicos a procurarem uma escola técnica ou superior, após certo tempo estudando na igreja, para aperfeiçoamento da técnica no instrumento e demais conhecimentos na música. Após esse aperfeiçoamento, muitos músicos saem da banda para lecionar ou prestarem concurso para ingresso nas bandas civis e militares.

Verificamos também que um dos papéis mais importantes para a criação da Acordes Celestes foi para atuação na liturgia dos cultos e atividades da igreja, como os desfiles cívicos, cruzadas evangelísticas e inauguração de templos dentro de todo Pernambuco. Isso perdura até os dias atuais.

REFERÊNCIAS

AUXILIADORA DA SILVA, Cristian; MOREIRA, Marcos dos Santos; SANTANA SILVA, Maria de Jesus. **Memórias musicais: a relação entre os negros e as bandas filarmônicas da Zona da Mata Norte de Pernambuco**. Rio de Janeiro: Publit, 2015. p. 244.

HOLANDA FILHO, Renan Pimenta de. **O papel das bandas de música no contexto social, educacional e artístico**. Recife: Caldeira Cultural Brasileira, 2010. p. 106.

MARTINOFF, Eliane Hilario da Silva. A música evangélica na atualidade: algumas reflexões sobre a relação entre religião, mídia e sociedade. Revista da **ABEM**, Porto Alegre, v. 23, p. 67-74, mar. 2010. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/217/149>. Acesso em: 22 jul. 2019.

MÜLLER RECK, A.; LOURO, A. L.; RAPÔSO, M. M. Práticas de educação musical em contextos religiosos: narrativas de licenciandos a partir de diários de aula. Revista da **ABEM**, Londrina, v. 22, n. 33, p. 121-133, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/viewFile/468/436>. Acesso em: 30 ago. 2019.

PENNA, M.; MENDES, E.; BRITO, A. A.; LINHARES, I. B.; BARROS, O. R.; PEREIRA, R. D. G. O programa mais educação e a banda escolar: a atualização de uma tradição. **Plures Humanidades**, São Paulo, v. 17, n. 1, 2016, p. 40-59. Disponível em: <http://seer.mouralacerda.edu.br/index.php/plures/article/view/245/170>. Acesso em: 29 ago. 2019.

SOTTI SOLLER, J. A.; OLIVEIRA, K. S.; SILVEIRA, M. M. A.; SILVA, W. A. A música evangélica, o uso dos hinários tradicionais e a educação musical nas Igrejas Evangélicas. In: ENCONTRO REGIONAL CENTRO-OESTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 15., 2018, Goiânia. **Pôster** [...]. Minas Gerais: Centro Universitário Sul de Minas, 2018. p. 12. Disponível em: <http://abemeducacaomusical.com.br/conferencias/index.php/co2018/regco/paper/viewFile/3295/1706>. Acesso em: 30 ago. 2019.

SOUZA, Priscila Gomes de. **A Banda de Música da Igreja Evangélica da Assembleia de Deus do Templo Central em Natal-RN**. 2009. Monografia (Licenciatura em música) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009. Disponível em: <https://monografias.ufrn.br/jspui/handle/123456789/1082>. Acesso em: 22 jul. 2019.

APÊNDICE A – ENTREVISTA COM O MAESTRO PEDRO CARLOS

Marcelo: Aí o professor perguntou a mim: porque você quer fazer esse trabalho? Aí eu disse: porque a banda onde eu moro e onde faço parte, onde comecei meus estudos, tem muitos músicos que passaram por ela e foram para fora (da cidade e do Estado), hoje são profissionais, mesmo não sendo crentes, mas estão na área popular e fazendo trabalhos. Então eu queria registrar isso, para deixar registrado, arquivado, porque outros alunos que forem pesquisar sobre banda evangélica, estará meu trabalho lá.

Eu conversei com Carlos Airam pra o senhor autorizar a gente fazer essa entrevista...

O que o senhor acha dessa iniciativa? A gente pode fazer a entrevista com o senhor?

Pedro: Pode

Marcelo: Desde já quero lhe agradecer por essa oportunidade que o senhor nos concede. Pode ficar à vontade para falar.

Pedro: Tem muita coisa que precisa ser falada, que precisamos saber, que não se fala.

Carlos: Por isso que a gente pensou o seguinte: começar a tratar os contextos históricos de quando o senhor conheceu e entrou na banda, entendeu? Até a forma com que era empregado o ensino da música durante a sua época.

Pedro: A banda de música de Abreu e Lima é considerada a primeira banda de música no Brasil, pode até ter alguma mais antiga do que ela, mas não tem conteúdo. As bandas de música de São Paulo, Rio de Janeiro, só tinha de banda o nome. Primeiro porque eu convivi, eu vi em São Paulo.

Carlos: Mas quando o senhor fala disso, o senhor fala dentro da igreja ou de uma maneira geral?

Pedro: Não, da banda de música dentro da igreja.

Carlos: Entendi, banda civil voltada ao mundo evangélico, né isso?

Pedro: É!

Carlos: Ou seja, existiam bandas porém a construção dessa banda, a formação dela com instrumentos e com a própria tocada da banda, não caracterizava ela como uma banda propriamente dita.

Pedro: A banda, por exemplo, do Rio de Janeiro, Salvador na Bahia, Maceió... Em Maceió, a banda tinha mais características (de banda), tinha uma banda de música em Maceió. Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, não tinha uma característica de uma banda, entende?

Marcelo: Entendo. No caso de Recife, era uma “orquestrinha”, um conjunto, depois tornou-se a ser banda.

Pedro: No Recife era uma orquestra de pau e corda, tinha sopro, mas depois que a banda de música em Abreu e Lima “caiu”, ficou sem banda. Então o pastor Bezerra sentiu falta, quando queria ver um trabalho que tivesse (banda), pegava emprestado, levava a banda de música de Abreu e Lima, entende?

Marcelo: Entendi.

Pedro: Quando tinha assim, convenção, essas coisas... Então o pastor Bezerra pagou ao regente da banda de música da Macaxeira, uma banda “do mundo”, pagou para ensinar a Bernardino, que era o regente, pra daí transformar a orquestra de Casa Amarela em banda.

Carlos: Então quem começou a dar as primeiras instruções pra aquela orquestrinha de pau e corda se tornar uma banda propriamente dita, foi alguém da música secular?

Pedro: É, pagava a Sebastião Pedro para ensinar a Bernardino, (Sebastião) era sargento reformado da polícia militar, já tinha sido músico da rádio nacional no Rio, e regia algumas bandas “do mundo”. Na ocasião estava regendo a banda de música da Macaxeira. Então ensinou a Bernardino e Bernardino transformou aquela orquestrinha na banda de música. E nós, estávamos caídos, sem regente, Bernardino foi chamado pelo pastor João de Paiva para vir reger Abreu e Lima.

Carlos: Que já existia, mesmo decaindo um pouco?

Pedro: É, aí Bernardino ficou como regente da banda, a do Recife e de Abreu e Lima. Mas nós, (a banda) era muito pequena. O Recife quando surgiu como banda...

Carlos: a proporção dela aumentou né? O interesse para participar da banda.

Pedro: É, aí a banda de Abreu e Lima fraquinha, porque a maioria “se desviou”, foi embora, os músicos que eram novos como eu... resultado, para ser aceito, como ajudante, porque alguns músicos antigos não tinha condição, eu regi banda e fazia aluno, mas só fazia aquilo na terça-feira para dar um ensaio ao restinho que tinha... Eu e meu irmão, a gente ficava ensinando os alunos. Na ocasião, João do Frio, Salina, tudo aluno... Zeca Pereira, então João do Frio disse: rapaz, me leva numa aula, porque o mestre não tem condição de ensaiar a banda e dar aula. Eu disse: eu não posso dar aula porque não tenho autorização do regente, a menos que (ele) me dê permissão, você vai levar pra casa (lições). Aí João do Frio falou com o mestre, pediu permissão pra que eu desse aula, aí o mestre falou pra mim pra dar aula, não somente a você (João do Frio) mas a todos que quiser, vá na casa dele, ou do jeito que quiser, faça música! Quer dizer, foi aí que começou.

Carlos: Nessa época o senhor tinha quantos anos?

Pedro: Na época eu tinha 13 anos.

Carlos: 13 anos, e ainda assim ele confiou no seu trabalho?

Pedro: Sim, porque eu já dava aula ao menino na igreja.

Marcelo: Mas o senhor aprendeu com Bernardino foi?

Pedro: Eu aprendi com Silvano.

Marcelo: Silvano era militar?

Pedro: Não. Guinga e Sebastião primo, os dois eram.

Marcelo: Guinga e Sebastião primo eram militares?

Pedro: É. Comecei a ensinar na minha casa, na minha rua. Ensinei e saiu resultado, a banda foi crescendo com os alunos que eu ensinava.

Carlos: Entendi, o senhor ensinava alguns e isso foi aumentando, eles criavam gosto pra continuar na banda.

Pedro: Zeca Pereira, Salina e irmão dele, Jaguaribe, João do Frio... todos músicos que eu fiz. Como fiz uma série de músicos, tinha músicos mais capacitados que eu, mas Bernardino não quis.

Carlos: não permitiu, permitiu que o senhor ficasse?

Pedro: Me colocou como vice regente, porque Bernardino não tinha condições...

Marcelo: de estar lá e cá?

Pedro: É, então a banda funcionava comigo como vice-regente, aos domingos. Aí a banda de 48 até 52, quando Bernardino saiu para Campina Grande. Aí eu assumi a banda, como regente.

Carlos: Agora assim, quando o senhor começou a dar aula a esses alunos, depois que eles já estavam mais embasados como músicos, tocando e lendo bem, eles começavam a lhe ajudar nas aulas com quem estava começando? O senhor deu aula a essas pessoas, depois que eles estavam embasados com a prática da música mesmo, eles passaram a lhe ajudar nas aulas de quem estava ingressando na banda?

Pedro: João do Frio, Zeca Pereira, Salina... pegaram comigo e quando eu assumi a banda em 52, esses meninos...

Carlos: que tinham mais compromisso passaram a lhe ajudar? Começaram a trazer mais pessoas pra banda né isso?

Pedro: eram músicos bons, então assumiram e a banda foi crescendo. Agora, a banda de Abreu e Lima, primeira banda com características de banda tocando hino nacional e outras coisas, fomos nós.

Marcelo: as marchas, dobrados né?

Pedro: dobrados... no Rio de Janeiro a banda de música tocava o hino da harpa, fazia isso. Por exemplo, a percussão e o dobrado, qualquer hino...

Carlos: Entendi, colocava qualquer hino da harpa naquele ritmo tradicional deles.

Pedro: no dobrado.

Marcelo: na banda, aqui em Abreu e Lima, teve alguma rejeição em relação a percussão, bateria, bombo, caixa, essas coisas na sua época?

Carlos: os instrumentos da bateria incluídos na percussão.

Pedro: Prato, bombo, *tarol...

Carlos: Mas era separado, não era junto como a gente conhece hoje?

Marcelo: Eu digo assim... se os irmãos aceitavam em algumas igrejas, quando ia tocar, aceitavam a percussão ou não?

Pedro: ah, os irmãos tinham preconceito. Os quatros.

Carlos: Os quatros... esses quatros eram tocados de uma vez por uma pessoa só? Ou era separado?

Marcelo: separado.

Pedro: Esse negócio de bateria e **, isso surgiu com as bandas do rio, mas já agora.

Carlos: antes a percussão, a bateria... a bateria era desarmada na mão dos irmãos e se tocava a parte?

Pedro: As características de banda, ou banda chamada marcial, ou banda sinfônica. A banda sinfônica tem características de orquestra, aí a banda sinfônica tem o tímpano e outros instrumentos, bombo...

Marcelo: Na sua época aqui, quando o senhor assumiu a banda, quem era o pastor?

Pedro: quando eu assumi a banda, (o pastor) era João de Paiva.

Marcelo: o senhor assumiu com qual idade?

Pedro: com 18 anos.

Carlos: 4 anos depois de ter sido nomeado auxiliar, né isso?

Pedro: isso, eu era auxiliar...

Marcelo: sei, vice-regente.

Pedro: Então quando eu assumi, com 18 anos, era João de Paiva. Agora antes, era Joaquim Gomes, não era João de Paiva. Quer dizer, eu não convivi com Joaquim Gomes, convivi com João de Paiva, mas conheci Joaquim Gomes. Quem formou a banda em 42 foi Joaquim Gomes e trouxe do Sul Canhoto, José Rodrigues.

Marcelo: ele era militar?

Pedro: não, ele também veio, formou a banda. A banda esteve com Canhoto até 45, aí quando João de Paiva assumiu. João de Paiva era pastor em Carpina que tinha vindo de Campina Grande, e o pastor de Campina era Severino Silvestre, que saiu de Carpina e foi pra Campina

Grande. Quer dizer, João de Paiva veio de Campina Grande para Carpina, e Severino Silvestre foi de Carpina pra Campina Grande. João de Paiva fez umas duas visitas em Abreu e Lima, veio de Carpina, em 44. O pastor Joaquim Gomes assumiu Carpina. Resultado, resultado: Veio e não gostou da regência de Canhoto, porque Canhoto regia aqui e regia no Cabo, o Cabo era o pastor *** Ferreira de Melo, acontece que o Canhoto ganhava 200 reais por mês, mas ganhava mais 200 lá do Cabo. Canhoto falou “o senhor me leva para 400 e eu deixo o Cabo”. “não, não pode não” (Joaquim Gomes), foi quando Canhoto foi embora, aí (Joaquim Gomes) foi buscar Silvano, pra ganhar 400.

Carlos: não quis manter Canhoto pelos 400, mas trouxe o outro?

Pedro: É, entendeu? Agora Silvano era músico regente, aí resultado: a banda deu um pulo, cresceu, desenvolveu, mas em compensação houve um problema com Silvano.

Carlos: Agora, independente dessa questão política, o senhor conhecia a formação musical tanto de Silvano quanto de Canhoto? Tem ideia de como eles começaram, como eles aprenderam, como eles se formaram músicos?

Pedro: O Silvano era regente, aprendeu muito mais música do que Canhoto, Canhoto só botou durante 3 anos aqui, só 1 dobrado, nem dobrado era. Enquanto Silvano colocou mais de 10 dobrados, bons e bonitos...

Marcelo: Quando o senhor assumiu a banda, o senhor ficava com a banda e dava aula de música também? Na sua gestão o senhor regia a banda e também dava aula de música, né?

Pedro: É

Marcelo: A aula de música era em que dia?

Pedro: Era na terça-feira

Marcelo: E o ensaio da banda?

Pedro: O ensaio era na terça, acontece que minha aula continuava em casa.

Carlos: Quando terminava o ensaio da banda, o senhor levava os alunos pra casa pra dar aula em casa?

Pedro: Isso.

Marcelo: O senhor escrevia tudo no caderno, né? Passava a lição dos meninos no caderno de música?

Pedro: No caderno.

Marcelo: Quando o senhor assumiu a banda, tinha quantos componentes na banda?

Pedro: Era numa base de mais de 20, porque eu fiz músico na banda, na banda que eu recebi que veio de Canhoto, passou por Silvano e tinha mais de 10. Agora a banda depois de mim ela

passou pra Guinga, aí tinha muito músico, mas depois a banda foi crescer com Ferrolho, já depois de Guinga. Agora porque Guinga, faz pena... Manoel Xavier, conheceu?

Marcelo: Conheci!

Pedro: Manoel Xavier era o vice-regente de Recife, quando chegou o regente era Guinga, acontece que o Guinga fez... José Amaro...

Marcelo: Sei! Pastor José Amaro!

Pedro: É, José Amaro foi um pastor depois de Bezerra, depois de Bezerra que houve um problema sério, depois de Bezerra, antes de ser José Amaro, passou José Rosa, passou Joaquim Gomes, passou Messias, teve 6, esses entre 53 e 56, em 56 que foi José Amaro, que ficou. José Amaro era presbítero, na Macaxeira, foi chamado para assumir a igreja, em Encruzilhada, resultado: ele assumiu e pegou o outro presbítero, Lucas. José Amaro colocou Lucas pra vice-regente. Agora, passou Guinga, em Abreu e Lima, passou Guinga, Ferrolho, antes de Manoel, Zeca Pereira, depois Paulo Lira... agora a banda veio desenvolver no tempo do pastor Isaac.

Marcelo: Ele deu mais um apoio?

Pedro: o pastor Isaac comprou instrumentos e desenvolveu, fez a banda crescer. Agora, a primeira banda de música no Brasil com aspectos de banda, foi Abreu e Lima... o Recife não é a banda mais antiga, começou em 1933, começou na igreja em Encruzilhada uma orquestra de pau e corda, chamava-se pau e corda porque não era uma orquestra de jazz.

Marcelo: Era bandolim, cavaquinho, violão.

Pedro: cavaquinho, violão, banjo...

Carlos: Além dos instrumentos de percussão, quais eram os instrumentos de corda colocados nessa orquestra?

Pedro: existia um órgão

Carlos: de tubos né?

Pedro: órgão, que chamava-se na ocasião de sarafina, com pedais. Quem tocava eram as filhas de Jocasta, eram duas filhas. Quem regia o coral era João Vieira, o melhor regente de música que eu conheci, até regia o filho dele, resultado: João Vieira era um menino órfão, criou-se em orfanato da irmã, viúva de Joel Carlson, aí aprendeu música com ela em Água Fria e tornou-se regente de música, João formou a orquestra na Encruzilhada, depois apareceu Guinga, sargento da polícia militar, não era crente mas trabalhou a orquestra, não era banda.

Em 37 começou pau e corda em Casa Amarela, Manoel Bernardino era um músico de requinta. Aprendeu música em Vicência, uma cidade de Pernambuco. Bernardino formou a orquestra, a orquestra de 37 até 48. Em Recife, fundaram em 33, orquestra de pau e corda,

agora nós é que começamos, Abreu e Lima, 1947, já como banda, nada a ver com orquestra. Se bem que Abreu e Lima também tinha orquestra, Abreu e Lima era rico em música, tinha banda, tinha orquestra de pau e corda, tinha coral, a gente também tinha um serviço de garrafas, tocava feito marimba.

Marcelo: Sei, sendo feito de garrafas.

Pedro: É, tinha muitos músicos.

Marcelo: músicos bons, é verdade.

Pedro: Agora, em matéria de música, Silvano era muito mais muito (melhor) que Canhoto. Agora Recife, querer dizer que é mais antiga que Abreu e Lima, não.

Carlos: Pode até ser em criação, mas em formação como banda não, né? Eles fazem música há um tempo antes, porém com formação de banda Abreu e Lima inaugurou tudo.

Marcelo: quem me falou isso foi Seu Nelson, do clarinete, o senhor conhece Nelson?

Pedro: Nelson é filho do velho Adolfo, clarinete. Agora o Nelson foi quem me deu as primeiras aulas de instrumento clarinete, foi Nelson.

Marcelo: ah, o senhor tocava clarinete era?

Pedro: não, eu tocava trompete e trombone, mas o Nelson foi quem me ensinou clarinete.

Marcelo: O senhor tinha... essa questão do senhor aprender clarinete, era pra o senhor passar pra os meninos? Aprender a escala pra passar pra os alunos?

Pedro: Isso aí.

Carlos: Aí ia entrar a questão da polivalência, o senhor era especialista em trompete e trombone, porém também ensinava as palhetas aos meninos?

Pedro: ensinava palhetas, clarinete, sax, tudo.

Carlos: A iniciação musical com base naquele instrumento que era objeto de estudo o senhor também fazia? Por mais que depois outra pessoa que já tocasse palheta ajudasse a aprimorar o que tinha aprendido, né isso?

Pedro: Quando eu assumi a banda em 52, já estava pronto para ensinar todos os instrumentos, porque ensinei ao Zeca Pereira tocar sax, Salina tocar sax, Jaguaribe tocar clarinete, Jaguaribe morreu logo, mas ele é avô do Eliabe.

Marcelo: Sei.

Pedro: A história de Abreu e Lima é bonita.

Marcelo: Naquela época só tinha Abreu e Lima e Mirueira né? As igrejas.

Pedro: Era assim... Abreu e Lima só tinha 8 templos, 7. E Mirueira tinha fora Tabatinga em Igarassu, Itapissuma, e tinha Três Ladeiras, aí tinha um lugar chamado Umbú.

Marcelo: sei, já ouvi falar.

Pedro: Com a vinda de João de Paiva, fez o campo de Goiana, aí fez aquele tabuleiro.

Marcelo: Sei, conheci.

Pedro: Mirueira não tinha não, foi feito por João de Paiva, em Paulista não tinha templo, não tinha nada. Os crentes se reuniam nas casas.

Carlos: as casas lá no sítio Jorge né isso? Foi depois que surgiu a EBD (Escola Bíblica Dominical) e só depois surgiu Torres Galvão.

Pedro: Depois. Agora João de Paiva construiu Mirueira, aí ele fez a primeira igreja em Paulista, no bairro de Mirueira, foi ali que começou, mas só depois de Mirueira aí Torres Galvão. Ainda era vivo quando fez o hospital...

Carlos: o Central, ali embaixo.

Pedro: É, ainda vivo como deputado estadual, presidente da assembleia, colocou o nome dele e fez ali. Foi ali que a igreja fez o primeiro templo de Torres Galvão. Agora, é preciso que se diga, veja bem... fazer essa entrevista tem que botar o nome de Abreu e Lima, a história de Abreu e Lima.

Carlos: o objetivo é esse.

Pedro: Veja bem, as assembleias de Deus tem base na rua Azusa, lá atrás na Califórnia, toda a história da assembleia de Deus começa na rua Azusa, é preciso que se diga. Então, a igreja começou ali, um bairro de preto, ali começa primeiro a chamada teologia sistemática, eu não estou lembrado o nome do homem, mas a verdadeira teologia ela começa com ele preso, esses homens é que entendiam as coisas, os nossos teólogos não querem usar a palavra, eles não seguiam a linha republicana e nem democrática. Resultado: em 1916, esse movimento foi que iniciou as assembleias de Deus, até ali não era, era outro movimento.

APÊNDICE B – ENTREVISTA COM O MAESTRO POLICARPO JOSÉ DE LIRA (Maninho)

Marcelo: Como iniciou e o que incentivou a começar a tocar? Que idade você tinha mais ou menos?

Policarpo: O que me motivou a tocar foi a família, porque meus irmãos todos tocavam, eu sou o menor, o mais novo da família, então via todo mundo tocar. Pandeiro, violão, cavaquinho, acordeon... minhas irmãs mais velhas tiveram aula de acordeon, então meu pai ele não era músico, mas influenciava muito a gente a chegar a ser músico. O maestro Ginga, que foi maestro daqui (de Abreu e Lima), ele vinha do Recife pra dar aula pra minhas irmãs e meus irmãos. Então quando eu nasci, dentro de casa já tinha um grupo musical que tocava na igreja,

tocava nos conjuntos das igrejas meus irmãos, violão, cavaquinho, percussão, meu irmão Paulo tocava já na banda, então isso tudo motivou. E a idade... eu me lembro que com 7 anos eu pegava o cavaquinho e tocava, mas foi assim, ninguém me disse “olha, é assim o dedo, é assim que pega...” não, eu via e aquele negócio entrou assim, como um sopro, eu peguei o cavaquinho e fazia alguma coisa, com 7 anos. Com 8 anos, meu pai comprou um caderno de música pra mim e mandou aprender com Gideão Rosa, que era o regente da banda naquela época, Gideão Rosa trabalhava na prefeitura, de tarde vinha e abria uma barbeariazinha que ele tinha e na hora da folga dele, ele tava batendo lição. E para treinar mais em casa, quando Paulo, meu irmão, estava aí eu tirava as dúvidas com ele. Mas eu fui influenciado pela própria família, eu não tive aula de violão, não tive aula de cavaquinho, quando eu peguei o violão já com 8 anos, 9 anos mais ou menos, quando eu peguei o violão eu sabia fazer os tons todinho, o cavaquinho eu sabia fazer os tons mas não sabia o nome, aí meu pai disse “Você vai aprender com Manoel Antônio” que aqui na igreja tinha um conjunto infantil e era na base de violão, cavaquinho, percussão, aí meu pai falou com o irmão e eu fui lá, quando chegou lá o irmão disse: faça alguma coisa, aí quando eu fiz o irmão disse: o que é que tu viesse fazer aqui? Dá um dó maior, eu disse: não sei não. Ele: dá um sol, como tu quer estudar música e não sabe? Aí ele me ensinou a escala e foi a única aula que eu tive, e ele disse: precisa vir mais não. No conjunto: dó maior! Aí eu sabia, que eu já tinha aprendido a identificar, porque eu sabia fazer mas não identificava, aí foi assim. Eu fiquei surpreso quando eu peguei... foi assim, eu peguei o violão, quando eu vi, eu tava tocando, como se fosse algo mágico, tá entendendo? Aí como eu já sabia a posição do cavaquinho, e os trastes, eu imaginava que no violão seria a posição diferente, a forma de botar o dedo diferente, mas o local eu dizia “aqui é tal tom, aqui é tal tom”, nunca tive aula de violão e assim mesmo em casa com 7 anos eu já tava com o cavaquinho fazendo alguma coisa.

Gleysiane: Acho que já respondeu bem a outra pergunta que é como escolheu seu instrumento, se teve alguma opção.

Policarpo: eu não tive opção de instrumento porque eu desejava, achava todo instrumento bonito só que eu não tive opção, porque quando eu fui estudar na banda da igreja, uma escassez tremenda, quando vinha ter uma vaguinha pra um instrumento, o que o maestro desse tinha que pegar senão quem sabe não podia ter outra oportunidade.

Marcelo: Então o aluno não tinha a opção de pegar (escolher) um instrumento?

Policarpo: não, não tinha porque se aparecesse uma tuba, olhasse pra o aluno e dizia: o tuba é você. “Não eu não quero” (aluno), quando é que vai ter (outra oportunidade) agora? Aí pra mim chegou uma oportunidade de ser o substituto do irmão que tocava pratos. “Você vem,

quando o irmão faltar você pega” porque eu pegava tudo, eu tava olhando o ensaio da banda e entrava caixa, bombo, prato... aí um dia no ensaio faltou aquele irmão, e eu de curiosidade, menino, eu peguei o prato bem pesado e ainda faltava um pedaço, a escassez tremenda, aí fiz certinho mas (o maestro) disse: você vai ficar agora como substituto do irmão, se o irmão faltar.

[Risadas]

Policarpo: carregava estante, carregava a pasta do regente, eu na banda fiz tudo, outra coisa referente a essa pergunta é que depois, passou um tempo, eu sempre ali, peguei um bombo, mas estudando música, aí não fui mais ser substituto, fiquei titular do bombo e estudando, depois de muito tempo surgiu uma vaga de trompete, aí peguei o trompete. Não tinha isso de “eu posso escolher?” Não.

Gleysiane: Como foi o processo de aprender a tocar os instrumentos? Como foi essa questão dos estudos, das metodologias na época?

Policarpo: Da metodologia? O seguinte é esse, era à base da lição individual, a gente tinha um caderno e ia pra lá, o professor que era sempre o regente da banda ele passava a lição e conforme você fosse desenvolvendo o seu nível ia melhorando, até pegar o instrumento. O instrumento na época era o seguinte: você pegava duas escalas, a escala diatônica e a cromática, pegou bem, sabia a cromática, todas as posições, a entoação certa, afinação correta, já sabe ler? Vai pra banda. Então era isso aí, a base foi essa. Agora depois que eu já tinha 16 anos, já tinha um amigo que estudava comigo que era parceiro, e a gente querendo estudar mais, que era da gente isso, a gente gostava de estudar e queria estudar mais, a gente tava atraído, então a gente foi estudar no Recife como algumas pessoas que estudaram em conservatório, não teve chance, que era só quem tinha dinheiro, a gente não tinha condição (financeira), até pra ir pra o Recife era muito complicado naquela época o transporte, então a gente foi se agarrando com o que tinha, pegava uma folha do livro de música e ficava com aquela folha escrevendo pra ver. Depois foi que a coisa melhorou e a gente foi pra uma escola de música da orquestra sinfônica, aí depois deu o estudo mais sistemático né, tudo certinho, organizado.

Marcelo: teoria né?

Policarpo: teoria com aquele professor que era “O que é música? Música é a arte dos sons.” Isso aí. Você via que quando chegasse lá (perguntavam) “O que é música?” Se não soubesse, a lição não ia ser tomada, só ia tomar lição depois que soubesse o que era música. Então havia um atraso né, porque são duas matérias diferentes, a teoria e a leitura musical, o ensino é a leitura e a teoria ele ia pegando, mas não, pelo menos essa pergunta ele (o aluno) tinha que

saber, muitos também desistiram. Aí graças a Deus a gente foi, se organizando, participando de pequenos cursos, e fomos sendo conhecidos nas escolas de música e ao passar do tempo a gente estudava mesmo o instrumento e fomos estudar no conservatório, quando eu fui estudar no conservatório eu fui para o primeiro ano, quando foi no primeiro ano, com menos de um mês o professor chegou pra mim e disse: você não pode tá aqui, vá para o segundo ano. Aí fez um teste comigo e fui para o segundo ano. No segundo ano também, com menos de um mês: você não pode tá aqui, vai pro terceiro ano de conservatório. Aí no terceiro ano, também o meu nível era muito elevado, a gente estudava pra valer mesmo, aí disseram: vai pra o quarto. Aí pronto, a gente ficou no quarto, terminamos o quarto ano de conservatório, mas eu fiz, dentro de um ano, os quatro anos, e complicou e até hoje não recebi o certificado do conservatório, porque é muita burocracia, aquelas coisas que atrasam a educação, e se o camarada tem potencial, por que não?

Marcelo: Agora no conservatório, que instrumento você estudava lá?

Policarpo: Não, só estudava teoria. Teoria e harmonia, quando eu fui para o conservatório... depois de muito tempo quis fazer um curso superior, na universidade na época só 10 aí eu fui pro seminário teológico, lá estudei 4 anos música, fiz Bacharel de música, fiz a minha formatura de composição e arranjo, porque eu escolhi arranjo. Foi uma experiência muito boa!

Gleysiane: Se seguiu os estudos musicais após tocar na banda... seguiu né?

Policarpo: É.

Gleysiane: Atua ou atuou como músico profissional?

Policarpo: Atuei como músico profissional. Eu passei em alguns concursos de música. Passei no exército, mas nunca fui chamado, e hoje entendo o porquê, que Deus traça caminhos, né? Com Deus é diferente. Passei na orquestra sinfônica, também não fui chamado, eu e Arimatéia a gente passou numa prova tremenda, eu me lembro que o professor Rivoredo que era quem fazia o exame de teoria disse: vou fazer uma pergunta e vale de 10 a 0, 10 ou 0. Vamos? Eu disse: Vamos! Depois que eu disse “vamo” eu (pensei): Meu Deus, depois que eu já disse quero voltar atrás e não posso mais. Ainda me lembro da pergunta que ele fez, o programa era muito grande em Teoria, ele perguntou: Qual é o relativo... Dó menor é relativo de quem? Aí eu disse: De mi bemol. Ele disse: tá passado. E colocou a nota 10. Mas não fui chamado, nem eu nem Arimateia, mas Arimateia ele teve uma explicação, disseram que o cara de flauta, Arimateia não fazia faculdade e o cara de flauta bem fraquinho com relação a Arimateia, Arimateia passou mas o cara só porque tinha o título de licenciatura ficou, mas no vamo ver... tanto é que ninguém ouviu falar nele, chamado Ítalo, era jovem. Então tem essa

coisa aí. Atuei como profissional na banda sinfônica de Paulista por um tempo, concurso feito, fomos aprovados e trabalhamos lá, com o maestro Nelson Batista, capitão do exército. Trabalhei como profissional em grupos pequenos, no universo de regente, tocando trompete... Depois fui trabalhar, como as portas estavam se fechando e a orquestra sinfônica não me chamou, eu senti que eu tinha que ganhar dinheiro, pular pra outra coisa, foi no tempo que o pastor fez uma banda aqui no colégio e disse olha: Zequinha é o responsável mas você vai ficar lá apoiando Zequinha, fique na sombra de Zequinha, agora bote o que você puder de melhor pra que a banda saia boa. Então como eu tinha teoria musical, estudado acadêmico e Zequinha não tinha, Zequinha ficou com a parte da disciplina, organizando a parte administrativa da banda e eu fiquei com a parte musical. Então foi bom, uma experiência muito boa, e dali veio oportunidade, eu fui convidado pra ir pra o Polivalente, pelo diretor do Polivalente, e um ano saiu o contrato pra mim, eu disse: vou deixar o instrumento pra lá e vou me dedicar ao ensino da música, aí fui me dedicar ao ensino, escrever pra os meus alunos porque eu sabia da necessidade deles, eu não ia pegar um negócio de alguém que poderia ser mais pesado pra eles, eu tinha que escrever, tinha que ter as aulas, não pegar aula de ninguém porque não ia dar certo pra realidade dos alunos... Então tive que ter essa habilidade que me fez crescer, acreditar nos meninos, grupos de flauta, grupos de coral na escola, e eu fui contratado pra ensaiar só a banda, mas eu disse: Não, vou fazer mais, vou dar um curso de música! Falei com a diretora, organizei tudinho, e fiz um curso de música e surtiu efeito e eu fui melhorando. Nisso também fui sendo acreditado, e alguns colegas meus me contrataram como professor do Firmino da Veiga e regente da banda, como profissional. Aqui em Abreu e Lima fui indicado pra fazer o projeto da banda da prefeitura, a banda foi muito boa, um sucesso! E a maioria da banda foram todos alunos meus, então deram um passo muito forte né? Você viu que um cara saiu do zero pra o profissionalismo, então foi muito bom essa experiência.

Com quem eu toquei... Toquei com muita gente, toquei com Ademir Araújo, com Dimas Sedicias, toquei com o maestro José Jorge, toquei com Paulo, toquei com Gideão, toquei com muita gente.

Marcelo: Pode citar alguns alunos que você ensinou que hoje tá na carreira profissional, bem sucedido?

Policarpo: Rapaz...

Marcelo: Eu sei que tem muitos né?

Policarpo: Bem sucedido tem você, tem Spok... a turma só pensa em Spok, mas não é. Tem Mozaniel, tem Jadiael que também foi maestro da polícia, tem Mima, tem Gilberto, Albino foi

meu aluno desacreditado aí em Paulista, eu disse: venha cá, pegue o caderno! Comecei, o maestro implicando com ele porque não se afinava com o pai dele, eu digo: não, deixa pra lá! A gente daqui a pouco quando viu Albino tava fazendo faculdade e se tornou aquele músico tremendo que foi. Fábio Andrade, Flávio Cassimiro... Muita gente! Fiquei feliz de muitos, chegar agora ali na praça, muita gente chegou. Geovani, que toca com Duda, foi pra China e passou um tempo. Tem João Orlando que era trompetista, Eliane, Efraim que foi levado pra o Polivalente atrás de Spock, tem muita gente. Os que hoje tocam comigo ali na tua banda, por baixo 40% foi gente que chegou de zero e se profissionalizou comigo. Acreditei neles e eles também acreditaram em mim, né? Ademar trompetista bom... muita gente! Eu me admirei que um cara foi meu aluno, há uns 5 anos eu fui pra uma festa, chegou um cara e veio lá falar comigo, disse “tá lembrado de mim não? O senhor que me ensinou a ler música” aí quando ele foi (embora) eu disse “aaah, me lembrei”, ele até toca com Spok... Então, é tanta gente que eu esqueço. Então tudo bem, eu digo aquela turma é abençoada, porque eu sou um profissional que não olho só a minha parte, eu sempre defendi... agora estamos com esse negócio aí, tá tudo se encaminhando bem...

Gleysiane: como era a metodologia no polivalente quando você começou a chamar os meninos pra ensinar?

Policarpo: O seguinte é esse: O polivalente naquela época não tinha aula à noite, então eu dava de dia o ensaio da banda, era só no sábado, e uma vez perdida durante a semana, aí foi quando eu... por exemplo, Lima que foi meu primeiro aluno, eu via ele muito grudado em mim querendo aprender aí uma vez eu disse pra ele “eu acho que eu vou dar um curso de música aqui”, aí ele pulou em cima de mim, vibrando quando eu falei isso, quer dizer, eu falei por falar, depois que eu falei que vi a vibração dele foi que eu vim ver o peso do que eu falei. Aí eu perguntei: tu topava estudar? Ele: topo! Pronto, aí passei um tempo e eu falei com a diretora “a senhora permite eu vir aqui...” porque tinha aquela aula extraclasse né?

Marcelo: é, na época tinha extraclasse.

Policarpo: hoje é outro nome... era extraclasse, algo que não estava no currículo e a comunidade podia participar. Aí eu disse “vamos fazer?” Ela disse: topo! Que é que precisa? Eu disse: só precisa a senhora liberar o vigia pra entrar aqui (os alunos) e tudo certo. Aí avisou nas classes e começamos. Naquele tempo até o caderno de música era difícil, só tinha um lugar no Recife que vendia, nem existe mais a loja. Aí o que aconteceu... nós começamos o curso, a metodologia foi: lição individual, só teoria que era coletiva, eu ia para o quadro, mas a lição era individual para que não atrapalhasse o outro. Aí começou os meninos, entre eles, a dizer: “eu dei mais lição do que tu”, aí começou uma disputa pra ver quem dava mais

lição. Tinha momentos em que eu batia no birô, dizia: “sai daqui, o que vocês querem? Estão doidos?” A turma com sede, então um que dava 8 lições, vibrava! Tudo certinho, eu escrevia na mão, aí o que acontece? Foi evoluindo, evoluindo... aí eu disse: aula prática!

O instrumento básico é piano, em qualquer casa tinha um pianinho. Aí começou com aquela marca de flauta, desafinada, o que saiu ali era mecânica, a coisa desafinava aí dizia “Oh, procura aí, muda o dedo aí que esse instrumento tem que procurar posição” alguns já foram entendendo, daqui a pouco apareceram outras flautas melhores, boazinha, aí todo mundo comprando. Dentro da aula eu tinha mais ou menos uns 40 alunos, era na biblioteca, já facilitava, o vigia tava na frente do Polivalente, a biblioteca era fora, aí pronto. Comecei a escrever algumas coisas pra eles, aí depois em dupla, depois “vocês três”, tal dia vai ter uma apresentação... era Asa Branca, essas coisinhas mais fácil, aí dia das mães dizia: Olhe diretora, vai ter uma apresentaçõzinha de flauta, aí dia do estudante, dia do professor, e foi... aí uns inventaram concurso de música lá, podia ser tudo, cantando, várias modalidades, aí os meninos participaram e foram criando gosto, muito gosto. Aí o que acontece? Naquele tempo tinha a escola de música na igreja, era uma vez por semana, mas a do Polivalente tava mais incrementada, já era todo dia à noite. Aí fomos tocar nas escolas, chegou fim de ano, música de natal, tudo lendo direitinho. Aí o professor que era um diretor de outra escola “Rapaz, dá pra levar os meninos pra lá?” A gente foi, a prática deles foi aí, aí começou a aparecer instrumentos, a banda do Polivalente era uma banda respeitada, aí o que acontece? Eu tive acesso direto ao diretor de cultura do Estado e a diretora da escola “Vá, e consiga as coisas” Aí o cara confiou em mim.

Aí pedi “a gente tá precisando de um trompete, tá com trompete velho” aí ele: vou dar um kit de instrumento. Aí tinha menino que não podia comprar um sax, os instrumentos que a gente tinha não dava, a gente fez um grupinho, foi melhorando, fez a orquestrinha do Polivalente, tocou em muitos lugares, num foi Marcelo?

Marcelo: Foi, no Geraldão...

Policarpo: a orquestra era fera, tinha uma banda com 80 componentes, a gente chegou com 14, a gente meteu nosso repertório e Jota Ferreira disse “Eita! A filha ganha pra mãe” comparando a banda de 80 como se fosse mãe da gente. Aí tava lá Dinho, Marcelo, aquele menino do baixo...

Marcelo: Elias, Spok, Enok...

Policarpo: Essa turma todinha se profissionalizou, Genilson do clarinete, tudinho tá profissionalizado, maravilhosamente bem, e a gente vibrando né?

Marcelo: Na igreja, na banda você tocou que instrumento? Você falou em prato, depois bombo.

Policarpo: passei muito tempo no bombo, percussão, depois fui pra o trompete, passei pouco tempo, uns 3 a 4 anos, aí depois problema de família... Aí foi o tempo que o irmão do bombo não aguentou mais e mandou eu ficar tocando, mas eu com a vida profissional crescendo que eu tava nos colégios me procurando, desenvolvendo bem e na igreja. Um dia eu fui tocar na igreja, uma festa lá no pátio da feira, aquela festa de carnaval que fazia, aí tinha na quarta-feira Pastor Isaac fazia... no início não era aquele povão não, era metade do pátio da feira, menos da metade, aí a banda vinha tocando daqui até lá, aí quando chegava meus alunos me viam e dizia “eita, o professor!” Aí quando me via tocando bombo “Oxe, o senhor tocando bombo naquela banda de velho, era pra o senhor tá na frente” Eles foram lá na hora do culto rapaz, dizer “era pra o senhor tá na frente, que isso? Tocando esse bombo velho?” Eu: depois eu falo com vocês, acaba com esse negócio. Depois em outro momento eu fui lá, disse: meu amigo, você não sabe, ali eu sirvo a Deus, quem serve a Deus não escolhe o serviço, entendeu? Aqui eu sou professor de vocês, mas lá eu sou servo. Até Batista Manoel disse: “esses caras não sabem nada não, não sabe as coisas de Deus não”. E um camarada meu, lá em Paulista, ele bem, muito bem, morava atrás do matadouro, ele saiu, foi para o exército, cadete, e depois que saiu da formatura, uns 3 anos mataram ele, João Pedro o nome dele.

Marcelo: Me lembro de João Pedro.

Policarpo: acho que a gente foi na casa dele, eu, tu e Gilberto. A mãe dele legal, a família dele legal, aí ele morreu, João Pedro. Porque João Pedro era um cara exibido, gostava de brincar se exibindo, ele chegava na aula de música “hoje quem vai dar mais lição sou eu, não tem quem me acompanhe, era brincadeira a turma sabia. A turma pensa que ele lá, os soldado fechou ele... “Maninho eu acho que aquelas brincadeiras dele... ninguém sabe.” Um menino muito bom, lamentei muito a morte dele. Polivalente foi bom... Agora na igreja, aí eu na igreja fiquei lá no bombo servindo, na igreja eu não sou profissional, eu sempre tive sempre aquilo, eu tô na prefeitura, tô lotado no instituto de Spok, por causa da minha idade eu tô afastado, aí alguém quer cobrar minha presença lá, quer cobrar algo a mais do que eu sou contratado, e eu não faço, um arranjo eu não faço, não tô ali como arranjador, tô ali pra ensinar. Agora meu aluno, qualquer pessoa necessitar de mim e eu tenha condições de fazer, eu faço, agora com instituição... tem que pagar, sou profissional, tô aqui pra isso. Na igreja... pé descalço! Teve uma vez que eu fui varrer lá, entrei no banheiro, ficaram estarecidos “Que isso, saia daí, não pode, meu Deus pastor!” Oxente, e porque sou pastor não pode servir a Deus não? Agora lá fora não, sou profissional sim, chego na hora, trato bem, busco fazer o melhor, agora quer que

faça mais? Pague. Na igreja não, eu pago! Porque é pra Deus, tá entendendo? As pessoas às vezes confundem, eu sou lotado, porque tem uns que são da prefeitura e estão lotados lá no serviço de Spok, e tem outros que a prefeitura cortou, só que o serviço de Spok tem criança esperança, eu não sou do criança esperança, então quem é que deve ir, eu sou da prefeitura lotado no projeto dele, só que teve o decreto que tendo 60 anos não vai trabalhar. Eu cheguei na chefe e perguntei: mudou a gestão, já teve algum decreto mandando os 60 voltar? Não, então minha situação é essa, sou lotado e tal... como é que fica? Ela: “fica do jeito que está até descer uma portaria, para segurança sua e minha, vá lá assinar o ponto e sai.” Não era nem pra eu assinar, aí a irmã de Spok fica: maestro, tem que vim. Eu digo: não fala comigo, fala com Ladjane, e Ladjane diz que não sou eu, é você. Aí ela diz: vou apertar. Eu digo: eu sou ancião tá? Te cuida!

[risadas]

Na igreja não, eu me doe, você sabe, a gente pegou a banda né Marcelo? Gideão: Maninho, ajuda aqui a banda. Mas eu digo: cara essa banda ... Eliabe, Marcelo. Os caras tudo novinho, vamos dar um jeito nessa sede aqui gente? Tem dinheiro em caixa, vamos pedir as tintas, tijolo por tijolo, não foi Marcelo? E aqueles frisos brancos, não era rebocado não, a gente pintando tijolo por tijolo e não morreu ninguém. Teve um ensaio que Gideão chegou e disse “eita!” Pastor Isaac passou pela sede e disse “eita, tô vendo que a banda tá tomando outro rumo!” então Deus foi abençoando, abençoando... A gente foi a Brasília algumas vezes e uma vez em Brasília eu tava lá no auditório esperando Severino Forjano* da aula de regência, eu tava lá em cima, cheguei primeiro e fiquei lá em cima no teatro, e a banda sinfônica de organizando, aí eu: cara, a gente de Abreu e Lima a gente vem bater (aqui), eu na última cadeira lá em cima e uma voz bradou no meu ouvido: eu, Deus, faço assim! Deus falando: eu trouxe você aqui pra você se capacitar, porque eu tenho uma obra. Aí eu fechei os olhos, não é que eu vi a banda da igreja lá? Eu via Gideão me chamando e dizendo: Olha aqui, tem alguém que quer você aqui, bem brabo ele falava. Eu (pensando): cara, eu tava em Brasília e Deus me trouxe em Abreu e Lima, comecei a chorar. Aí disse: no domingo eu vou na igreja. Terminou o ensaio o maestro disse: vamos lá em casa, eu cheguei na casa dele, uma irmã chegou lá e disse que a irmã ia orar depois do almoço que ela viajar, quando ela foi orar começou Deus falar, eu disse: camarada, é verdade o que ela tá falando, porque eu vinha falando com o maestro no caminho e quando ele chegou aqui Deus brada. Quando eu pensei: Deus tá nesse negócio, Ele disse: e eu estou mesmo! E eu lhe trouxe aqui pra falar com você, eu tô lhe capacitando e eu tenho uma obra grande. Quando eu vi, passou o tempo, Gideão não pode ir pra uma tocata, tava aquele negócio de regente pra lá e pra cá, bota Valdemar, bota

Luiz, manda num sei quem, aí pastor Isaac mandou buscar o maestro da banda, tu lembra? Luiz Gomes, aí disse: vai vir um maestro, aqui não tem Davi, a gente tem que buscar um maestro, quinta-feira tem reunião, aí tava no Firmino da Veiga querendo vir, aí a diretora disse: não Maninho, vai ter uma reunião e tal, de oito e meia eu libero, mas naquele tempo pra gente pegar um carro de oito e meia em paulista, pra chegar em Abreu eram dez horas, em 82. Aí quando terminou a reunião eu fiquei na quadra olhando os meninos jogarem bola, uma voz disse pra mim: “Covarde! Tu estás lá e não tem Davi” Aí eu me lembrei do que tinha sido falado no domingo, eu disse Meu Deus! “Covarde, covarde” A banda era muito troncha, desafinada, o cara botava pra tocar a partitura de cabeça pra baixo e ele ia tocando, quando ia ver tava de cabeça pra baixo, como é que ia dar certo? “Quero esse negócio nada!” Eu correndo. Aí eu disse: Jesus, está tendo uma reunião lá, tu sabe que eu tô aqui mas fiz de tudo pra ir, se a mulher liberar eu vou correndo, e se ela não liberar me dê uma chance, eu vou tomar posição. Aí Luiz veio, na quinta.

Marcelo: Eu tava nessa reunião.

Policarpo: Ele queria tirar a velharada todinha não foi?

Marcelo: Ele disse: Os músicos que já é idoso não toca na banda, e os mais novos vão ter que estudar, senão vai sair.

Policarpo: Eu calado, no outro domingo a banda foi convidada pra ir pra RO, naquele tempo a gente tinha as discotecas dos colégios, adquiria dinheiro dos colégios, e a gente professor tinha que ir pra ficar na sala de aula pra ninguém entrar, eu fui escalado pra o Firmino da Veiga até meia noite, mas até todo mundo sair era uma hora. Aí eu fiquei na porta da sala, na sala da banda, os professores tudo lá e a discoteca rolando, eu com sono, tava já “pescando” ali, aí quando terminou a discoteca, cadê o povo sair? Cadê a diretora liberar a gente? Cheguei em casa eram duas horas, de manhã a banda ia tocar, aí quando cheguei lá, aí chega Gideão e disse: “Maninho, você que vai com a banda!” Eu disse: Eu? Eu não vou não. “Você vai e pronto e acabou-se! Pastor Isaac mandou você, vou embora!” Cara, que coisa! Aí chega Valdomiro: Maninho, que é que tá acontecendo? Porque ele me viu triste, o que é que tá havendo? Botou a mão assim em mim e disse: eu tô aqui pra fazer o que você quiser, diga a ordem! O pastor Isaac não deu a ordem? Vamos simhora, rapaz! Aí fui. O que eu botava a banda não tocava, aí eu tinha um arranjo chamado árvore da Cruz, lembra? Eu tinha dado aquele arranjo a Paulo Roberto, aí Paulo Roberto: Queres que eu vá buscar aquele arranjo pra passar aqui? Eu disse: Quero, vai! Aí ele foi, quando passou o arranjo... eu disse: a banda tá melhorando, aí deu tudo certo, Deus abençoou, abençoou, a gente começou a tocar árvore da Cruz no meio do hino era músico chorando, foi muito poder, lá em Olinda, coisa linda!

Comentaram sobre a banda de Abreu e Lima, chegou em pastor Isaac e Gideão, pastor Isaac: olha, se cuide porque Gideão não vai ter tempo pra tá na banda não, vá ajudando ele lá!

Fui organizando, chegando mais perto de Gideão... fiquei 11 anos à frente da banda, fui muito abençoado, a banda foi um laboratório pra mim. Aí fui estudar teologia, quando eu fui estudar teologia a coisa mudou, porque muitos da banda foram me procurar com problemas, e cadê eu? Eu sem saber de nada. “Maninho por que tu não tá mais aqui dia de sábado?” Bem, eu sempre tive o que fazer... Aí fui e na ocasião que fui aprendendo fui melhorando minha vida espiritual, quando os irmãos da banda diziam alguma coisa eu sabia o que dizer. Tudo meu foi de lá (da banda), toda minha educação veio daí, toda! Eu digo sem reservas. Quando eu fui pra o conservatório, quando eu andei com músicos, eu fiz seminário de música, bacharel em música, pouca coisa eu vi nova, pouca coisa. Mas eu já ouvi falar isso na igreja, Gideão falou isso, fulano falou isso, eu vi alguém falando isso... naquele tempo a banda tocava aquelas marchas antigas, cada música pesada, aí a gente veio com árvore da Cruz, com músicas mais suaves, aquele “eu quero ver”, umas coisinhas fáceis, Deus me ajudava pra escrever, eu saía, escrevia, dava um jeito, e a banda correspondia.

A banda teve outro divisor que foi a espiritualidade da banda, pastor Roberto disse: a banda é um grupo desacreditado, eu disse: pelo senhor, o senhor me desculpe, mas por Deus e pela igreja não, porque tem gente que pensa que é pastor, ele é o supremo, mas não é, o regente não é o supremo da banda, os músicos, o povo que é o supremo. Eu sabendo da história da banda todinha, nasci e me criei aqui, ele veio pra aqui, eu não, eu cresci aqui. Aí eu disse: na banda tem eu que sou evangelista e saí de lá, tem Bida que é diácono, tem Grenó* que é diácono, tem homem santo ali dentro, o que falta é vocês verem, e hoje quantos saíram de lá? Presbítero, diáconos, pastores, homens que pregam o evangelho, saíram da banda.

Marcelo: Depois que saiu da banda, você foi pra obra missionária. E você fez algum projeto de música lá?

Policarpo: Fiz, sempre onde eu andei, eu fiz. Fiz pouco na Austrália porque na Austrália, por exemplo, a menina que tocava piano, ela tá aqui no Brasil, cursou na Universidade de Minas. A irmã dela só estudou o (Ensino) Médio, não em conservatório, na escola, porque toda escola lá do governo tem arte, todo tipo de arte, o aluno passa por um teste de aptidão e dizem: Oh, tem isso e isso pra você, mas primeiro é isso, então ele termina no colegial e já sai com um curso médio de música. Tava difícil de ter um grupo de louvor, e só eu tocando, eu dizia: não, tem que produzir, aí convidei três irmãos e comecei com baixo, guitarra, bateria, porque já tinha o piano, aí voz... ficou bom, fizemos três grupos de música lá. Fui ajudar no exército de salvação, eles fazem muitas obras sociais, então em cada bairro tem uma banda

deles, banda com dezoito músicos, catorze, na sede tem bandaço. Na Austrália, eu queria que isso acontecesse no Brasil, mas não pode porque as igrejas aqui tem dono, por exemplo, um templo, três ministérios ocupam, dá pra entender? Consciência né, cultura... Então a gente ocupava um templo do Salve*, templo de luxo, bonito, tudo organizado... Eu sempre ajudei lá, tinha a chave do arquivo, eu enchi o pau de música, “eu preciso de um Aleluia” aqueles arranjos que eles fazem lá só pra metal, botei pra palheta, mas agora não tenho essa cópia. Quando eu vim, falei com um cara da secretaria de educação “Tô levando umas cinquenta músicas, você quer comprar?” O cara: quero! Aí vendi.

Marcelo: Na sua época, quais eram os músicos profissionais que tinha na banda?

Policarpo: Na banda não tinha, era só eu, Jó, Gideão e Moisés. Fazia parte em paulista. E Bira, eram cinco. Hoje o nível da banda tá elevado.

Marcelo: Houve algum preconceito, alguma rejeição em relação a vida profissional, você exercer na banda da igreja e exercer lá fora, onde toca outro tipos de músicas? Houve críticas?

Policarpo: Houve e foi pequena, porque, por exemplo, a banda de Paulista ia tocar nas praças, então os crentes não são acostumados a ir para praça, só vão pra igreja, mercado, não vai pra shopping, não vai pra praia, aquela mentalidade, então na época muito mais. Mas tocava nas procissões, não afetou a mim em nada, se eu pudesse eu nem ia, mas como profissional tem que ir, então resguardei minha fé. Mas quando veio a banda municipal de Abreu e Lima o negócio pegou, tinha irmão que quando via a banda tocando na praça ele chegava na igreja ficava falando dos músicos. “Maninho, vocês estão em pecado.” Qual pecado? Pecado teve você, você scandalizou, você não falou com a gente, você veio pra igreja e quando pegou o microfone veio falar besteira, fique sabendo que não edificou a igreja não, a igreja é edificada com a palavra de Deus. Teve muitas coisas, por exemplo, um dia a gente foi passando numa procissão de São José, que o padre tava pedindo e a gente negando ao padre, aí depois pastor Isaac começou a entender, ele já compreendia a situação da gente então quando chegava alguma coisa desse nível ele dizia “Vamos ter cuidado, vamos orar” Às vezes me chamava, “Maninho, tá acontecendo isso, converse com os músicos”, Eliabe sempre tava por aí e tinha mais tempo de estar com os meninos, “Eliabe, dá o toque aí, o pastor tá entendendo a gente mas a gente não pode decepcionar” hoje eu sou pastor, um repertório misturado lá mas não me afeta em nada, eu tô ali como artista, até na banda hoje eu tenho que ver o que eu boto pra tocar. A igreja não tem condição de dizer “Você vai ficar só aqui, daqui vai ser mantida sua família e às necessidades” não tem, aí tem que correr atrás. São coisas que são muito difíceis de compreender, então você que vive no momento é que tem que saber se policiar, pra não deixar Jesus sair da sua vida. Eliabe disse uma vez a Zito: Zito, nós somos músicos, e se botar

a gente pra tocar no inferno a gente vai. E quando olhar lá pra o inferno um bocado de coisa brilhando, vai dizer: Foi os músicos que botaram, e a gente sai de lá com brilho também. Esse negócio da banda ta progredindo, mas é por causa de oração, vê os músicos, a maioria crente, as mulheres tudo orando, tá mais pra dar certo do que errado.

Marcelo: Quando você se profissionalizou tinha sido músico, e depois que você assumiu a banda?

Policarpo: Quando Gideão deixou a banda, tinha cinco, quando eu deixei tinha muitos, porque cresceu, quando houve aquele negócio lá no Recife, aí entrou Ademário, você, Batista...

Marcelo: Jonas, Zacarias, Spok...

Policarpo: Pipocou!

Marcelo: Abdom, Geovani, Enok...

Policarpo: Ismael Barbosa, Ademir, Elizeu, Liudinho, Eliabe, Efraim...

Marcelo: Alberes... a tendência foi crescer, então teve essa visão profissional dentro da banda né?

Policarpo: O seguinte é esse: a banda cresceu muito e hoje não tem crescido mais porque apoio não tem, nem sala não tem pra ensaiar, isso é uma coisa feia. Então o que acontece? No tempo da gente, eu tocando, você lá, a gente era exigido, a gente não era ensinado, imagina a gente tudo confuso jovem, “tu tá errado, tá disciplinado” é o que eu disse: quando eu fui pra banda, eu senti que eu fui pro canto da parede porque eu precisava melhorar meus conhecimentos bíblicos, minhas condições espirituais, não era só tocar. Você deve ter ouvido essas expressões “Nota 10 em música, mas na espiritualidade 0.” Aí foi que a gente foi trabalhando, orientando, aí tem Antônio Verçosa, que hoje tá lá em Portugal “Maninho, o caminho é esse.” Aí tinha Deda, quando os jovens tavam conversando Deda ficava... pra entregar “tão conversando coisa ali que não é do agrado de Deus”, quando ele achava que não era do agrado dele. [risos] se a gente olhasse assim pra qualquer coisa, ele: tão olhando pro mundo. Era assim a mentalidade dele, depois que ele mudou, foi pra Ferrolho, a turma ali da Ferrolho tudo gosta dele, o que acontece? Era coisa desse tipo, quando eu fui a dimensão diferenciou, cada tocata era 10 minutos de oração, 15, 20, e Deus tratava com a gente, aí quando entrava pra tocar já ia cheio, a diferença, a gente via a igreja como ficava quando a banda tocava, o mais edificado era a gente, fazia a gente ver a glória dEle, não só arte, não só música, mas ver a glória dEle. Aí Deus começou a levantar, os irmãos sendo batizados com Espírito Santo, a banda tocando e daqui a pouco para tudo porque Deus levantou alguém falando profecia, isso tudo acontecia. O nível espiritual foi aumentando, o prazer de servir a Deus aumentando e a gente foi também crescendo, Deus nos deu um norte, ao invés da gente

ser só exigido, a gente foi orientado, sendo acreditado, a glória de Deus crescendo e a gente pode crescer, e ainda digo mais: a banda tá existindo ainda graças àquele azeite que a gente pegou, já era pra ter acabado, eles têm intenção de acabar, como a banda não tem lugar pra ensaiar? Isso não existe!

Gleysiane: O que a banda trouxe para sua vida? O que ela representa e o que você aprendeu para além da música?

Policarpo: Bem, a banda trouxe pra mim muita satisfação, realização, edificação, me deu um norte, porque não foi só tocar, foi aprender. Então eu graças a Deus absolvi isso, e tenho muita gratidão a Deus por essa causa, a existência da banda da igreja. Onde passei sempre foi dizendo “meu princípio foi ali”. Uma vez eu fui convidado pelos pastores, eles tavam interessados em mim, disseram “fulano falou do senhor e tava interessado em trabalhar com você” e quero saber se o senhor tava interessado em trabalhar com a gente, você vai ser reconhecido logo... o problema não é esse, “não mas o dinheiro” o problema não é dinheiro, aí ele disse: mas não é feito Abreu e Lima não, aí eu já disse: para! Ele veio conversar coisa aqui, sobre o ministério, mas não era de Abreu, ele queria falar mas eu disse: olha, aquele povo de Abreu e Lima é meu povo, aquela igreja de Abreu e Lima é minha igreja, tudo que eu tenho eu aprendi ali, Deus me honrou, eu fui menino ali e saí pastor, nunca pensei nisso, fui fora do país, diversas vezes morei fora do país, essa bagagem todinha tá comigo e Deus me levantou ali, eu tenho uma dívida ali, aquele povo é meu. “O povo lá é seu? A igreja é sua?” O povo é meu, e aquela igreja é a minha. Eu entendi a dele e disse: o que de lá não é meu é o pastor, o pastor não é meu não, você tá entendendo, mas aquele povo... eu nascido e criado ali junto, por causa de um vou estragar o rebanho todo? Então tudo meu foi aí. “Ah, por que não vem aí?” A última vez que eu vim, não surtiu edificação, quem é inteligente não vai pra onde não se edifica não. No aniversário tô vibrando, graças a Deus a banda tá passando mais um ano. Recebo notícias da banda e vibro, notícias da igreja e vibro, pra gente amar e ter amizade não precisa tá o tempo todo colado não. Tudo meu foi aí, aprendi cavaquinho, toquei no grupo infantil, fui regente do conjunto infantil, teve um vocal aí e fui fundador do vocal, graças a Deus a gente foi se organizando, participando de pequenos cursos, sendo conhecidos nas escolas de música.

Marcelo: O vocal Shalom né? Eu me lembro.

Policarpo: Vocal bom, pastor Isaac “Vamos pra Sergipe, vamos pra Maceió” o vocal tava em pé. Cantei no lírio dos vales, fui regente do lírio dos vales numa crise tremenda, faltando 15 dias pra o aniversário o maestro disse “não quero mais.” Pastor Isaac me chamou e disse o que tava acontecendo, perguntou o que podia fazer, disse “não coloque os velhos não, pegue o

que tem mesmo, ensaie” eu disse: tá certo. Depois sai, Silvestre ficou, depois passou pra outro, Jonas, por aí vai...

Gleysiane: Qual a influência e relevância da banda no cenário musical da região e no meio evangélico? Você falou também que muitos saíram daqui.

Policarpo: A importância da banda é muito grande, a gente não alcança, porque se você fizer uma relação dos que passaram na banda e o que a banda gerou neles e eles estão bem, vai ficar gente de fora. A importância da banda ela é cultural, artística, educacional e formação de cidadãos. Eudes, professor Eudes, era perturbador, menino perturbador, na escada da banda tinha um corrimãozinho, ele subia no corrimão e descia escorregando, menino sem noção, numa velocidade! Ai vinha subindo o pastor Isaac aí viu, ele subia lá e descia, quando ele escorregou e caiu foi bem no pastor Isaac, pastor Isaac ficou amarelo. [risos] Teve Manasses, aquele menino que era no pé da mãe, aí chegou lá, Pastor Isaac pediu pra eu atender Manasses, ele todo lesado mas alegre, gostava dos meninos, aí os meninos Ademário, Abdom... Manassés bem grande, com 12 anos parecia ter 17, aí eu chegava de nove da manhã pra pegar manasses, quando dava nove e cinco eu mandava ele ir só pra aprender. Ele é um bom mecânico, tocou na banda muito tempo, nunca teve problema. Teve essa turma todinha, então o que foi que a banda fez? A música, através da banda, aconteceu que Eudes se tornou um pai de família. A banda tem uma influência tremenda, de gerar regentes, professores, novos grupos, foi isso que a banda gerou. Gerou maestro, no tempo era uma escassez terrível, gerou Genival, Zacarias, Jonas, gerou você que hoje está na frente da banda, me gerou, gerou Paulo, somos todos da banda! Quantos professores! Eliezer com aquele jeitinho dele, só ensinava a ler, não ensinava nada mais, mas quantos aprenderam! Eu vejo Tony do trombone... coisas simples, que precisam ser apoiadas, naquele tempo a gente tinha. Hoje a banda tem um nível não só cultural, musical, espiritualizado como hoje nós temos presbítero na banda, diáconos, auxiliares, homens que não são da eclesiástica, mas tem capacidade. Eu vejo Marcondes com um cuidado com a banda, toda vez que converso com ele não tem uma vez que não fale da banda.

Marcelo: Quero agradecer a você por esse tempo de nos conceder a entrevista e pela contribuição que você deu na banda, isso fica registrado na obra de Deus, o que você aprendeu e não nega de onde veio, suas origens, e a contribuição que você deu hoje como músico profissional da banda sinfônica do Recife, a contribuição que você deu na minha vida, na minha carreira musical, não só a mim como Spok, Enock e outros mais que foram da minha época, no período que formou a orquestra e a gente na nossa adolescência com aquela garra toda e eu admiro muito você e seu irmão. O trazer do zero e fazer acontecer as coisas,

eu sempre falo isso no meio musical, porque me lembro dos arranjos seus, aquelas pessoas que eram mais desenvolvidas do que outras, botavam uma semicolcheia, outras coisas desenvolvidas, mas não deixava de tocar e não fazia diferença entre a gente no meio do grupo, entre os mais desenvolvidos e menos desenvolvidos, e a gente era um corpo só e eu agradeço muito, sei que esse dom que Deus lhe deu, tanto da música mas de ensinar e incentivar, eu agradeço muito. Também em nome da Banda Musical Acordes Celestes, como maestro faço os agradecimentos a sua pessoa e que seja bem sucedido no seu ministério e Deus continue abençoando você, sua esposa e o trabalho que você faz com as crianças. Como eu relato no meu trabalho, os maestros tinham um conhecimento versátil de toda família de uma banda, como você falou na entrevista, você só ensinava a escala cromática e tonal e o aluno ia desenvolver, pegar conhecimento. Me lembro que você me levou pra Brasília em 84 e ali eu praticamente não tinha conhecimento, foi meu professor também de trompa, e por tocar só trompete me ensinou a tocar trompa só em Si bemol, e quando chegamos em Brasília disse te vira aí, e a gente foi se virando e graças a Deus até agora nós temos família, filhos... Devo muito à família Policarpo, eu não pude dizer isso ao seu irmão mas a família que Deus colocou na minha vida para me conduzir para essa vida profissional que hoje eu tenho e o que tenho a dizer é que Deus continue lhe abençoando nessa trajetória, é isso que tenho a lhe agradecer.

APÊNDICE C – ENTREVISTA COM O MÚSICO ELIÚDO PEREIRA DE SOUZA (Liudinho)

Marcelo: Como iniciou e o que motivou a começar a tocar? O que foi que lhe incentivou pra ir pra área da música, se foi alguém, algum colega ou família, como iniciou?

Liudinho: A questão de eu ir pra área da música foi influência do meu pai, porque desde que eu me entendo como gente ele já tocava clarinete na banda e desde novinho já pegava o clarinete, ele deixava em cima do guarda-roupa já pra gente não pegar e ia trabalhar, e eu pegava escondido o clarinete e tentava tirar som, aí depois surgiu a oportunidade do deje, o deje foi fundado e aquele obreiro Josildo que era cunhado de Efraim, esposo de Joquebede, ele fez a proposta pra o Pastor Isaac de montar uma orquestra com os adolescentes do deje, e tudo foi num período só, quando surgiu o deje já surgiu essa orquestra, e o pastor Isaac ele não... assim, quando você vinha com uma proposta pra ele, ele queria primeiro ver algum resultado pra poder investir, ele nunca comprava instrumento de imediato não. Então Josildo explicou isso pra gente e o pastor Isaac ainda comprou algumas flautas doces e eu não tive

condições nem de pegar nessas flautas, eu não fui contemplado com a flauta, eu sobreí pra pegar umas percussões artesanais que ele ensinou a gente a fazer com quenga de coco, a gente pegava o coco seco, serrava ali no meio e lixava aquelas quengas e eu comecei tocando esse instrumento de percussão artesanal. Depois disso eu já acompanhava papai na banda, nos ensaios, sempre estava no domingo nos ensaios, eu era o único dos meus irmãos que acompanhava papai nos ensaios da banda e um certo dia eu notei o som do sax e era Spok quem tava tocando, Abdom*, e me chamou atenção, aquele olhar que você para e escuta o som e olha pra o instrumento, eu tinha uns 10 anos de idade, então a partir daí comecei a me interessar pelo instrumento e fui estudar com Maninho no Polivalente pra pegar sax, mas a influência veio através do meu pai.

Marcelo: Já respondeu a segunda né? Como escolheu o seu instrumento.

Liudinho: Foi dessa forma, eu vi o Spok tocando lá na banda na época e me chamou atenção, me prendeu e eu comecei a partir dali a namorar o instrumento.

Marcelo: Como foi que você foi pra o Polivalente estudar lá com Maninho? Alguém levou ou você procurou saber?

Liudinho: Eu tomei conhecimento que tinha essa aula no Polivalente através de Eudes, meu irmão. Porque eu comecei no deje e depois Eudes se interessou também pra estudar música, até então Eudes não tinha instrumento definido, eu já tinha, eu queria saxofone. É tanto que na hora de entregar o instrumento, Maninho veio me dar uma flauta transversal e eu não aceitei de jeito nenhum, ele achava que Eudes era mais desenvolvido que eu nas lições na época, aí ele disse “Vou botar seu irmão pro sax e você na transversal, porque Eudes tá mais desenrolado nas lições” aí eu fiz a maior resistência, ainda me lembro que ele acabou me entregando um sax lá, um sax francês que tinha dois registros, cheio de borracha, não tinha nem o case nem nada, mas mesmo assim eu fiquei feliz porque peguei esse instrumento, mas foi através do meu irmão Eudes que foi estudar no Polivalente e me chamou pra estudar junto, sabia que eu tava a fim de estudar música.

Marcelo: No Polivalente, qual era o processo de ensino? Era como?

Liudinho: No Polivalente era um ensino bem individual, a metodologia de Maninho, onde era exigido mais a parte rítmica, a gente dizia o nome das notas, mas não era obrigado a solfejar as notas na entonação certa, ele exigia mais a parte rítmica, você dizer o nome das notas e ler as divisões certas, era assim.

Marcelo: E depois usava as flautas? Trabalhava com vocês as flautas doces?

Liudinho: no caso do Polivalente, as lições eu batia na mão mesmo e depois eu já peguei o sax, a flauta doce eu não passei por ela não.

Marcelo: Foi direto pra o instrumento?

Liudinho: Fui direto pra o instrumento!

Marcelo: Seguiu com os estudos musicais após tocar na banda? Aí como foi o processo de entrar na banda? Foi com o instrumento do Polivalente?

Liudinho: Depois que eu comecei a estudar no Polivalente, quando a gente chegava mais ou menos em quiálteras, semicolcheia, aí era quando Maninho achava que a gente tava pronto pra pegar o instrumento, aí ele me deu um sax da banda, que meu interesse era tocar na banda da igreja. Aí em seguida eu fui estudar no centro de criatividade, em 87, com 12 anos de idade, passava por baixo da borboleta do ônibus, papai me dava um vale transporte pra passar o mês todinho, se por acaso algum cobrador fizesse alguma resistência aí eu dava o vale, mas eu ficava com o vale e passava por baixo da catraca o mês todinho, quando tava perto de acabar já eu entregava o vale a ele, a um dos meninos.

Marcelo: Quem era o professor lá no Centro?

Liudinho: No centro de criatividade o professor de sax era o professor Caetano.

Marcelo: Caetano, fagotista da orquestra né?

Liudinho: É, fagotista da Orquestra Sinfônica.

Marcelo: É, ele tocava sax. Chegou a se formar lá no centro de criatividade?

Liudinho: Não, eu levei até muita bronca do próprio Caetano, eu ia pra lá muito novo, pegava o instrumento como quem pega um livro na biblioteca e eu ia só fazer barulho, toquei pouquíssimas lições lá e ele chegou ao ponto de me chamar a atenção, dizer “olhe, você não chega aqui com as lições prontas e só fica aí fazendo barulho pelos corredores e assim você não vai ser músico nunca” e eu escutava isso aqui também de Paulo Lira né? Paulo Lira falava também aqui de vez em quando nos ensaios dia de domingo: “Eu só vejo aí nos corredores [som aleatório], mas quando bota pra tocar partitura, cabousse o camarada”, era assim.

[Risos]

Então eu não levava a sério né? Meu negócio era mais tocar, não gostava de estudar.

Marcelo: Quando foi que você começou a levar a sério?

Liudinho: Eu comecei a levar a sério agora, quando eu inventei de gravar esse método, porque na verdade nunca gostei de estudar, inclusive cheguei a pensar em desistir várias vezes por isso, porque a minha mente ela me acusava, ela dizia “você nunca vai ser músico, porque não gosta de estudar, então desiste” aí cheguei a planejar desistir várias vezes, (pensava) vou entregar o instrumento e não vou mais, eu queria, via o pessoal estudando e queria também

fazer aquilo, pegar um método e ver todinho, mas eu começava, batia uma lição e passava uma semana sem pegar lição.

Marcelo: E a questão pra atuar na vida profissional? O desejo de atuar na vida profissional... ou sempre foi assim, involuntariamente ou você procurou e viu algum grupo que chamou atenção?

Liudinho: A deficiência que eu tinha na parte de leitura eu compensava com uma certa técnica, de som, interpretação, o próprio Maninho ele falou pra mim na época “se você com esse som, com essa interpretação, tiver uma boa leitura, você vai ser um grande músico” não esqueço mais nunca que ele falou isso, lá no Polivalente ainda, no começo, porque ele sabia que eu não dava conta das lições, é tanto que ele queria dar o sax pra Eudes por conta disso, aí ele: “com essa técnica e esse som, se você tiver uma boa leitura você vai ser um grande músico”. Então assim, eu compensava a falta de leitura buscando técnica e improvisação no instrumento, isso chamava atenção um pouco, então o próprio Maninho me chamou em 91 pra tocar na banda municipal de Abreu e Lima.

Marcelo: Você achava melhor a questão de ouvir e tocar improvisado, do que ler, ter aquela regra de estudo? Era melhor ouvir e começar a tocar improvisado? Isso era o que fazia você não querer estudar, ter uma disciplina de estudo?

Liudinho: Eu falo sempre que o que eu não estudei, eu compensei dessa forma, tocando aleatoriamente e escutando, eu escutava muito, eu gostava de música, eu gosto, sempre gostei de música. Nesse período aí eu acompanhava papai na banda, com 10 anos de idade eu já escutava, tinha um radinho que eu escutava rádio universitária tocando música clássica, eu dormia com esse rádio e às vezes ele até caía da cama, se espatifava no chão, de pilha, pequenininho, eu toda noite dormia escutando esses programas de música clássica na universitária FM, e de meio dia eu escutava o almoço musical, não perdia um, por dinheiro nenhum. Outra coisa era a questão do ouvido, eu desenvolvi muito o ouvido por não ter leitura tinha que forçar o ouvido pra pegar as coisas, quando eu entrei na banda eu já sabia os dobrados todos decorados, quando eu peguei o sax que bati algumas lições no sax e Maninho disse: já vai entrar na banda aí pra ir se virando, mas os dobrados eu já tocava tudinho de ouvido, na rua tinha muitos desfiles naquela época e eu já tocava.

Gleysiane: Como foi esse processo da aula do Polivalente até entrar na banda da igreja, foi concomitante, foi antes ou depois?

Liudinho: No Polivalente a gente começava batendo as lições na mão e como eu falei, quando chegava em quiáltera, semi-colcheia, aí ele dava o instrumento, no meu caso da banda, no Polivalente eu acho que nem tinha, na época era mais corneta, essas coisas, instrumentos de

percussão e a maioria do pessoal, Spok e o pessoal que não está nem na igreja mas pegaram instrumentos da igreja, a maioria. Então assim, quando a gente chegava nesse ponto de semi-colcheia mais ou menos aí ele dava o instrumento e você se virava, eu peguei algumas poucas aulas com Moisés Félix, filho de irmão Valdemar, cheguei a pegar algumas aulas com ele, e Eudes pegou muita aula com ele de flauta né? Moisés na época tocava flauta na banda, aí Eudes pegou muita aula com ele de flauta e eu peguei algumas aulas de saxofone. Tentei estudar com Spok, mas assim, ele não quis me ensinar na época, não sei porquê, eu passava na casa dele toda manhã e meio que chamava ele, sabia o horário que ele ia pra igreja, aí chegou uma hora que ele disse: “Liudinho, faça seu estudo, pegue seu instrumento, você não sabe onde é a igreja? Vá pra lá e comece a estudar lá, não espere por mim não”, ele não gostou né? Que eu tava indo na casa dele, chegava lá perguntando se ele ia pra igreja estudar que eu queria ir também e tal, aí eu ali já tive uma trava... aí fiquei me virando sozinho, tudo que eu aprendi foi sozinho, não tive um professor de sax pra me orientar mesmo, me acompanhar com aulas não. Estudei no conservatório também um tempo, mas o professor Edson me deu poucas aulas mas aí eu já tava levando um pouco mais a sério, mas aí depois o conservatório a parte teórica, o professor tocou uma música no piano, uma melodia e pedindo pra os alunos tentar dizer os acordes que ele tava usando, ele deu uns acordes, umas tríades, primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto grau, até aí. Quando foi entregar o caderno, eu entreguei o meu com a melodia e a harmonia, aí ele disse: oxente! Não, o pessoal tá se quebrando aqui pra dizer os acordes somente, você acha pouco e escreve também a melodia que eu toquei? Aí disse: olhe, saia daqui e peça o diploma aí, aqui não dá pra você, aí eu saí, quando ele falou isso eu me desestimulei e saí.

Marcelo: Como atuou na vida profissional?

Liudinho: Na vida profissional a primeira oportunidade quem me deu foi Maninho, eu até penso, tô fazendo uns dobrados pra homenagear, penso em fazer um dobrado pra homenagear ele.

Marcelo: E foi aonde?

Liudinho: Na banda municipal maestro Ferrolho, foi a minha primeira atuação na área profissional.

Marcelo: E depois, tocou com algum músico?

Liudinho: Depois, quando eu entrei na banda, surgiu a oportunidade de entrar num grupo aqui de prática de jazz, que era com Júnior Gideão, Efraim, Amós e o baixista, não lembro quem começou no baixo lá, mas depois entrou Nilton e o irmão dele Nilson também de guitarra na época, mas eu também entrei nesse grupo, eu tava na banda Ferrolho mas ingressei nesse

grupo. Foi quando justamente eu comecei a abrir minha mente pra harmonia, apesar de que por conta de eu ter uma influência muito grande dessas coisas que eu escutava, a rádio universitária e almoço musical, eu pegava o horário que iniciava e só parava de escutar quando terminava todo dia, aí eu também desenvolvi muito o lado da harmonia, com 12/13 anos eu já escrevia duetos pra flauta, aí tocava eu e Eli Vieira, era meu vizinho, fazia muito dueto e escrevia dueto de flauta pra gente tocar. Quando eu entrei nesse grupo em 91 eu comecei a fazer arranjo mesmo, pra orquestra, comecei fazendo os hinos de Oseias de Paula, Vitorino Silva, transcrevendo na verdade.

Marcelo: Depois da banda Ferrolho você foi pra onde, profissionalmente?

Liudinho: Depois da banda Ferrolho foi quando surgiu essa oportunidade da banda sinfônica do Recife em 99, aí foi quando eu entrei, em março de 99 e dei baixa aqui na prefeitura de Abreu e Lima, pedi exoneração e ingressei na banda sinfônica do Recife.

Marcelo: Aí lá, no caso foi concurso, né?

Liudinho: Foi concurso.

Marcelo: Tocou com outros músicos? Alguns grupos fora esse do jazz?

Liudinho: Toquei na orquestra Veneza 7 anos, toquei no *Spettus* uns 9 anos.

Marcelo: E gravação, teve alguma coisa assim?

Liudinho: Gravação surgiu, eu comecei a gravar mais ou menos em 94, e quem me deu a primeira oportunidade foi Nilson Vieira, um disco que ele produziu de uma menina lá de Caetés II, aí eu fiz o sax, essa foi a minha primeira gravação, era deck de rolo ainda, não tinha computador nem nada. Surgiu uma oportunidade no disco do meu cunhado, mas eu não tive coragem, me senti despreparado ainda, levei o instrumento, mas não tive coragem de gravar, era muita responsabilidade, na época se levava muito a sério isso, aí quem gravou foi Moisés do trompete, aquele que morou ali no Polivalente.

Marcelo: Sim, Moisés Galego.

Liudinho: Foi eu e ele fazer um metal junto e eu provavelmente ia fazer uma faixa de sax, mas sozinho eu não tive coragem de entrar não. Daí eu não parei mais de gravar, hoje já perdi a conta, já gravei mais de mil CDs, entre CDs e DVDs, mais de mil.

Marcelo: Teve alguma oportunidade de você ir pra fora daqui de Pernambuco?

Liudinho: Oportunidade teve, pra estudar, teve gente que quis me bancar nos Estados Unidos, empresário, já teve tio meu que quis que eu fosse estudar em Brasília na época, na Universidade de lá, bancava também, e eu nunca tive coragem.

Marcelo: O que a banda trouxe pra sua vida e o que ela representa? E o que você aprendeu para além da música?

Liudinho: A Banda Acordes Celestes, o que ela trouxe pra mim foram duas coisas: trouxe primeiramente exemplo de vida cristã e foi onde praticamente eu ingressei na música, foi na banda. Praticamente foi o início de tudo, porque esse deje na época nem partitura tinha, era um negócio bem aleatório mesmo, autodidata mesmo, não trabalhava nem com leitura, então eu comecei realmente estudar e praticar música foi na banda Acordes Celestes. E o que representa pra mim, representa tudo, eu deixei de aceitar vários convites por conta da banda, eu não queria sair da banda, aqui no conjunto mesmo Harpa de Davi, Manoel falou comigo e eu não queria de jeito nenhum, chegou ao ponto que ele falou com o pastor e meio que me empossaram na tora, o pastor Roberto eu me ajoelhei e ele botou a mão na minha cabeça, e quando levantou na minha mente eu continuei na banda, não fui nenhum dia lá reger o conjunto, eu (disse) posso dar uma forma, mas não saio da banda. E assim, a banda é o que me prende aqui até hoje, de eu não morar em Recife, como você sabe né? A gente mora aqui e pegar esse trânsito, a gente não ganha dinheiro em Abreu e Lima, é tudo em Recife, mas aí realmente o que me prende aqui é a banda, e é o lugar onde eu aprendi muita coisa também, experiência de vida, vida cristã, foi onde eu vi Deus falar de forma tremenda e se cumprir também de forma que eu não vi em lugar nenhum, as profecias que eu vi se cumprir de fato, ao pé da letra, a maioria delas foi na banda.

Marcelo: O que você aprendeu para além da música? Você já respondeu né?

Liudinho: Fora a música e dentro da própria música eu procurei investir em várias áreas, a parte de leitura, de banda, de orquestra, questão de arranjo também, gravação também é outro setor, estúdio de gravação eu também trabalho tanto gravando como técnico de gravação. Entendo um pouco de informática por conta disso, e agora o conserto de instrumentos porque desde que eu comecei a tocar também eu comecei a consertar instrumento, porque papai tinha oficina de relógios e muita coisa se assemelha, né? Os materiais usados aqui, 50% dos materiais também usa no conserto de relógios, então eu aprendi a soldar com papai, soldar prata que é uma das soldas que se usa no instrumento e a solda branca, todas duas que se usa no instrumento também se usa no relógio, eu aprendi a soldar esses dois tipos de solda com meu pai. Sapatilha mesmo, com meu tio Deda, eu já fazia de forma artesanal, com couro de carneiro, assim junto com o aprendizado de música eu também já aprendi um pouco de manutenção de instrumentos, sempre desmontei instrumentos e fazia sapatilha e tal.

Marcelo: Sem nenhum orientador, por conta própria mesmo?

Liudinho: É, orientado pelo meu pai e pelo meu tio, eles tinham esse material todinho, instrumento, solda, torno pra fazer peças, se fosse possível também, tudo que a gente precisava pra instrumentos lá tinha estrutura pra se fazer. Agora eu fiz um curso né de

lutieria*, um curso on-line, pra aprimorar e saber usar o material adequado, aprender algumas técnicas.

Marcelo: Essa questão de gravação de estúdio também foi involuntariamente ou você teve alguém que orientou? Oi foi pegando conhecimento com colega, como foi?

Liudinho: É, estúdio foi por conta de Eudes gravando sax né? Dentro dos estúdios aqui, praticamente eu gravei em 100% dos estúdios aqui de Recife, então eu via muito, convivi muito com técnicos de estúdio e pegando dicas, logo logo, na primeira oportunidade que eu tive de comprar um material de gravação pra montar um home estúdio eu já adquiri, em 98 mais ou menos, acho que foi em 98 eu comprei o material: uma placa de som, computador e comecei a gravar ali em Timbó.

Marcelo: Qual a influência e a relevância da banda no cenário musical da região e no meio evangélico, em sua opinião?

Liudinho: a banda ela tem projetado muitos músicos, se você for fazer um levantamento de quantos músicos estão na área militar e passaram pela banda, tanto os que estão ainda atuando como aqueles que estão na reserva ou já faleceram, é um número incontável, então a banda ela tem uma influência muito grande no cenário musical porque ela tá sempre formando músicos pras forças armadas, pra orquestra sinfônica, pra banda (sinfônica), pra todo tipo de segmento musical.

Marcelo: Agora queria agradecer a você por conceder essa entrevista, o seu tempo e também pela contribuição que você dá na banda como músico, essa humildade, essa simplicidade, esse dispor ao trabalho, não só da banda como outros órgãos na igreja. Então o pessoal fala sobre você ter medo de viajar de avião...

Liudinho: É, realmente eu fiz ainda umas oito viagens mas parece que foi piorando a cada uma, chegou ao ponto que eu parei e não tive mais coragem.

Marcelo: Estou muito grato pela sua entrevista, há mais alguma coisa a falar?

Liudinho: Não, eu que agradeço, e também parablenizo por mais essa conquista, primeiramente Deus e seus esforços estão alcançando, alcançou, e cada dia Deus venha abençoar mais. Também admiro muito a sua pessoa pela humildade, pelo empenho na obra do Senhor e isso mesmo que você não perceba, mas está sendo visto e está influenciando muita gente também, o comportamento e a dedicação como você faz a obra do Senhor e a humildade em primeiro lugar.

APÊNDICE D – ENTREVISTA COM O MAESTRO LUIZ PEREIRA DE SOUZA

Marcelo: Como o senhor iniciou o seu ensino musical? Quem lhe motivou a começar a estudar música e a tocar?

Luiz: Quem me motivou foi Josué, Josué Oliveira, a família dele lá de Paratibe, Moisés. Não sei se você alcançou aquele menino que tocou trombone, Moisés Oliveira.

Marcelo: Do trompete?

Luiz: Não, ele tocou trombone. Tinha Biu Maria, tinha ele. Você não alcançou né?

Marcelo: Alcancei não. Alcancei só Biu Maria.

Luiz: E o irmão, um bem baixinho. Já faleceram, os dois. Esse tocava trompa e ele me incentivou, passou umas lições pra mim, daí então eu ingressei na banda com a idade de 22 anos, com 21 anos me entreguei pra Jesus e com 22 fiz parte da banda, fazem 62 anos. Atualmente eu sou o mais velho da banda, era Deda, mas ele tinha passado 7 anos fora, mas somando o tempo dele eu ganho para ele já. Quem tem mais tempo na banda sou eu, tanto em idade como em tempo de banda. Comecei a tocar na banda em 59, me entreguei para Jesus em 58 e em 59 eu comecei na banda musical. Moisés e Josué passou lições pra mim e depois me colocou pra bater lições com Guinga, depois de Guinga fiquei com Zeca Pereira, quando comprei um clarinetezinho de 13 chaves ali no Recife, na Clarim pernambucano que fica na Rua Imperial. Comprei e ingressei na banda como aprendiz. Não foi muito bom pra mim porque na época pra eu poder estudar um pouquinho, meu irmão trabalhava de noite e quando eu dava um apitozinho minha mãe dizia: Luiz! Sandro vai dormir, Sandro tá dormindo, e eu ficava sem treinar, além disso, eu trabalhava aí nessa eu não treinava muito, nessa época era ruim. Mas fiquei na banda assim mesmo, desse tempo todinho pra cá, passei por 4 maestros e agora tá você.

Marcelo: A escolha do instrumento foi alguém o senhor mesmo quem escolheu?

Luiz: Não. Eu mesmo que simpatizei, achei bonito o som do clarinete aí... Ainda me deram um sopranitozinho, aquele saxofone pequenininho. Um dia desses Liudinho estava com um desse. Um saxofone mirim. Me deram, mas eu não me adaptei muito não. Foi o tempo que eu comprei meu próprio instrumento, aí devolvi e fiquei só com o clarinete esse tempo todinho.

Marcelo: Só com o clarinete né?

Luiz: A minha opção foi o clarinete.

Marcelo: E o processo de aprendizagem? Quem lhe deu as primeiras escalas do instrumento?

Luiz: A escala do instrumento quem me deu foi o maestro mesmo da banda.

Marcelo: Quem era o maestro da época?

Luiz: O maestro na época era Zeca Pereira, José Pereira de Albuquerque. Ele foi quem me colocou na estante. Depois que veio outros maestros, veio Gideão, veio Paulo, veio Waldemar, veio você também.

Marcelo: No caso, ele passava a lição ou passava a escala e já dava as partituras?

Luiz: Passava a lição. A escala eu aprendi logo, peguei logo a escala natural, depois a escala cromática devagarinho. Foi pouco tempo para pegar e ir para estante como aprendiz. Quem tocava na estante também era o pai de Eliabe, seu Antônio Jaguaribe e Genoval, nós éramos fraquinhos. Quando eu comecei a desenvolver um pouquinho, o pai de Eliabe disse: Ah, ele está tocando mais do que eu, vou sair daqui, não dá para mim mais não, vou tocar Quebra Quebra Guabiraba, aí se desviou e não quis saber da banda mais. Era assim, a gente não ia como a turma vai hoje para as escolas, não estudei em escola não, foi só na banda mesmo.

Marcelo: Só na estante mesmo né? Não foi para outra escola não né?

Luiz: Não, não. Ainda fiz um solozinho na música Paulista para Cristo numa igrejinha lá de Torres Galvão e a peça Hosana.

Marcelo: Eu me lembro.

Luiz: Essas peças foram perdidas lá na Paraíba. Gideão esqueceu a mala lá, era uma bolsa que tinha as partituras. Aí ficou tantas peças antigas lá, o dobrado do maestro que morreu Jurandir. Perdeu um arquivo muito bom. Aí depois chegou a turma boa que foi ficando. Meu tempo foi esse, que continuei, solteiro ainda, eu vinha de Paulista ensaiar aí.

Marcelo: Agora assim... O senhor já trabalhava quando tocava na banda né?

Luiz: Na Fábrica Paulista, trabalhei lá 9 anos e 5 meses. E depois quando sai da fábrica Paulista, fui para Recife trabalhar no centro da capital, que hoje é Dantas Barreto, na praça Santo Antônio. Lá trabalhei 56 anos, como relojoeiro. Faz 3 anos ou 4 que eu parei. Eu sou muito antídídático. Meu sogro, tudo ele tomava nota, até coisa que aconteceu comigo. Eu não sei o dia que eu saí da fábrica, mas está arquivado na agenda dele lá. Tudo anotado, mas eu sou muito antídídático. Era para eu ter anotação dessas coisas todinhas e nunca anotei nada. De certo que eu parei faz uns 3 anos, 3 a 4 anos que eu parei.

Marcelo: Aí quando o senhor começou a aprender música, a tocar na banda, porque o senhor não seguiu a carreira profissional de músico?

Luiz: Nunca me interessei não.

Marcelo: Nunca se interessou.

Luiz: Não. Parti para a profissão de relojoeiro, foi com o que manti a família, graças a Deus. Aí eu não quis fazer carreira, não. Logo eu não era bem estimulado para dar um músico bom

mesmo porque, como lhe falei, não tinha condições de treinar mesmo, de estudar. Pegava no instrumento para ensaiar, somente.

Marcelo: Eu sei, não tinha espaço né?

Luiz: Não tinha espaço. Quando comecei logo, se eu tivesse ido, como teve menino que foi logo para...

Marcelo: Para o Conservatório, para o Centro de Criatividade, né?

Luiz: Se eu tivesse ido, poderia ter feito carreira, a minha idade dava até para eu entrar ou na polícia ou no exército. Dava, com 22 anos. Mas eu não me interessei não, a ser profissional de música. Fiquei só na igreja mesmo.

Marcelo: Só na igreja mesmo.

Luiz: Fiquei na igreja só tocando para igreja mesmo. Eu nunca toquei nem Asa Branca. Porque todo músico secular, atualmente, a primeira música que eles tocam é Asa Branca, sem sanfona...

Marcelo: É...(risos).

Luiz: Eu nunca toquei uma música profana, nem uma estrofezinha. Foi só na igreja mesmo.

Marcelo: Só na igreja mesmo né!

Luiz: Ou hino na igreja, ou dobrado, ou música da banda, ou hino mesmo. Aí por isso, novo convertido tem aquela fé, aquela santidade, não é radical para isso.

Marcelo: Na época eu acho que a igreja não permitia né?

Luiz: Não permitia. Tinha uns músicos que tocava carnaval era um escândalo. Meus meninos começaram, mas graças a Deus que eles desistiram logo. Eu nunca me interessei por tocar música profana não, aí fiquei só na igreja mesmo. Como amador até hoje.

Marcelo: E o que a banda trouxe para a sua vida? E o que ela representa?

Luiz: Ela representa algo muito bom porque eu amo a profissão, eu amo o louvor, quer dizer a música sacra de igreja, eu amo, eu sou apaixonado, eu gosto muito mesmo, sabe. Então a música para mim foi uma, a música de qualquer maneira, são duas coisas no mundo que faz bem até aos loucos, uma é a música, e não é que ela seja a primeira arte não, e a outra é o perfume, não é. São duas coisas que penetram na alma da pessoa, e a música penetrou na minha alma, eu gostei, eu fiquei achando bom. Não só por ser músico, mas tocar mesmo, fazer parte da música, porque a música é uma coisa muito importante, muito bom, sabe. Até Gideão, um dia agente conversando, ele disse: olhe é difícil um músico ser um grande criminoso, um grande assassino. por quê? Porque, primeiramente, o músico precisa ter algo interno dele, que o tornasse uma pessoa assim. E de fato é mesmo, é difícil você ver músico assim, entendeu.

Marcelo: agressivo?

Luiz: agressivo e tal, é difícil você ver, sempre tem aquela calma, porque a música ela penetra no íntimo da alma, não é. É como o perfume, comparando o músico ao bom perfume, com um bom perfume todo mundo se sente satisfeito, que perfume bom, que perfume cheiroso, esse cheiro esta vindo de onde, e tal, agora quando ele é ruim, que perfume ruim é esse, pelo amor de Deus. É como a música, um a música bem acentuada, agrada, mas também quando não é. Uma vez aconteceu uma história engraçada, uma certa vez chegou um certo fulano dizendo: “olha fulano agora eu sou músico” e o outro disse: “que estória rapaz, tu é músico nada”, “pois eu sou, toco trombone, e já estou ganhando dinheiro”, e ele Perguntou: “ganhando dinheiro com o que?”, e o outro disse: “é um vizinho que tem raiva do outro e me põe para tocar na porta dele”

(risos)

E eu fiquei pensando, vai levar é um tiro, porque a musica é assim, quando ela é mal tocada irrita, ninguém quer ouvir, não é.

Marcelo: É verdade.

Luiz: é como um perfume, quando ele é ruim, alguém diz, esse perfume está me deixando é bêbado. Porque são essas duas coisas que penetra na alma da pessoa. E a musica é boa, tanto pra tocar, quanto pra ouvir, se sente bem, ela acalma. Lembro de quando eu trabalhava lá no Recife, eu trabalhava na Rua Nova, ali, eu no segundo andar, de vez em quando eu olhava, e lá tinha uma discoteca em baixo, lugar de fazer música, e de vez em quando eu via um louco desse de rua, um louco mesmo, desses assim, dessas pessoas da Tamarineira mesmo, escutando a música ali e se remexendo, e dançando, e passava tempo escutando a música, ai eu dizia: mas veja mesmo, a música penetra até nos loucos.

Marcelo: é, realmente.

Luiz: até eles se sentem bem com a música.

Marcelo: é, é uma terapia, não é?

Luiz: uma terapia muito boa, tanto pra quem toca, quando pra quem ouve, não é, a música é muito bom, muito bom.

Gleysiane Pereira: em relação a estudar música, assim quando o senhor entrou na igreja e tal, isso foi importante na sua carreira, tanto quanto crente, quanto secular, isso lhe modificou, qual a importância, assim, da construção?

Luiz: foi muito bom, me fez me sentir muito bem, em fazer parte da musica. Naquele tempo era com muita dificuldade que a gente ia fazer aquelas viagens, algumas que Marcelo não

estava tocando, e a gente viajava em caminhões, e eu tinha um fardamento da marinha que tinha platinas e botões dourados e tal, era o fardamento, não sei se você lembra disso aí?

Marcelo: eu alcancei.

Luiz: alcançou.

Marcelo: eu alcancei, eu não alcancei o fardamento azul, mas o branco eu alcancei.

Luiz: Pois é, a gente fez uma viagem uma vez, para três ladeiras.

Gleysiane: Com licença, qual era o fardamento? Explica aí como era o fardamento.

Marcelo: o fardamento era como se fosse o fardamento de gala da marinha.

Luiz: isso, da marinha. Eu passei por um sargento secular mesmo aí, dentro de um carro assim, peguei o carro de Paulista para Recife, aí escutei aquilo: “sargento, venha pra cá sargento”, porque aquilo era de primeiro sargento.

Marcelo: Tinha as fitas, não era?

Luiz: era, tinha as fitas, as platinas. E ele disse: “sargento entre aqui” e eu respondi “pois não, muito obrigado”, dei uma de sargento mesmo, e fiquei na minha, e baixei o quepe, com medo que ele dissesse isso é músico, mas não ele continuou sargento pra cá e pra lá, e eu era jovem ainda fiquei orgulhoso como sargento,

(risos)

Depois, o maestro mandou tirar, “não quero esse negócio de graduação aqui”, aí ficou a farda normal, mas sem fitas, só com as platinas azul, mas as divisas ele mandou tirar. E ele tinha razão, além disso, era militar nessa época, ele usava a farda dele também, e era sem divisa. Aí era muito bom, era muita, como se diz assim, se distraia muito também.

Marcelo: aí ele era mais rígido?

Luiz: é, era mais rígido.

Marcelo: Cobrava mais?

Luiz: cobrava mais.

Marcelo: A disciplina era mais rígida? Não é?

Luiz: era mais rígida, até o menino viram, e tinha uns que eram meio namoradores e tal, e as vezes bagunçava, e com ele era uma moral medonha sabe. Tinha um rapaz que não era firme no evangelho, que ele tinha mulher fora e tudo, naquele tempo quando jogava futebol era também discriminado, também ele rebelde nessa parte, mas dentro da igreja ele, no trabalho assim, ele era rigoroso, prestava muita atenção ao culto, era um exemplo, exemplar mesmo. Aí pronto a gente fez muitas viagens, tocamos muito em desfiles, cansativos, mas a gente enfrentava tudo aquilo, nas inaugurações. E essa banda nossa, ela tocava mais no campo do Recife do que no nosso aqui, porque o campo do Recife era muito grande, e os pastores dos

campos, é Ribeirão, é Palmares, Barreiros, e essa região da Zona da Mata todinha, aqui pro lado de Goiana também, a gente tocava muito, e quase toda semana a banda estava viajando, pra tocar pra o Recife, porque os pastores gostavam muito da nossa banda porque, não sei se por que a gente era mais crente do que os outros, ou era a rigorosidade dos maestros, então onde chegava não se bagunçava, a alimentação que tivesse a gente comia, não tinha problema, tinha tocada no Recife que a janta era cachorro quente com salsichinha e um refri desse, de Dudu não, como é que se diz, esses refrescos, como é que se diz?

Gleysiane: de tinta?

Luiz: é esses, não era nem refrigerante, e os músicos comiam tudo, ninguém reclamava, então, onde a gente chegava os pastores do campo do recife, eles gostavam.

Marcelo: Olha, o irmão Pedro confirma que, Pedro Carlos que foi maestro antigo também, ele confirma que a gente iniciou, logo imediatamente como banda, e Recife lá tinha um conjunto, tipo regionalzinho, aí eles falam, até o canhoto fala que a gente é primeiro que eles lá.

Luiz: olhe, a banda de Abreu e Lima é a primeira banda evangélica do Brasil, porque até Recife queria ganhar isso, e disse que era mais velho que a gente, mas acontece que, veja bem, Ricardo conhece isso, e Canhoto também confirmou, o que tinha no Recife não era banda, porque não tinha a percussão, era uma orquestra, eles tinham trombone, tinha saxofone, clarinete, tuba, tinha tudo mais eles não tinham percussão ainda não. Porque quando Abreu e Lima foi tocar em Casa Amarela, não, foi tocar no Recife, que foi com a bateria, tanto obreiro quanto os membros saíram dizendo “minha barriga está inchada, que esse bombo faz inchar a barriga da gente”, criticando por causa do bombo, tinha bateria, e tinha o bombo, e tinha tarol, tinha prato, aí por isso que a nossa banda iniciou logo como banda, e a do recife iniciou como orquestra sem ter bateria. Depois que virou banda musical, porque banda musical que não tem percussão, ela é uma orquestra assim, mas não é considerada uma banda musical, ela só é banda musical, assim.

Marcelo: com bombo, prato, e caixa?

Luiz: com bombo, prato, caixa, e essas coisas, num sabe, aí é que é banda musical. E lá não era não, lá era orquestra. Talvez até maior que nossa banda, mas não era banda musical. A nossa foi que colocou percussão primeiro, por isso que ela começou logo como banda musical evangélica, a primeira do Brasil. E foi logo, a muitos anos atrás, vai fazer oitenta anos, é uns setenta e...

Gleysiane: É, setenta e oito, não é isso?

Marcelo: Não, setenta e nove, vai pra oitenta.

Luiz: pois é. Setenta e nove anos, antes disso não tinha banda musicais nas igrejas, a nossa foi a primeira no Brasil.

Marcelo: hum, interessante.

Luiz: A mais antiga evangélica é aqui em Pernambuco, em outras cidades não tinha não. Agora Recife disse que era, mas não era não, porque...

Marcelo: Porque ela não iniciou como banda não é, Pedro fala isso, ele diz que ela iniciou lá como conjunto regional. Tinha parece que um sax e um trompete lá, e depois começou a...

Luiz: foi começou como conjunto regional, depois que começou colocou mais instrumentos e virou uma orquestra, já tocava com trombone, e depois que colocou bateria, depois que a nossa já tinha a tempos né. Aí eles querem ser a primeira banda do Brasil, mas não é não. Os próprios mais antigos, que ainda estão vivos, são testemunhas, que eles foram a segunda. A primeira banda musical mesmo, foi a de Abreu e Lima

Marcelo: O Canhoto também falou que aqui às vezes as igrejas não aceitavam que entrava percussão, não é?, não aceitava percussão, bombo e caixa. Agora assim, o senhor sabe dizer o porque não formulou logo uma banda mista? E só masculina, o senhor sabe informar algo sobre isso? Ou não ?

Luiz: Não, porque naquele tempo, aqui, no nosso campo mesmo, não tinha musicista não, era raríssimo isso. Isso aí só começou depois que houve incentivo aqui para fazer a banda feminina. Pastor Isaac começou e falou com Policarpo, com Paulo Lira, e Zeca Pereira, foi os dois que fez o aprendizado, e Paulo ficou na regência e depois veio outros e tal, daí fundou a banda feminina, só que até aí, Oto disse “isso daí não vai não rapaz, mulher não da pra isso aí não.”, e Oto era um maestro do coral, um baixinho.

Marcelo: eu o conheci.

Luiz: Conheceu, ele morava em Olinda.

Marcelo: Ele era luthier, fez até um piano, não é?

Luiz: Foi, foi, ele fez uma harpa, uma harpa de Davi, foi ele que fez. Ele era um marceneiro de primeira. Ele chegou a fazer uma flauta e me mostrou as peças ele fazendo, a flauta e as teclazinhas ele mandou soldar, e fez uma flauta. E fez um pianozinho também, ele era um homem muito inteligente pra essas coisas de musica, não sabe? Ele era um marceneiro, de ordem, e ele criticou, disse “vai não, isso não vai pra frente não.” Ai um dia eu disse a um relojoeiro que tocava na Orquestra Sinfônica, Eli o nome dele lá do Recife, ele tocava violino lá, violino, aí eu falei, “em Abreu e Lima lá, futuramente, vai ter um mestre e a gente vai organizar uma Orquestra Sinfônica”, aí ele deu risada, mangou que só, “é ruim, Orquestra Sinfônica.” O outro criticando, era bom que ele estivesse vivo agora para ele ver.

Marcelo: pra ele ver que aqui tem orquestra.

Luiz: só está faltando o fagote, e o que mais?

Marcelo: só o Fagote.

Luiz: Só o fagote, o resto tem, não é.

Marcelo: sabe dizer qual a influencia, e a relevância da banda no cenário musical da região e no meio evangélico?

Luiz: Sim, eu passei por vários regentes né, tomei parte primeiro com maestro Guinga, quando ele parou e ele saiu quem assumiu foi Gideão, Deda está mais lembrado que eu, Gideão Rosa, Ferrolho eu ainda vi regendo, mas não fiz parte não, eu fiz parte de Guinga para cá, mas com Guinga foi só batendo lição, engraçado que ele pegava a caneta, espremia ela um pouquinho, quando saia a tinta ele puxava, ele escrevia assim, era tão engraçado ver ele escrever, se pegava o esferográfico pegava assim e puxa né, quando ele escrevia ele pegava a tinta dessas canetas mesmo, dessa bic, e molhava no tinteiro.

Marcelo: sim, e molhava no tinteiro.

Luiz: molhava ela ali, pra fazer a nota ele encarcava em pouquinho, quando ela soltava mais tinta ele puxava a cabecinha. Ele escrevia assim. Era o Guinga

Marcelo: Ele era militar, não?

Luiz: Era militar, estava aposentado, tenente da polícia. Da policia, ele fez parte até na época da guerra, ele era muito antigo. E ele regeu a nossa banda aqui uns tempos, eu batia lição com ele, mas não cheguei a tocar com a regência dele não.

Marcelo: Com a regência dele não?

Luiz: É parece que ele não chegou a reger não, ele ensinou música aqui, mas não chegou a reger não, que eu saiba não. Aí eu já entrei com Zeca Pereira para a estante. Zeca Pereira depois foi Gideão, depois de Gideão ficou Waldemar, que era um músico antigo também, que tocava bombardino e ele também regeu uns tempos, ai eu fiquei com ele também. Ai quem foi mais? Foi Maninho e depois você mesmo. Tive uns quatro maestros.

Marcelo: mas o senhor passou um tempo regendo, não foi?

Luiz: Foi, regi também. Quase uns dois anos.

Marcelo: Foi, uns dois anos.

Luiz: Dois anos incompletos, quando Maninho foi para o Equador, e eu fiquei assumindo o lugar dele, fui até o pastor Isaac e disse: “olhe Maninho foi para o Equador, pode colocar qualquer pessoa para reger no lugar dele”, e ele disse: “não, mas não tem não, fique você mesmo”. Ai eu fiquei, indo para as tocadadas, inauguração de templos, tocar também nas pedras fundamental dos templos e fizemos muitas tocadadas também, mas durou pouco tempo. Pronto

depois que Zeca saiu, ficou Maninho, depois veio Gideão e eu fiquei sendo vice de Gideão, e Deus me abençoou graças Deus.

Marcelo: O senhor foi vice de Maninho também, né?

Luiz: eu fui vice de Maninho também, aí depois o pastor botou pra Zeca ser o vice de Gideão, aí também durou pouco tempo.

Gleysiane: então depois de Maninho foi o senhor, e depois do senhor foi Paulo Lira?

Luiz: é, teve Paulo Lira.

Marcelo: é, depois do senhor foi Paulo Lira, não foi?

Luiz: É, foi Paulo Lira, que eu soube que o pastor queria ver se aproveitava Paulo Lira e tal, aí eu estava sabendo né, aí eu cheguei e disse a gideão, e ele disse “mais Luiz rapaz, não entrega a banda não, que Paulo Lira não é crente não”, aí eu disse “não rapaz, eu não vou entregar, não. Eu só vou dizer ao pastor que meu cargo está à disposição dele”, aí quando eu vejo uns instrumentos lá, que ele comprou, que por sinal esse que eu tenho aí também veio nessa remessa de instrumento, quando ele foi entregar aí eu disse: “olhe pastor, o meu cargo está a sua disposição viu, tanto para eu tá ali na frente da banda como pra eu tá tocando no meu clarinetinho lá viu, meu instrumento lá.” aí ele disse “sério? Então está certo, eu vou aproveitar e botar Paulo Lira, Paulo Lira é muito humilde”, era muito humilde o que, que era brabo que só, até Tonho Boca lá, e outros mais que não aguentou e correu. Aí ele botou, e ele continuou tocando com a gente uns tempos, mas ele tinha uma amante lá no Recife, de certo mesmo que até o próprio filho dele sabia mesmo, e como ele tinha uma amante lá no Recife, ele não tinha condição espiritual para estar na frente da banda, que ele mesmo desistiu, com poucos tempos sem ensaiar, e eu até fui na casa dele, “mas rapaz você não foi mais, e a banda está precisando rapaz, vai fazer o trabalho do Senhor sofrer e tal”, aí as lágrimas dele desciam dos olhos e ele chorou, eu acho que a consciência doeu né, queria continuar mas não tinha condições espiritual, aí eu notei, ele disse que não tinha tempo que não tinha tempo mas ia ensinar, ser professor pelos interior por aí, ia dar aula em Igarassu também, banda por aqui tudo, ele assumia.

Marcelo: em Afogados da Ingazeira, Palmares.

Luiz: Palmares, quando deu o primeiro derrame nele, quando deu o primeiro AVC nele, ele estava dando assistência numa banda aqui, parece que era em Palmares mesmo. Eu acho que ele disse a mim, até no caminho que deu o AVC nele a primeira vez. Ele era assim, aí eu notei, aí eu digo “há rapaz eu já sei o que é”, aí me falaram que era uma morena, uma mulher que ele tinha lá no Recife há muito tempo, e ele quando ficou de cadeira de rodas aí, fora de comunhão que eu acho que o povo diziam “Paulo rapaz, volta pra Jesus, volta pra Jesus”, aí

quando ele estava de cadeira de rodas ele aceitou Jesus mesmo, volto mesmo pra Jesus, graças a Deus morreu em comunhão tomando ceia e tudo, Jesus teve misericórdia dele, está lá guardadinho. E Jesus é muito paciente.

(risos)

Ai pronto foi isso, ai depois que ele saiu, ai você ficou e estamos lá pela graça de Deus, sou muito feliz por você ser meu regente.

Marcelo: O senhor fez parte daquele concurso? Num teve um concurso numa radio num foi? Tem uma foto.

Luiz: não era um concurso não.

Marcelo: e foi o que?

Luiz: ali foi uma apresentação, não sabe?

Marcelo: Sim

Luiz: Que vários órgãos, banda musical, banda fanfarra, e tal, ai a gente foi pra televisão, Gideão que foi com a gente pra lá, eu fui junto para lá também, fiz parte, foi uma apresentação que teve lá, sabe, na Rádio Clube.

Marcelo: No cais do Porto?

Luiz: é, no cais do porto.

Marcelo: Um

Luiz: Não, e não foi no cais do porto não, foi em outro ambiente lá, no salão, lá da radio mesmo. Que a banda era pequena, não era muito grande não. Aí a gente formou lá, tocou e eles gostaram muito, e eles ainda deram um presente a gente uma medalha, de não sei o que, ai eu não sei se a gente ainda fez uma pequena gravação também, foi parece que fez uma gravação também.

Marcelo: foi um CD de missões, não é?

Luiz: foi

Marcelo: Não foi isso? Que foi vários órgãos que fez em prol da missão?

Luiz: é, tem umas faixas lá que é a banda tocando.

Marcelo: Tocando Liberdade do Senhor né ?

Luiz: foi, foi.

Marcelo: O dobrado né? Tocando Liberdade do Senhor.

Luiz: Foi o dobrado, foi isso mesmo.

Marcelo: mas, pra mim tinha sido um concurso aquilo ali, mas foi uma apresentação.

Luiz: Foi uma apresentação aquilo ali, não foi um concurso de nada não.

Marcelo: aqui em Abreu e Lima só teve a banda da igreja mesmo, não teve outra banda musical não?

Luiz: teve uma da prefeitura aqui, agora pequenininha,

Gleysiane: Mas o senhor esta falando na igreja?

Luiz: não, na igreja não, depois foi que começou outra lá em Igarassu, lá para os lados de Duarte Coelho não é, mas na igreja foi só a gente mesmo, tinha condições não. Mas aqui em Abreu e Lima tinha uma bandazinha, quase uma fanfarra, porque teve um músico por ai que vendia fazenda e o povo comprava a ele, tocava saxofone e morava aqui na Capitão José Primo, esqueci o nome dele, e já teve uma bandinha aqui parece, da prefeitura aqui, muito antes, muitos anos atrás, mas acho que eu não fazia parte nem nessa banda aqui ainda. Vários músicos já fez parte aqui, Paulista já teve uma, antes dessa, já teve uma banda antiga também.

Marcelo: Antiga, também né?

Luiz: Antiga, Também.

Macelo: Era mantida pela companhia?

Luiz: Era, mantida pela companhia, era pela Companhia Paulista, eu conheci até um músico que fazia parte dela, muito antiga. É aquele velhinho que faleceu, que morava em Paulista, é que batia bombo ai, como é o nome dele?

Marcelo: Emílio?

Luiz: Não, não foi Emílio não, foi depois de Emilio.

Marcelo: É eu só conheci Emilio, Emilio e Caboclo.

Luiz: Depois de Emilio teve um irmãozinho, que eu esqueci o nome dele, que morava ali em Paulista.

Marcelo: Ubirajara?

Luiz: não, foi não.

Marcelo: Ubirajara foi depois.

Luiz: Ele batia bombo, ele chegou a fazer parte da banda né, ele morreu como porteiro, lá da congregação de Mirueira. Ceça sabe o nome dele. É eu me esqueci. A, pois é aqui em Paulista teve uma banda antiga, bem antiga. Quem deve conhecer bem essa história aí, é aquele irmão que fez um livro de memórias de Paulista.

Marcelo: eu sei, irmão Dário.

Luiz: Dário, se falar com irmão Dário, ele deve saber, eu não sei, li alguns artigozinhos dele, mas sobre isso ai não me recordo não, ou ele não tomou conhecimento, mas eu acho que ele sabe. Ele tem escrito coisas muito antigas de paulista.

Marcelo: O clarinete era de treze chaves era?

Luiz: era de treze chaves, era. O Primeiro clarinete boina que foi vendido aqui, até de madeira, aí o maestro deu pra mim, e disse: “olhe é pra você tocar nesse aqui agora, que esse aqui é mais moderno, sei o que” aí eu olhei assim “rapaz eu estou tão acostumado com o meu treze chavezinha, estou tão acostumado, dá pra Francisco, dá pra Chico.”

Marcelo: Francisco, eu sei.

Luiz: Depois eu notei que ele era muito mais prático do que esse de treze chaves, no treze chaves tem que dar uma cruzeta assim, e esse não, já é diferente. É muito mais fácil, eu só vim ver depois né, mas Francisco ficou tocando nele. Mas era interessante rapaz, agente tocava, era tão pobre meu Deus, eu mesmo, Xavier, e outros e outros, muitos músicos tocavam, até sax mesmo, tocavam com aquela ligazinha de borracha, pra fechar as chaves.

Marcelo: Sim, pra fechar as chaves.

Luiz: pra não levar pra o concerto, pra colocar a mola. Eu não que eu sou relojoeiro, lá mesmo eu fazia a laminazinha, furava, eu mesmo botava, Depois de relojoeiro eu não usava liga mais não, mas quando ainda não era eu cheguei a usar liga também, quando quebrava a molazinha eu colocava uma ligazinha para fechar. Xavier fez paleta de bamboo, apitava, mas era tanto esguicho.

(risos)

Era tanto esguicho que dava, que era de fazer agonia meu filho, agora acabou os esguicho depois desses instrumentos que pastor Isaac comprou, esses instrumentos japonês não é, Yamaha.

Marcelo: hanrãm, Yamaha.

Luiz: Aí acabou os esguichos, aí depois veio as boquilhas melhor, e eu me lembro que eu comprei uma boquilhazinha americana, uma tal de Glow Teen, ela era importadazinha, aí eu deixei de dar esguicho, porque ela era melhor. Depois veio esse novo, e eu encostei, depois emprestei, ao filho da irmã Ana Ulisses, Haniel não, o irmão dele, aí ele ainda começou na banda um pouquinho, mas desistiu, a vocação dele era mais para pregar, então desistiu mesmo, continuou na pregação e tal, pregando na campanha da mocidade e tal, aí ele não se interessou não para ser músico. Aí eu emprestei a ele e disse “olhe, quando você parar você me entregue viu?” aí eu fiquei com uma pena rapaz, porque ele foi e deu a paleta para alguém tocar e seguraram, aí ele me deu uma Ricco, está até aí, boazinha, guardada, aí depois eu compre essa quarenta e cinco. Aí era a Glow Teen, aí eu deixei mais de apitar, porque eu dava meus esguichos também que eu não vou mentir.

(risos)

E Xavier dava tanto esguicho, que era engraçado.

Marcelo: Vocês usavam a moeda para corrigir a paleta não é?

Luiz: é, botava duas moedas ao redor dela e riscava o fósforo, aí ela queimava ao redor dela.

Marcelo: botava duas moedas?

Luiz: Botava duas moedas, assim.

Marcelo: Quando ela estava muito branda?

Luiz: era, e quando ela estava branda, e quando ela ficava muito dura raspava com a gilete assim e os músicos não sabiam, raspava na transversal, porque era pra você raspar ela assim, pra ela ficar alinhadinha, aí raspavam assim e ficava com aquele som de pato rouco.

(risos)

Saia aquele som de pato rouco, era engraçado.

Marcelo: Porque não sabiam acertar, não é?

Luiz: é, nem todo mundo sabia, era assim que a gente acertava a paleta. Era bom esse tempo, dá uma saudade.

Marcelo: E o pastor? O senhor pegou qual pastor na época? O senhor pegou pastor Isaac ou o anterior a ele?

Luiz: eu quando comecei o pastor era o pai de Gideão, até quem me batizou nas águas foi ele.

Marcelo: Pastor José Rosa?

Luiz: isso, Pastor José Rosa. Ele gostava de assistir aos ensaios da banda, ele gostava muito da banda, pastor José Rosa. E depois de pastor José Rosa, foi pastor Amaro de Sena e depois que passou pastor Amaro de Sena foi pastor Isaac, e agora Pastor Roberto. Mas foi pastor José Rosa quem me batizou nas águas, foi ele, isso em 1959, 58, aliás, 59 eu já estava na banda. 58 ainda era o pastor José Rosa, aí um ano depois, um ano e meio quase dois anos depois a gente ia se casar, eu e Cícera, já estava certo para ele fazer o casamento, quando ele ia fazer o casamento deu um AVC nele, ele morreu, e quem fez nosso casamento já foi pastor Amaro Lucena.

Marcelo: e o repertório da banda na época, quando o senhor entrou?

Luiz: era mais dobrado.

Marcelo: Dobrado.

Luiz: Depois foi que começaram “mas essa banda só toca dobrado, é pra tocar hino, e tal.” Aí Gideão foi e comprou uns fascículos, que aquele maestro que escrevia como é o nome dele, um grande maestro, um grande mestre de música lá, agora a pouco tempo eu vi uma entrevista com ele aí, num simpósio que tinha como é o nome dele meu Deus, é ele escrevia muito.

Marcelo: Aí gideão comprou esses fascículos de hinos?

Luiz: é, es É como é o nome daquele maestro de musica, conhecido rapaz lá de são Paulo, é esqueci o nome dele, Ele é muito conhecido, você conhece ele.

Gleysiane: Misael? Ou não?

Luiz: Misael Passos, é Misael Passos o nome dele. Misael é.

Gleysiane: Foi o maestro de Victorino Silva e foi para fora do país.

Luiz: Isso, isso mesmo. Um dia foi engraçado. Liudinho era garoto ainda, um garoto assim, de 10 para 12 anos. Ele começou muito cedo tocando ai. Foi aprender e ficou na banda, muito cedo ainda, ele e Eli de Diná. Eles dois tocavam e eram bem novinhos ainda. E Liudinho... Lá em casa tinha uma radiola e eu colocava para tocar uma orquestra dos hinos de Victorino Silva, e Liudinho começou a copiar e começou a copiar e fez uma partitura de orquestra, um arranjo bonitinho que só. O primeiro arranjo que ele fez. Aí foi engraçado. Quando Maninho viu esse arranjo dele, ele chegou assim: Liudinho, isso é de Misael Passos é? Esse arranjo aí é de Misael Passos? Aí ele disse: é não, é meu. Maninho: Isso é teu é? Aí ele ficou assim... aí na Banda ele (Maninho) disse é, de primeiro alguém dizia: diga aí maestro, diga aí professor, diga aí mestre e agora eu não posso mais dizer isso... Isso porque ele viu que Liudinho já estava fazendo coisa muito melhor do que ele. Aí Liudinho começou a escrever. Há um tempo atrás, Liudinho fez umas peças aí, que Victorino tocou. Não sei se você estava nesse dia aí...

Marcelo: Eu estava.

Luiz: os meninos disseram até que Victorino disse “rapaz, gostei dessa orquestra aqui e próxima vez que eu vier tocar, quero vocês tocando comigo”. Aí eu fiquei muito orgulhoso, graças a Deus meu filho tem vocação. Eu tinha o desejo de que tivesse um filho que fizesse arranjo, que escrevesse e tal. Aí apareceu Liudinho, graças a Deus que tem dado vocação a ele. Agora ele tava se encostando sempre. Aí pastor Roberto disse: Liudinho, rapaz, ajeita uma orquestra para tocar aqui. Liudinho disse: pastor, tenho tempo não. Pastor Roberto: O conjunto tá disponível para fazer uns trabalhos aqui na igreja. Lidinho disse: tenho tempo não, tenho tempo não. Mas, rapaz, com pouco tempo depois a gente foi com o coral lá para Nazaré da Mata, aí Cícera foi também, num é que o Senhor usou uma irmã lá, ela tava na janela e arroteou e foi lá onde tava o coral e falou junto de Cícera e disse: o Senhor está me dizendo que vai acontecer algo na sua família, mas entre no louvor, entre numa campanha de louvor, fique louvando que o Senhor disse que vai interagir. Aí passou, com quinze dias depois Liudinho levou uma barroada de uma Brasília velha de um cara sem carteira e sem nada. Ia Liudinho e o filho de moto fazer uma terapiazinha no dente, lá em Paulista, na garupa da moto, daí a Brasília atravessou e jogou Liudinho com dez metros e quebrou a perna e ficou o osso aparecendo. Esbagaçou uma parte do osso aqui que ninguém encontrava mais e ficou o

osso aparecendo e Liudinho demorando lá na beira da pista, nessa mesma hora um helicóptero estava fazendo não sei o que em Abreu, acho que procurando bandido, procurando não sei o que era, aí fizeram assim (acenaram para o helicóptero), eles desceram e pegou Liudinho, ele não passou nem três minutos na pista e dali foi para o heliporto do Hospital Miguel Arraes. Não deu trinta segundos para ele ir para lá. Aí cumpriu-se o que o Senhor disse, que iria interagir. Foi uma palavra assim com interagir, mas disse que o Senhor iria tomar providência, aí quando Liudinho estava lá, eles operaram e botaram um ferro. Liudinho tem um ferro aqui no tutano desse osso aqui, da tibia. Que é o fêmur e a tibia, aí tem um osso lá dentro. Aí o médico operou imediatamente, aí ele estava lá com uma irmã que eu não sei se era conhecida ou não, profetizou para ele e disse: olha aí! Tu diz que não tem tempo para fazer a minha obra e eu mal tenho tempo aí agora. Aí Liudinho ficou olhando assim, coitado, não sei se ele chorou ou não. De lá para cá é difícil ele perder uma tocata da banda, sempre está ensaiando, sempre está tocando, só está preguiçoso para escrever, mas ele disse que é falta de tempo também porque ele escreve muito para esse pessoal de São Paulo e não sei de onde, quando termina de escrever ele manda por email e ele trabalha muito em casa fazendo esses arranjos, essas coisas e tal, tem o estúdiozinho dele lá na casa dele. Aí não se dedicou mais, de vez enquanto está no círculo de oração, quando chama ele nos matutinos aí por Igarassu, Cruz de Rebouças. Depois disso ele se dedicou mais na casa do Senhor, mas ele foi repreendido com isso aí na perna e no pé. O médico se admirou porque os fragmentos de ossos foram se ajuntando, se ajuntando e quando pensou que não, uniu, ficou normal o osso, mas ele tem um ferro dentro para poder fixar direito no lugar. Mas, o osso já emendou todinho. Nesse acidente o filho dele não teve nada, adolescente que ia na garupa, caiu, rolou pelo calçamento, uns arranhãozinho e ficou bonzinho todo, fez uns curativos e voltou para casa na mesma hora, não teve nada, foi só ele. Mas foi Deus quem quis corrigir e avisou a minha mulher. É assim, a pessoa faz o trabalho do Senhor, tendo condições, faça! Faça mesmo que Ele cobra.

Marcelo: É verdade.

Luiz: Continuando aí, eu acho que eu estou conversando muito e estou atrapalhando.

Marcelo: Não.

Luiz: O seu objetivo aí. (risos)

Gleysiane: Nada, a gente chegou no objetivo.

Marcelo: Chegou!

Gleysiane: As perguntas já encerrou, a gente só está conversando.

Luiz: aí está quando eu comecei, fiz parte com vários maestros, inclusive você agora, e, com essa idade, ainda estou querendo fazer parte da banda ainda.

Marcelo: Hunrum. É. Aí o senhor passou quantos anos na banda?

Luiz: É 62. Pronto! Faz a conta, é de 1958 para cá. Aliás, 59, porque em 58 eu aceitei a Jesus e com um ano depois, eu era aprendiz, e passei para estante. Um ano depois eu estava tocando na banda, depois de um ano de crente. Aí, então, foi em 59, 1959 para cá faz quantos anos? 59 para 21...

Marcelo: é o que? 59 é?

Gleysiane: a banda tem oitenta e poucos né...

Marcelo: vai fazer 80, próximo ano. Vai fazer 79 agora.

Luiz: dá 62 anos né?

Marcelo: É.

Luiz: 62, é!

Marcelo: Pronto! Na época que o senhor entrou não tinha músico profissional não né?

Luiz: Tinha não.

Marcelo: Era tudo da igreja né?

Luiz: Era tudo da igreja sabe! Não tinha músico profissional não. Que eu lembre, não. Veio depois.

Marcelo: Pronto irmão Luiz! Eu fico muito agradecido pelo o senhor ceder o seu tempo aí para estar nos dando a entrevista para contribuir para...

Luiz: Eu não tenho o que fazer não, eu. Eu não tenho o que fazer não. Estou sempre dando uns treininhos, que eu estava com os dedos muito entevados e estou melhorando um pouquinho, com aquelas partituras que o senhor me deu. Só aquelas...

Marcelo: do aniversário né?

Luiz: Só aquele ali, Foster...

Marcelo: Memories...

Luiz: Memories, só aquele ali que não vai dar para sair toda não, mas essas aqui são mais simples eu já estou fazendo e se tiver alguma outra mais nova também, se me der, eu lhe agradeço que eu vou dando uns treininho. Aqui tem umas quatro só, mas você trás as outras lá.

Marcelo: Tá bom, eu vou trazer. Amanhã na escola dominical eu lhe dou.

Luiz: Estudando em casa, mas é uma preguiça tão grande de pegar no instrumento.

Marcelo: E é né?

Luiz: aí eu tenho o violino e eu começo. Já estou aprendendo a solar algumas notinhas, peguei já algumas escalas, afinei ele pelo celular. Às vezes eu não entendo aí já botei para lá e o clarinete para cá aí, as vezes eu dou uma pegadinha neles, mas é muito sei não... Aí toda semana, final de semana, duas ou três vezes eu estou dando um treininho aqui para não atrapalhar vocês lá... (risos) A turma pergunta: mas irmão Luiz, você ainda faz parte da banda? Rapaz faz 62 anos e eu já sou segundo clarinete e a turma começa a rir. A banda, graças a Deus, pegou uma mocidade de vocação que desenvolveram, se meteram a estudar mesmo. Liudinho mesmo chegou lá no Recife, no Conservatório, aí o professor veio dar uma insultada e disse: eu estou criando cobra para me morder.

Marcelo: Quem?

Luiz: O professor de Liudinho lá no Conservatório.

Marcelo: Sim.

Luiz: Liudinho tocou uma música lá e quando terminou, o professor falou: eu estou criando é cobra para me morder. Ele achou que Liudinho iria...

Marcelo: Tomar o lugar dele né?

Luiz: Iria tomar o lugar dele. Então graças a Deus que meu filho é...

Marcelo: Liudinho é uma sumidade

Luiz: a capacidade musical que Liudinho, modesta parte, sabe, se fosse um cara feito Spok, que se projetasse estaria voando por aí...

APÊNDICE E – ENTREVISTA COM O MÚSICO DEIVID SANTOS DA SILVA

MARCELO: Boa noite!

DEIVID: Boa noite!

MARCELO: Deivid, a primeira pergunta é: o que foi que lhe incentivou, o que lhe motivou a estudar música?

DEIVID: É, eu fui nascido e criado no evangelho, não é? Então desde criança, eu sempre tive na igreja, ali vendo o pessoal tocando né, e desde garotinho assim eu ficava vendo o pessoal do conjunto tocando sabe, aí me chamava muita atenção o pessoal tocando as músicas ali, e eu ficava vendo o menino tocando teclado, aí eu achava muito interessante, porque assim não só a questão do som, mas também a questão do instrumento, as posições dos dedilhados, daí eu ficava olhando e me chamava atenção aquilo, né! E, desde criança eu sempre tive aquela coisa de ficar ouvindo música e tentar identificar o som que estava acontecendo ali, o que eu estava ouvindo ali, de saber o que era uma guitarra, de saber o que é baixo, teclado, bateria.

Sendo que isso, foi uma coisa que não foi despertada em mim, não é despertada, mas não foi incentivada em mim quando criança. Quando eu cheguei na adolescência, eu lembro que na época do DEJE chegou a oportunidade de aprender a tocar flauta doce, aí eu digo poxa eu já gostava de música assim, eu disse assim poxa eu vou aprender né, sendo que aquilo ali foi uma porta pra eu realmente entrar na música, querer estudar música, querer me aprofundar no assunto. Sendo que uma vez eu tinha ido na igreja e eu vi um menino tocando trompete, e esse menino tocando trompete é o Manassés, acho que ele nem sabe dessa história, eu vi ele tocando trompete e eu não sabia nem o que era trompete, olhei assim e disse: poxa que instrumento bonito é aquele ali, aí um amigo meu falou o nome daquele instrumento: ali é trompete. Aí eu disse: poxa queria aprender a tocar esse instrumento, como é que eu faço né, sei que não era uma coisa tão acessível, não tinha internet, não tinha nada nessa época, e eu disse poxa eu vou aprender com quem né? Aí, nessa mesma época, eu lembrei que tinha meu irmão que tocava clarinete na banda, aí eu lembro que o aniversário da banda era tipo novembro ou dezembro, por aí assim, aí ele me chamou para assistir o aniversário da banda. Ele disse: vamos ver o aniversário da banda, que tu vê como que é uma banda tocando e tal, e eu até em tão eu nunca tinha visto como era uma banda de música tocando na minha frente né. Eu lembro que fui, assisti o aniversário da banda, e a banda nesse ano tocou umas músicas muito bonitas assim né, que era *Memories of Stephen Foster*, Castelo Forte, essas músicas bem orquestradas assim, esses arranjos bonitos. Eu nunca tinha visto uma banda tocando assim né, uma banda com instrumentos que eu nem imaginava, depois eu fiquei perguntando o que era cada instrumento, que eu nunca tinha visto clarinete, sax, trombone, essas coisas, eu nunca tinha visto né, eu fiquei encantado com aquilo assim, de ver uma banda pela primeira vez na minha frente tocando assim. Aí eu até perguntei a ele assim: nossa, eu queria aprender aquele instrumento lá, o trompete lá né. Aí ele me disse: é rapaz, mas é porque não tem muita vaga não pra tu poder aprender não. Aí eu disse, poxa, fiquei meio contrariado assim, mas eu disse não, tá bom né. Aí eu lembro que tinha uma amiga da minha mãe, que ela tocava percussão em uma banda marcial né, aí minha mãe falando com ela disse: olha, meu menino tem maior vontade de aprender tocar, tocar instrumento de sopro e tal. Aí ela fez: poxa, porque ele não se matricula lá no General Abreu e Lima, que é um colégio, pra aprender música lá, porque tem uns professores lá, e tem trompete lá. Aí eu disse: tá bom, então eu vou. Ainda lembro, era um sábado de manhã, fui lá e conversei com quem era o maestro na época e ele disse: você se inscreve aqui e você já vem na terça à noite, você já vem e já começa a ter aula de teoria. Eu nunca tinha aprendido partitura nada, eu achando que eu ia chegar já pegando o trompete né, aí cheguei e ele me disse: não! Tem que aprender teoria,

aprender o que é musica, toda aquela teoria inicial ali né, sendo que foi uma coisa muito simples porque na banda marcial realmente é uma coisa muito rápida assim né, ele já quer o camarada tocando na banda, não tem aquele processo que a gente conhece né, aquele processo meio acadêmico da coisa né, é muito rápido né, só que minha intenção não era tocar na banda marcial, minha intenção era tocar na banda da igreja, que até então depois que eu vi, que eu vi a banda tocando pela primeira vez assim, eu só falava na banda, eu queria tocar na banda da igreja lá, poxa a banda da igreja é bonita, é grande, e tudo mais assim, e eu comecei a aprender musica, a aprender o trompete. Ainda me lembro que o trompete que me deram, o primeiro trompete que me deram era um trompete em dó, e o trompete que usa na banda de música normalmente a turma pede si bemol, daí eu já comecei mais rápido, aprendendo e transpondo. Ai eu me lembro que fui pra banda, ai eu acho que com quatro meses mais ou menos, que eu estava com um trompete assim, eu comecei tipo, a tocar algumas coisas assim, mas era muito iniciante assim né, ai eu lembro que eu falei com o senhor né, na época para ir pra banda, ai fiquei frequentando os ensaios, e assim realmente aquilo ali foi uma coisa que foi um diferencial porque é aquela história né, treino é treino e jogo é jogo né, você sentar numa cadeira de uma banda pra tocar realmente é uma experiência muito diferente porque não é só você, é você inserido no meio de vários instrumentos, várias pessoas, várias concepções e eu assim muito verde na época no instrumento, eu realmente tive que buscar um algo a mais ali pra conseguir tocar com o pessoal, não é, e ver também o pessoal com o nível melhor e tal, conseguindo tocar as coisas, isso foi realmente uma coisa que de cara me chamou atenção na música mesmo.

MARCELO: a didática da escola lá onde você começou no General Abreu e Lima, como é que eles faziam? Porque você chegou assim, tocava flauta doce, eles utilizavam a flauta doce lá, como era?

DEIVID: não utilizava flauta doce não, flauta doce eu aprendi na igreja né, na verdade flauta doce eu aprendi meio que digamos meio que sozinho assim né, que ele meio que me mostrou onde era as escalas e eu ficava tocando a flauta o dia todinho lá perturbando os vizinhos lá né, e ficava tirando as melodias de ouvido né, quando era as notas assim, tinha um menino que já era mais adiantado na flauta meio que ele ficava passando as coisas pra mim né, ai mas era um negocio muito assim, muito como é que eu posso dizer assim, muito autodidata, assim né, flauta. Lá na aula com ele lá, tipo assim ensinou o básico de teoria ali né, as figuras musicais, semibreve, mínima, semínima, colcheia. E tipo assim meio que fez um rapidão ali de percepção rítmica pra você bater as lições e já pegou o trompete já, né. Ai no trompete

ensinaram as escalas de dó maior e a escala cromática. A partir disso, que a gente fez a escala de dó maior e a escala cromática, começou a botar a música da banda, sendo que as músicas da banda, eu acho até interessante isso hoje, porque era uma música pensada para o iniciante, era tipo assim as músicas só tinha semibreve ali, semínima, no máximo uma colcheia e numa região que era confortável tocar no trompete né, nada que ultrapassasse uma oitava ali né, isso é tranquilo para um aluno que está tendo o primeiro contato com o instrumento né. Porque, realmente, trompete tem muita dificuldade com intervalo, região é complicada, e era assim né a música era realmente adaptada para a gente, é tanto que conforme digamos assim íamos evoluindo, a partitura ia mudando também, a mesma música, mas ia vindo outra partitura assim digamos que uma dificuldade maior, para ir adequando, conseguindo tocar determinado trecho, então pega a partitura tal, e assim foi levando né, mas nada de técnico, de o professor observar se está soprando com a embocadura correta né, isso eu só vim ver no conservatório.

MARCELO: então quer dizer que a escolha do instrumento você mesmo, é, foi através do Manassés né? Quando você viu a primeira vez o instrumento lá, Manassés tocando, então foi a sua escolha né?

DEIVID: isso!

MARCELO: então no caso você teve opção né?

DEIVID: sim.

MARCELO: lá na banda marcial né? O professor não dava o instrumento, esse você vai pegar esse instrumento aqui, não, você teve escolha?

DEIVID: não, não.

MARCELO: você teve opção pra isso né?

DEIVID: A questão só é que a opção ideal para um aluno que está aprendendo trompete não é ele começar num trompete em si bemol, né? Eu comecei num trompete em dó que é uma coisa diferente, até quando eu conto isso a alguém, eles dizem: ah, você já começou no trompete de orquestra né?

MARCELO: porque em orquestra se usa mais trompete em dó.

DEIVID: trompete em dó.

MARCELO: do que em si bemol, é, justamente. Ai no caso o processo de aprendizagem lá, eu me lembro que você disse que assim, para tocar a melodia lá, eles colocavam o nome das notas ou não?

DEIVID: é, então, porque como a formação era um pouco rápida, o domínio da leitura era precário, porque não tinha costume de você estar lendo a partitura, então conforme ia tocando as melodias com as divisões mais difíceis, com alternância de notas, ai pra sair mais fácil

colocava o nome das notas ali em baixo da partitura ali, e assim até não era a forma, a gente não estava lendo a partitura, a gente estava imitando o que estava ensinando.

MARCELO: estou entendendo.

DEIVID: botava a partitura lá, aqui é a divisão é assim aqui, solfejava lá, ou seja, a gente não estava lendo, a gente estava imitando o que estava ouvido.

MARCELO: eu sei. Então o professor cantava a divisão, dizia o nome das notas e vocês liam de acordo com a divisão das notas né?

DEIVID: isso.

MARCELO: esse era o processo de aprendizagem lá né?

DEIVID: é.

MARCELO: aí qual foi a idade assim que você começou né? Lembra da idade?

DEIVID: eu lembro, eu comecei a estudar flauta na igreja com 11 anos né, aí passou o tempo, mas quando eu comecei a estudar trompete mesmo lá na banda do General com 13 anos de idade, 13 anos certinho.

MARCELO: lá quando pegou o instrumento foi com 13 anos de idade?

DEIVID: 13 anos de idade, certinho. Peguei o instrumento rápido, peguei o instrumento com 15 dias, no máximo um mês que eu estava estudando teoria. Tipo um tempo muito curto pra você aprender, digamos assim, o que é necessário né?

MARCELO: é, porque, comentasse né, que as escolas assim, de bandas marciais, as diretoras quer ver logo os meninos tocar. Então o professor tem que fazer...

DEIVID: milagre.

MARCELO: isso! Milagre né? Para que o menino toque qualquer coisa lá, e até mesmo desfilar para a escola né, então essa didática dele de ser o mais rápido possível, e eles é tanto que se torna mais difícil, principalmente que assim quando você chegou à banda da igreja né, houve aquela dificuldade de ler as partituras lá né, quando você chegou na banda da igreja, na Banda Musical Acordes Celestes, qual foi seu impacto assim?

DEIVID: o impacto foi assim, foi uma realidade bem diferente do que era na banda né, porque na banda da igreja lá, na banda musical, não tinha aquela coisa da partitura vim mastigada, quer dizer era uma partitura realmente, para o instrumento ali, já tudo dividido tudo certinho, então uma dificuldade maior. E também assim, era uma partitura pensada para um moço que já está, digamos que com uma certa bagagem, uma música que já tem, que já ultrapassa esse limite de uma oitava do trompete né. É até engraçado que quando eu cheguei na banda da igreja eu não conhecia as posições do grave no trompete, eu conhecia só a partir do 3 pra cima né, e até eu lembro que tinha uma partitura, não estou lembrando qual era a

música, mas tinha uma partitura que tinha, eu acho que era um lá grave né, um lá, e eu não sabia qual era aposição, aí o Ulisses né, que esta na aeronáutica falou a mim, ele mostrou pra mim, a posição é assim, ele mostrou o dedilhado pra mim, aí eu disse poxa eu não sabia nem que existia essas notas no trompete, porque até então, trompete pra mim era de dó até o dó 4 ali e deu né.

MARCELO: hum rum

DEIVID: ali na época, era só escala cromática né, escala de dó maior cromática, era o que tinham me ensinado, até então, aí depois tem essas notas aí então tem que começar a tirar essa notas no trompete, a dificuldade também em relação a banda é que nessa época eu ainda tocava com o trompete da banda marcial, que era um trompete em dó e o repertório da banda era para trompete em si bemol, então já tive uma dificuldade ali de cara de transpor as partituras. Sendo que isso foi uma coisa para mim e hoje eu vejo porque, por exemplo, já me forçou desde o início a aprender a transportar e não tem como você tocar trompete e não transpor, em qualquer lugar onde você for tocar assim em algum momento ele vai ter que transpor alguma coisa assim né. É um instrumento realmente que não dá para você... ah não, só toco trompete si bemol, não tem como isso né?! E na banda desde cara assim, desde eu muito iniciante ali dando os primeiros passos no trompete ali, eu tive que buscar isso né, e domínio técnico também assim, você tocar afinado não é? Tocar afinado na banda ali e tal, e o repertório assim de cara, poxa, músicas mais elaboradas, a questão de você tocar realmente olhando para o maestro, saber o que o maestro quer ali né, isso realmente foi um impacto de cara assim pra mim e já fez acender aquela luzinha, olha, tem que estudar tem que correr atrás para tocar aqui não tem como ficar sentado empurrando com a barrida né.

MARCELO: Ai, e após entrar na banda assim o que fez você decidir seguir a carreira profissional ou a estudar?

DEIVID: então é, nessa época eu não tinha realmente assim, eu não sabia que dava pra você viver profissionalmente de música, porque realmente era uma coisa que era distante assim né. É, a música não tem essa, não é feito... ah, estou aprendendo engenharia, ninguém aprende engenharia por hobby, ninguém aprende direito por hobby, mas a música por ela ter digamos assim uma certa acessibilidade para as pessoas assim, é complicado para você dizer: eu estou aprendendo música pra sei lá... trabalhar, como no meu caso hoje né, trabalhar na banda do exército. É meio que uma brincadeira né, ah, vou aprender, estou indo para igreja ali, vou tocar. Na época eu também adolescente também né, aquela coisa de poxa, você começa a fazer amizade ali então eu lembro que na época eu conversava muito com Davi né. Davi morava perto da minha casa, morava mais próximo assim, agente ficava conversando sendo

que Davi estava num nível muito mais alto do que o meu na época e começa a falar pra mim de trecho de orquestra, de compositor, essas coisas todas assim e isso tudo foi me chamando atenção e eu fui vendo que, poxa, na banda né que tem como viver disso aqui. E eu comecei a fazer aula com o senhor dia de sábado, lá na banda lá, trabalhar os métodos, ainda lembro, *Método Alivizute*, *Alivizute 1*, ainda lembro passando aquelas notas longas do *Alivizute*, ai depois passando aquelas escalas, eu fui vendo que uma é o trompete e a música né como um todo, é uma coisa que você não, quanto mais você estuda mais tem coisa pra estudar né, ou seja é uma coisa que desafia você diariamente, todo dia se você abrir um método para estudar, abrir um livro de teoria, alguma coisa, você vai ter sempre alguma coisa que, poxa, isso aqui ó até ontem eu não sabia e isso fez eu buscar essa coisa de querer entrar na vida profissional, e também uma das coisa assim que, tipo até então eu não tinha pensado, assim de entrar na vida profissional, é porque eu não imaginava que eu tivesse condições de realmente ser músico profissional né, porque eu ficava tocando ali na igreja ali, tocando terceiro trompete ali né, me arrastando ali, não achava que eu tinha condições né, até que surgiu a oportunidade de fazer o teste para a Orquestra Jovem do Conservatório por maestro José Renato, isso eu tava com o que? Eu estava com meus quinze anos, foi. Ai nesse tempo, até então, eu estava estudando e tal e eu nunca tinha tido um professor de trompete mesmo, pra sentar ali do meu lado e dizer, olha Dinho trompete é assim, o som do trompete é assim, agente pensa em técnica tal, assim, nunca tinha tido né. Tinha vontade de ir pra o conservatório, mas acho que como eu era muito novo minha mãe não deixava né. Minha mãe não, não vai não, você é muito novo, não pode tá pegando ônibus porque eu morava em Abreu e Lima né, morava no Planalto e para ir para o conservatório, era complicado, ai minha mãe não, não vai não, você é muito novo, não dá pra isso não. Ai eu lembro que eu digo, eu com quinze anos eu botei o pé no propósito assim, não eu vou tentar fazer a prova da Orquestra Jovem porque por mais que eu não passe na prova, mas eu vou ter tipo assim, a experiência de conhecer outras pessoas lá e quem sabe até conhecer um professor de trompete e ficar lá, e estudar né. Nessa época eu já estava com o pensamento assim, poxa, se eu for pra o conservatório eu posso ter chance de ser trompetista né, pelo menos melhorar no instrumento né. Ai eu lembro que eu ficava ouvindo era o cd do Wynton Marsalis, todos os dias o cd de Wynton Marsalis né, que era minha referência de som assim né, eu dizia, poxa, eu preciso ouvir esse som que é pra tentar tirar esse som do trompete né, e comecei a me prepara para a orquestra, para prova da Orquestra Jovem, ai eu lembro que nessa época eu ainda ia dia de sábado ter aula com o senhor ainda, lá na cozinha lá da banda.

MARCELO: hamram

DEIVID: ai eu ficava mostrando, olha professor isso aqui, eu estou tocando o trecho aqui né, que era até uma música do *Metódo Arban, a Fantasia Brilhante*, ai eu ficava passando, tocava e ficava tentando copiar o que eu ouvia no cd né, ai eu lembro quando eu fiz dezesseis eu me inscrevi na prova da orquestra, fiz o teste e pra minha surpresa eu passei de primeira né. Entrei no conservatório, alias entrei na Orquestra do Conservatório e a partir daí ficou assim, eu conversei na época com o maestro lá, José Renato, para eu entrar no conservatório também, aí foi o tempo que eu conheci professor Wilson, conheci o pessoal do Conservatório né. E, eu lembro que uma vez eu antes do ensaio da orquestra eu estava aquecendo assim, e eu peguei uma cabine do conservatório ai Wilson chegou, ai Wilson, poxa, você toca bem rapaz, você tem jeito para o trompete, está com quantos anos? Ai eu disse: só tenho dezesseis professor. Aí ele: poxa, toca alguma coisa ai pra mim, pra eu ouvir você tocar, pra ver como você toca. Até então eu achava que tinha algum problema de embocadura comigo assim, porque eu nunca tinha tido aula com ninguém pra saber se eu estava soprando correto ou não, e eu toquei pra ele assim, ai ele disse nossa você não tem problema de embocadura não rapaz, seu som está bom, esta tudo no lugar, sendo que ai ele encontrou uma dificuldade minha, que era leitura, ai ele não rapaz, ainda lembro ele falando, você esta com um nível no instrumento e um nível na leitura, tem que equilibrar isso, tem que, ele falou na época né, não vá estudar *Pozzoli*, vá estudar Marcus Bonna. Ai eu peguei a oportunidade e disse ao professor “posso fazer aula com o senhor”. Ai ele: porque você não faz a prova do conservatório? Ai eu fiz a prova para o conservatório, nesse mesmo ano eu acho que foi na metade do ano isso, acho que foi junho, ai fiz a prova do conservatório, aí já entrei né, ai já começou uma história diferente, porque ali até então, tipo assim a música e o estudo do trompete não era uma coisa assim digamos, eu sempre levei a sério né o estudo do trompete né, mas eu não tinha muito aquela cobrança digamos assim, olha tal dia você tem que apresentar essa lição aqui, tem que tocar desse jeito assim tem que fazer isso tem que fazer aquilo, e as aulas do conservatório de teoria né, já começou a ficar mais pesada né. Eu lembro que no primeiro semestre eu já comecei a estudar teoria, a estudar harmonia, nunca tinha tido aula de harmonia até então, ai fui estudar, fui estudar harmonia, fui aprender o básico do básico de harmonia né, que é a prender as tríades todas aquelas coisas tal. Quando eu entrei na orquestra de fato, eu comecei a ver que eu digo, poxa, realmente dá para viver de musica né, comecei a ter contato com outros músicos, sendo que eu a princípio, como eu estava tocando na orquestra eu olhava assim e digo não eu quero ser um músico de orquestra, o que é que músico de orquestra tem que fazer? Ai eu lembro que o professor Wilson falava para, não tem que estudar incerto, tem que tocar isso aqui, tinha que tocar repertório, tem que fazer isso, e assim eu fui levando né. Cada

vez mais levando a sério, a estudar musica né, fiz o técnico ali no conservatório, quando eu entrei no técnico realmente tipo assim eu digo, poxa já estava com o que? Com 17 anos quando entrei no técnico, e eu já estava com aquele pensamento assim: eu preciso levar a sério que eu quero viver de música, e nesse meio tempo eu já estava começando a fazer primeiro trompete na banda da igreja que já era uma prática para mim que hoje olho assim e digo, poxa, quebrou muito, como eu posso dizer, a forma prática de conjunto muito boa, e quebrou essa questão de você ter medo de tocar, sabe? Você tocar na frente das pessoas né, que é um problema que eu vejo que algumas pessoas que não tiveram essa mesma formação tem esse problema, de você chegar à frente das pessoas, levantar, fazer solos né, essas coisas assim, e a prática na banda da igreja né de estar tocando repertório diferente, fazer solos essas coisas assim, me fez ter uma bagagem, digamos assim, para vencer determinadas questões né.

MARCELO: fora a banda da igreja, você já tocou em algum outro grupo profissionalmente?

DEIVID: pronto! Eu fui da banda do CEMO, trabalhei na banda do CEMO, eu trabalhei na banda de estagiários do GAC né, que eu nem sei se ainda tem mais essa banda.

MARCELO: eu acho que não.

DEIVID: e tocava em casamento né, vivia tocando em casamentos na Orquestra Veneza, fiz e comecei tocar baile também né. Passei um tempo tocando baile com os meninos né, isso de trabalho, digamos mais sérios, acho que foi mais a banda do CEMO e a banda lá do GAC e a Orquestra Jovem também né.

MARCELO: agora, é assim, quem lhe conduziu assim da banda, no meio da banda para você ir pra o conservatório, ou quem lhe incentivou? Olha bora fazer o conservatório? Bora fazer o CEMO? Bora fazer o Centro de Criatividade? Teve alguém que falou isso? Ou não?

DEIVID: então na época que eu estava estudando isso, meio que tipo assim, os meninos já falavam comigo na igreja né, o Manassés, o Ulisses, o Davi né, que a gente estava sempre mais juntos ali né com os meninos. O Tony né, o Tony foi um dos caras que me incentivou pra caramba assim de ir pra o conservatório, assim de poxa você tem que estudar Deivid e fazer aula com alguém né, e o senhor também né, eu lembro que o senhor disse vá lá estudar no conservatório que lá você vai aprender com professor lá, vai ser melhor porque realmente é complicado assim, fazer um trompista ensinar o trompete, eu sei que são instrumentos de metais mais tem, são e tem diferenças né.

MARCELO: tem, lógico, é isso mesmo.

DEIVID: hoje eu vejo que foi negócio de herói mesmo.

MARCELO: é porque assim né, a questão pela sua dificuldade de ler a partitura da banda, meu trabalho era só para a questão da leitura, entendeu, mas a questão técnica é sempre bom

ter o próprio professor do instrumento, né. Mas assim, eu fiz a função de mestre de banda, de ensinar aquele básico para todos, a dificuldade do aluno eu ensinar só o básico, mas assim como seu professor ensinou o trompete né, a escala tonal e a escala cromática né, a escala de dó maior e a escala cromática.

DEIVID: humrum.

MARCELO: então na banda se o aluno não desenvolver esse básico aí que tem, né, fica difícil. É, você poderia me dizer o que a banda trouxe para a sua vida? Ou o que ela representa?

DEIVID: e então, a banda assim, eu sou muito grato, muito grato de verdade mesmo assim à banda, porque eu acho que se eu não tivesse tido a experiência que eu tive assim na banda acho que dificilmente eu teria entrado na vida profissional, dificilmente assim, porque esse contato com a vivência dentro da banda, de tocar, de tá vendo repertório, de está vendo toda a vivência mesmo diária, de você está indo para as apresentações, eu acho que dificilmente eu teria vingado mesmo na música né, e a importância disso também é porque hoje eu olho assim e tem coisas que eu toco hoje no meu dia a dia, que eu toquei na banda quando eu era adolescente, porque eu lembro que a banda da igreja, apesar de ser uma banda da igreja, a gente tinha a tradição né, e talvez essa tradição tenha até hoje, de tocar dobrado, tocava algumas transcrições de obras eruditas né, eu lembro que na banda, eu acho que cheguei ler o 220 né de Antônio Manoel do Espírito Santo, os Quatro Tenentes também, Batista de Melo, todas essas músicas eu toco no meu dia a dia hoje no meu trabalho. É um repertório que eu acho que não é exclusivo da banda militar, é de banda, toda banda por aí a fora toca esse tipo de música né. Eu lembro que transcrição de orquestra a gente tocou, pelo menos no tempo que eu estava, tocou é, Poeta e camponês, tocou Finlândia, né, eu não recordo de outras músicas assim, mas poxa, todas essas músicas que a gente tocava na época, me deu bagagem para eu tocar hoje, tipo assim, nossa eu já toquei isso, não é uma novidade pra mim, e tudo isso, digamos assim, pensando no processo para o músico virar um profissional é importante porque você preparado, você já está lendo um repertório que você vai usar no futuro né. Eu mesmo nunca imaginava que eu adolescente com treze, quatorze anos de idade, tocava as músicas que iria esta tocando hoje né, profissionalmente na banda né. Então essa importância da banda assim na minha vida foi muito boa. E também tem outra questão que eu acho, que assim, que a banda também me fez tipo assim, teve uma importância muito grande, era a questão da disciplina, porque eu lembro que o pessoal da, principalmente os trompetes assim né, eles eram bem chatos com relação ao horário, aquela responsabilidade de você tocar o que estar lá na partitura né, tipo assim o pessoal se é saindo tal hora, era tal hora mesmo tal, tipo

assim de você ter aquela responsabilidade de não faltar ensaio, não faltar apresentação, e isso eu adolescente né, porque adolescente você ainda esta naquela fase meio que naquela transição saindo da infância ali né, você não tem tanta responsabilidade assim né, e eu com treze, quatorze anos já ter essa responsabilidade, ó não pode tá faltando ensaio não, ó tem que está no ensaio, o ensaio é as duas horas da tarde tem que tá lá, não pode faltar ensaio, não pode faltar apresentação, tem que estudar o repertório da banda, então isso pra minha vida adulta digamos hoje, desde cedo eu já tenho aquela coisa da responsabilidade de você levar a sério as coisas, que a música ela é bem exigente né. Você não da pra fazer música de todo jeito. A música é muito exigente, muito criteriosa e essa disciplina que eu tive na banda me ajuda hoje no meu dia a dia né. Não só pelo fato de ser músico, mas também para o militarismo também tem muito essa coisa de você cumprir o compromisso, você estar na hora, você fazer o que é pra ser feito ali né, e está tudo bem explicado né. A importância da banda pra mim é essa assim, de disciplina, o auto aperfeiçoamento, e a gratidão mesmo né, de não ter pago nada pra aprender música e hoje em dia usufruir disso profissionalmente né, isso pra mim não tem nem o que falar assim né, só agradecer assim a oportunidade né.

MARCELO: Qual a influência e relevância da banda no cenário musical da região e no meio evangélico? Qual sua opinião sobre isso aí?

DEIVID: então a influência da banda, eu sei que é uma banda evangélica que se apresenta diante de uma igreja, porque o normal das bandas ai fora é a banda se apresentar na rua né, e fazer concertos, se apresentar em teatros né, sendo que a banda da igreja tem essa peculiaridade né, ela se apresenta dentro de uma igreja, exclusivamente digamos assim, mas pensando em um ponto de vista social, poxa, a música tem essa questão da disciplina feito eu já falei né, ou seja, tira o adolescente do ócio ali né, foi esse o meu caso, e dá uma oportunidade de você se aperfeiçoar, de você aprender uma profissão, e até mesmo para aqueles que não querem ter uma profissão, porque realmente nem todo mundo que passou pela banda se tornou profissional de musica é fato isso assim né, mas eu tenho certeza que a música ela tem essa questão da responsabilidade e da disciplina para a vida pessoal da pessoa né, você ser um bom pai de família, você ter responsabilidade com o seu emprego lá, por mais que seja outra área, você ter aquela disciplina que veio da música. Pensando no cenário evangélico, poxa, a igreja ela tem muita obra, que digamos assim, relevantes né, por exemplo, aquelas apresentações que a gente fazia na praça né, quantas pessoas ali não foram tocadas pelo poder da música né, teve a mudança de vida a través da música né. Através daquele trabalho né, quantas pessoas não podem ter olhado assim, poxa, aquele jovem ali tocando ali poderia ser eu.

MARCELO: hanrãm

DEIVID: porque, eu falo isso porque um dia eu já estive no banco lá assistindo a banda e imaginando que um dia eu estaria ali tocando, então é essa importância da banda de ser um exemplo, digamos assim, não só para a sociedade, bem a palavra não é sociedade né, mas não só para a comunidade cristã, mas também para a sociedade como um todo né. O trabalho da banda ele é muito importante né, e você veja que, quantas pessoas não passaram pela banda né. Quantas pessoas que são profissionais e passaram pela banda né. Pessoas de alta relevância assim né, eu acho que não só, porque a gente quando fala de música a gente acha que a primeira coisa que tem que sair é o músico né, mas quantas pessoas não saíram da banda advogados, pessoas de outras profissões que desempenham muito bem né, ou seja a banda tem uma importância que ultrapassa a extensão do templo né, ela ultrapassa qualquer extensão do templo, realmente é algo que a importância vital ali né.

MARCELO: você teve alguma rejeição na sua família por seguir a carreira de músico? Ou teve o apoio em relação, porque às vezes você “não porque meu filho tem que ser isso, tem que ser advogado, tem que ser professor, tem que ser isso ou aquilo outro, tem que ser médico” ou sua família deu apoio de você seguir a carreira de músico profissional?

DEIVID: então, acho que na família de qualquer pessoa assim, na maioria das pessoas né. A minha teve assim uma rejeição de início, porque na minha família não tinha tradição de músico, de pessoas que “meu pai é músico”, o único músico da família até então, a querer entrar na carreira profissional seria eu né, e de cara assim né. Acho que minha família encarava aquilo ali, eu tocando trompete ali, como um *hobby* né. Está tocando na igreja, apoiava na questão assim né, como meus pais são evangélicos, está na igreja, está participando de um grupo da igreja, está ali firme dentro da obra né. Mas nada que fosse passar da questão para ir para parte profissional né. Sendo que, quando eu passei na Orquestra Jovem eu acho que deu pra entender que não era só uma brincadeira aquilo ali, eu queria realmente levar aquilo ali a sério né. Eu lembro que minha mãe conversava muito sobre isso comigo “meu filho é isso mesmo que você quer fazer da sua vida”, e eu disse “realmente eu quero seguir carreira, eu quero ser um músico profissional”, aí ela até falava assim, “a então você tem que estudar muito”, porque ela via o pessoal da igreja tocando, que vivia de música, no caso de Liudinho e os outros que viviam profissionalmente, “poxa tem que tocar que nem aquele pessoal lá, se não, como você vai entrar na área?” Eu lembro que meus pais foram assistir, eu acho que foi o primeiro concerto da Orquestra Jovem no Teatro Santa Izabel, foi isso mesmo, eles fizeram um esforço pra ir assistir né, até então eles nunca tinham visto uma orquestra sinfônica tocando na vida deles assim né. Minha mãe ficou encantada assim né,

“poxa, nunca imaginava que você meu filho ia estar tocando num teatro bonito desse, tocando esse tipo de musica, nunca tinha tido esse contato, com esse tipo de música, com a música de concerto”. Até então ela acompanhava o aniversário da banda, as apresentações que a banda da igreja fazia, mas nunca tinha... Acho que a partir dali minha família começou a ter um outro olhar né, um olhar de que “poxa, agora ele está seguindo o caminho profissional”. Mas, assim até mesmo depois dessa época, de vez em quando ela falava, “e aí meu filho, como é que vai fazer agora?”. Principalmente, quando eu fiquei de maior. Quando eu fiquei de maior ela ficou “e aí meu filho, qual rumo que você vai ter, você vai fazer vestibular né, na época eu estava estudando né, vai fazer vestibular não vai?” Daí, até na época eu conversei com Ulisses né que Ulisses nessa época tinha passado na aeronáutica né, aí eu falando com ele, “mas, poxa, eu queria ser de orquestra”, aí ele “cara porque você não tenta a carreira militar também, é uma oportunidade para músico”. Aí na época eu comecei a meio que pesquisar sobre o assunto né, e eu pensei, eu vou começar a me preparar para a vida profissional. Isso eu com dezoito anos, eu disse “vou começar a me preparar para a vida profissional e tentar concurso né, começar a tentar concurso, de área militar, qualquer concurso na área de música”. Eu botei na cabeça assim, quero ser profissional mesmo, nessa época eu já estava já adiantado né, no curso técnico lá no conservatório, aí eu comecei realmente a fazer trabalhos digamos assim profissional como, tocar casamento, aí de casamento eu comecei a tocar nos bailes de casamento essas coisas assim. Eu lembro que na época também eu comecei a tocar com um cantor evangélico né, o Marcos Antônio. Eu passei um tempo tocando trompete com ele e todo esse processo eu já estava decidido e a minha família já estava ciente que eu queria ser músico. Aí se fosse dar um parecer, digamos assim, de apoiar ou não eu acho que ficou meio que em cima do muro ali né. De primeiro momento, eu acho que o pessoal disse “eu acho que isso é só um *hobby*, só um *hobby* vai pra frente não”, e depois após isso né é que o pessoal começou, “ele quer seguir música né”, até tinha uma certa cobrança assim, mas pela minha mãe que ficava mais tempo comigo em casa, “olha vai estudar, não fica perdendo tempo com internet, computador, essas coisas assim né, olha vai estudar, perde tempo não, tem idade pra fazer concurso né, se tem idade pra fazer concurso vai fazer concurso, vai estudar”. E minha vida foi assim né, seguindo nessas etapas assim né.

MARCELO: a escolha de sair da vida erudita para uma vida militar, foi uma escolha em questão de oportunidade de emprego, na sua opinião?

DEIVID: sim, na verdade como eu já falei, assim né, desde o primeiro contato que eu tive com a orquestra jovem eu queria ser um músico de orquestra, meu pensamento na minha adolescência toda eu deslumbrei a questão de ser um trompetista de orquestra, tocar em

alguma orquestra grande. Na época, eu comecei a ver esse vídeo no *youtube* da OSESPE. Ver essas orquestras europeias tocando: Filarmônica de Berlim, Orquestra de Viena, a Filarmônica de Nova Iorque. Olhava assim e dizia, “poxa, assim na minha concepção, um músico profissional mesmo sendo um músico que tocava numa orquestra ou numa banda sinfônica, alguma coisa assim, minha concepção do músico profissional mesmo era só esse ambiente assim né, sendo que quando eu fiquei de maior eu comecei a pensar assim, essa questão de começar a entender que a música não é só isso. A música ela é muito ampla. Até hoje em dia, eu olho assim que tem muitos meios para música, não é só o camarada que é da orquestra ou o cara que é da banda, hoje em dia tem o cara que é professor, tem várias coisas. Tudo depende de como você vai encarar, encarar a profissão da carreira do músico. Sendo que, eu confesso que sempre busquei uma estabilidade. Eu queria trabalhar num lugar que eu pudesse me dedicar 100% a música e com isso eu comecei a ver, “poxa, eu acho que o músico militar corresponde basicamente a isso que eu estou buscando”. Tinha um certo receio, porque realmente, a vida militar é bem diferente, realmente, é uma coisa que para você entrar mesmo tem que estar preparado pra entender que você não é apenas músico, você terá outras atribuições além de músico. Mas, a questão de oportunidade mesmo né, você veja que todos os anos abre concurso, Exército, Aeronáutica, Marinha. Se bem que a aeronáutica parou um pouco com concurso, mas sempre tem concurso na área militar, PM, Bombeiro, e hoje eu vejo que foi uma escolha muito boa, porque onde eu trabalho, acho que se eu for pegar, se eu for pensar em porcentagem, acho que 95% do meu tempo é música, eu toco a maior parte do meu tempo. Tem outras funções administrativas, mas a maior parte do meu tempo é música, então eu vejo que eu fiz uma escolha certa né, que eu escolhi e fui por um caminho bom né.

MARCELO: e quem deu esse toque foi Ulisses?

DEIVID: foi Ulisses,

MARCELO: que deu esse incentivo de fazer a área militar?

DEIVID: é, claro que assim, eu fui conhecendo outras pessoas da área também, feito Edson, Edson é do Exército. Edson foi o cara que eu mais perguntei sobre o Exército, como ele passou primeiro no concurso. Eu lembro que Edson passou, eu estava com 17 anos, aí eu perguntava a ele direto, “como é aí, como é no exercito, o que é que o músico faz, o que é que não faz”, o Anderson também né, da Aeronáutica e assim eu, quando eu comecei fazer concurso eu queria ir pra aeronáutica né, porque para mim o atrativo da aeronáutica era o que? Eram seis meses só de formação, e eu imaginava que como tinha a Banda da Base Aérea do Recife eu iria voltar. Meu interesse era passar e ficar trabalhando no Recife, não sair de Pernambuco. Eu achava bonito, sempre achei bonita a farda da aeronáutica, essas coisas

assim, mas eu comecei a pensar “não tenho que fazer outros concursos”. Ai eu tentei marinha, tentei aeronáutica, tentei exército. Eu lembro que eu fiz a prova também da Banda Municipal de Jaboatão, também nesse tempo, sai fazendo tudo que estava ao meu alcance pra si fazer ali, de prova, concurso, o que eu podia fazer eu fiz. Estava aquele cidadão meio que desesperado. Acho que o músico nunca tem tranquilidade de estar sempre naquele corre-corre.

MARCELO: é porque quando a gente fica de maior né, os pais já começam a pôr a gente na... Eu passei por isso também, por não ter condições financeiras de se manter, então isso ai faz com que os pais sempre fiquem dando aquela injeçãozinha né, pra o camarada se tocar, diferente de um pai que tenha condições de bancar um filho até ele escolher o rumo que ele quer. Isso eu falei para Djair, que quando ele entrou no conservatório e a Mariana fez ele com esse pensamento, já estava na Orquestra Jovem também, tocando tal. Ai eu fiz a pergunta a ele né, eu perguntei a ele né, “oh Djair seus pais tem condições de você se manter até abrir um concurso da Orquestra daqui de Recife ou abrir o concurso da Banda Sinfônica?” Aí ele ficou meio indeciso, ai ele ficou pensativo, “então aproveite a oportunidade que você achar melhor, estude para qualquer área, tanto para Sinfônica, quanto para Banda Sinfônica, como para Marinha”. E, assim, eu sempre falava a ele sobre um emprego seguro né.

DEIVID: sim.

MARCELO: então, foi interessante, porque a primeira oportunidade que apareceu, foi o concurso da Marinha e ele passou, justamente isso ai.

DEIVID: é porque a carreira do músico...

MARCELO: o trabalho aqui fora é muito pouco né, e o Exército, a Marinha, as Forças Armadas no geral, eu não sei agora por causa desses sargentos temporários, mas todo ano abre. Independente de ser temporário ou não, mas efetivo sempre abre. Então, há uma oportunidade melhor né.

DEIVID: sim.

MARCELO: mesmo que as vezes a pessoa não queira, mas as vezes o que pesa mais é a questão financeira e a estabilidade, como você falou.

DEIVID: sim

MARCELO: e até hoje né, tanto a Orquestra e a Banda Sinfônica já faz 18 anos que não abrem concursos. Já pensou se estivessem esperando? Não é fácil né! Porque hoje, quer queira quer não, durante essa pandemia o quanto que tem de músicos aí passando por uma situação difícil, porque fechou as portas na questão de restaurante, de casamento, de cerimônia. Então, todo esse pessoal que vivia dessas condições, que a gente chama no popular de *freelancer*. Aí, hoje, durante essa pandemia passou sufoco e teve gente que foi até para

outras áreas como, fazer entregas, trabalhar de uber e outras coisas, até sair dessa crise, até voltar a normalidade de casamento, de recepção e restaurante e tocar na noite, essas coisas todas.

DEIVID: é porque assim meu maestro, a carreira do músico ela é muito complicada, e isso eu acha que tipo, por exemplo, até trazendo para a banda da igreja né, alguns problemas que eu via na época da banda era a dificuldade do reconhecimento com o músico. Porque eu até brinco com o pessoal do quartel, porque todo mundo gosta de música, mas ninguém gosta do músico. Porque é fácil assim né, é uma coisa que não sei, talvez por ser cultural assim né, de as pessoas não encararem a música como uma profissão, acaba acontecendo, digamos assim, uma falta de respeito com o músico sabe? É aquela velha história, “você trabalha com o que?” Trabalho com música, “sim, mas você trabalha mesmo com o que?” Ninguém nunca encara o músico como um trabalho e isso eu achava, “isso acontece porque é na igreja”, o músico não é profissional, mas isso é em qualquer lugar, eu vejo que em qualquer lugar, o bom é que a vida vai mostrando as coisas à você e você vai tirando, vai desmistificando o negócio. Até esses caras de orquestras famosas feito a OSESPE, por exemplo, eu digo porque eu tive oportunidade de fazer aula com o pessoal da OSESPE, aqui em São Paulo. E, as vezes a gente acha que o lado da grama lá é mais verde né, a gente acha que a vida do cara é melhor do que a sua né, e muitas vezes não é, as vezes não é, as vezes passa longe disso, as vezes o cara conta problemas lá que eu digo “poxa, passa a mesma coisa, a troca de figurinhas né”.

MARCELO: é, é verdade.

DEIVID: e assim para o estudante de música acho que é pior, por quê? Tudo em música é caro, tudo em música é muito caro, não tem nada em música que digamos assim que seja barato, Você quer comprar um instrumento, você vai gastar dinheiro, não é uma coisa que, “ah o instrumento é barato, não o instrumento é caro, um instrumento bom é caro”. É, e os trabalhos com música nem sempre são tão rentáveis, porque às vezes você gasta quatro a cinco mil reais num instrumento para ir tocar numa festa e ganhar duzentos reais, é uma coisa meio desproporcional, digamos assim. E, fora que o músico não pode se dar ao luxo de deixar de estudar não, tem que estar estudando diariamente. É uma prática constante ali, então você arruma problema com o vizinho, porque você tem que estar estudando, eu até brinco porque as vezes você está de folga, mas você não está de folga do instrumento, porque se você der uma folga do instrumento vai ficar complicado sua vida. Você tem que vencer o repertório que vai tocar, tem que vencer as coisas né, então você nunca tira férias do instrumento, eu tiro férias de trinta dias durante um ano né, mas poxa, se for calcular ali das minhas férias pelo menos

vinte dias eu estou com o instrumento ali, continuando, tocando, porque se não você perde embocadura, começa a ter problemas né, o dedo não começa a obedecer mais.

MARCELO: é verdade

DEIVID: é um problema, a vida do músico é complicada, não é. Trazendo para o lado do emprego, realmente é mais complicado ainda, porque, por exemplo, a pandemia parou tudo, parou tudo e quem vivia de casamento essas coisas realmente parou, aí foi onde eu vi realmente a importância. O músico ele tem que ser que nem um, digamos um jogador de futebol né, o jogador de futebol ele tem uma fase ali né pra ele ser jogador de futebol, passou daquela fase ali já complica pra ele né. Para o músico, eu acho que ainda é um pouco pior, porque ele tem que se programar em tudo, ele tem que ser estrategista né, não pode ficar esperando nada assim, ele tem que estar pronto. Quero ser um músico de orquestra, mas a sua preparação tem que está em dias ali para qualquer coisa né. E o bom da vida, digamos assim, desse emprego na área militar é isso, porque é uma alternativa boa, diga-se de passagem. Você ter um plano de carreira bom, eu acho que até mesmo o pessoal que é temporário, digo porque lá na banda tem muito temporário assim né, e eu sempre converso com o pessoal assim, se você souber fazer, é um trampolim, é um trampolim para você evoluir né, você buscar algo a mais da sua vida mesmo. O músico não pode se dar ao luxo de ficar parado né, parando o tempo passar.

MARCELO: isso é verdade, é verdade. Deivid, eu agradeço muito por sua participação, e por sua disponibilidade, de conceder essa entrevista para o trabalho, e até mesmo em prol da banda, ter um registro, uma documentação comprovando, o trabalho no qual ela contribui para a juventude, então eu fico muito grato e que você seja cada vez mais feliz nesse trabalho.

DEIVID: eu que agradeço maestro, o que é isso!

MARCELO: não é fácil a vida militar, não é fácil. Hoje está até bem melhor devido às oportunidades, mas eu sei que não é fácil e eu sempre vejo seu face, tocando sempre alguns trechinhos eruditos, outros populares. Também, o que me chamou atenção, qual foi a idade que você fez aquele arranjozinho lá, aquele primeiro arranjozinho lá?

DEIVID: pronto, eu fiz meu primeiro arranjo para banda com quatorze anos de idade.

MARCELO: pronto, quatorze anos de idade, pronto eu me lembro disso aí, quem dava as correções era Haniel não era?

DEIVID: Haniel, isso, ele que ficava me orientando. Inclusive hoje na banda do trabalho né, eu toco trompete na banda, mas eu sou arranjador né. Tudo que é relativo ao relatório lá da banda e precisa escrever quem faz sou eu.

MARCELO: meus parabéns, parabéns pelo seu trabalho.

DEIVID: eu tive até algumas oportunidades em relação a isso né, que meio que diferenciou no meio, porque tudo que a gente faz lá é coisa para autoridade, não é. Eu fiz o dobrado do comandante militar do Sudeste, que é o General principal daqui de São Paulo. Ele até foi transferido esse ano, ou seja, isso foi uma coisa que deu uma visibilidade muito boa para banda, no trabalho né, aí lá na banda tudo que é relativo a repertório, de fazer arranjo essas coisas assim sempre é comigo, as vezes eu passo mais tempo lá na banda fazendo arranjo do que tocando, as vezes.

MARCELO: compensando os horários, não é.

DEIVID: é.

MARCELO: então, parabéns aí, parabéns, pelo seu trabalho.

DEIVID: obrigado.

MARCELO: está fazendo faculdade, não né?

DEIVID: eu comecei licenciatura, mas eu tranquei né. Na verdade estou numa transição, porque eu estou querendo ir para a Banda Sinfônica do Exército. É até meio polêmico falar isso, que eu recebi convite duas vezes para Banda Sinfônica, mas todas as vezes que o convite chegou lá na banda, meu chefe não liberou.

MARCELO: então, ele não quer lhe soltar né?

DEIVID: não

MARCELO: ele que não quer lhe soltar, né.

DEIVID: a justificativa dele é que “poxa, o cara que faz o primeiro trompete, e faz arranjo para banda, deixar ir embora assim”, é complicado pra ele.

MARCELO: oh rapaz, realmente é verdade, é como cortar as pernas dele.

DEIVID: aí esse ano agora eu pedi transferência, aí eu estou vendo o que realmente vai acontecer. Se eu vou realmente ser transferido de São Paulo. Se eu não for, tenho vontade de voltar para Pernambuco também, aí o coração fica meio dividido ali né, entre as duas terras.

MARCELO: mas, é segundo sargento?

DEIVID: não, sou terceiro, ainda faltam sete anos para ser promovido a segundo.

MARCELO: porque aumentou o tempo né?

DEIVID: interstício, mas também faz pouco tempo que eu estou no Exército. Eu fui para o Exército em 2017, me formei em 2018, estou com quase três anos de sargento, ainda estou novinho ainda.

MARCELO: está bom, ainda tem muita coisa para dar, ainda. Está bom Deivid. Pode fazer seus agradecimentos aí.

DEIVID: pronto! A primeira coisa que eu gostaria de agradecer, tudo que a gente tem, é a Deus né, agradecer a Deus, pela força, por todas as oportunidades que Ele me concedeu, agradecer a banda né, acho que eu falo a banda, mas eu falo a banda como um todo né, porque acho que na vida ninguém chega em lugar nenhum sozinho.

MARCELO: é isso é verdade.

DEIVID: eu sempre faço questão de quando estou lá na banda, e a gente fica tendo essas conversas, “ah tu veio da onde” e cada um conta a sua história. Eu faço questão de falar da onde eu vim, de minha raiz, “não eu vim lá de Abreu e Lima, aprendi lá com maestro Marinheiro lá, aprendi música lá na igreja, saiu falando das pessoas que me ensinaram, os meninos lá, manasses né, Ulisses, o Tony, Haniel, que me ajudou nessa parte de entender harmonia, arranjo, que é muito útil hoje em dia no meu trabalho. Várias outras pessoas na banda que sempre me ajudaram, eu cheguei adolescente na banda ali, dando trabalho ali, mas, o pessoal estendeu a mão pra mim e isso é uma coisa que não tem dinheiro que pague. Realmente, não tem dinheiro que pague, eu estou na vida profissional hoje. Primeiramente a Deus e depois a banda, eu acho que a banda tem até uma certa importância, até mais que o conservatório, apesar do conservatório, ter me dado base, dado uma base maior para eu entrar na vida profissional, mas se eu não tivesse passado na banda da igreja, acho que nunca tinha chegado no Conservatório, nunca tinha chegado no Exército feito eu cheguei hoje, ou seja, eu olho minha vida hoje assim e eu vejo que é como uma casa, tem uma base, e vai até chegar no telhado digamos assim que é hoje, tem uma sequência ali. Não é uma coisa que chegou do nada, e realmente assim, eu fui ajudado, não tenho menor vergonha de falar isso não, eu fui ajudado, eu fui ajudado na banda, teve alguém tipo assim olhou pra mim, e tipo me ajudou, realmente, não foi uma coisa de chegar do nada né,

MARCELO: ok, então mais uma vez, muito agradecido.

DEIVID: eu que agradeço meu maestro, e agradecer principalmente ao senhor né, que foi o cara que pegou na minha mão ali, quando ninguém queria minha me dar aula de música ali, as aulas aos sábados, paciência de Jó,

MARCELO: está bom, ok, um abraço,

DEIVID: abraço.